



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Anabela Solinho Martins

**Encontros e Desencontros da Educação
de Adultos numa Associação de Teatro Amador**

junho de 2015



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Anabela Solinho Martins

**Encontros e Desencontros da Educação
de Adultos numa Associação de Teatro Amador**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências da Educação
Área de Especialização em Educação de Adultos

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Leonor Torres

junho de 2015

Nome: Anabela Solinho Martins

Endereço eletrónico: anabelasolino@netcabo.pt

Telemóvel: 925909682

N.º do cartão de cidadão: 07693016

Título da dissertação: Encontros e Desencontros da Educação de Adultos numa Associação de Teatro Amador

Orientadora: Professora Doutora Leonor Torres

Ano de conclusão: 2015

Designação do mestrado: Mestrado em Ciências da Educação (Área de Especialização em Educação de Adultos)

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial à minha orientadora, exemplo em organização e conhecimento, toda a compreensão e esforço para comigo.

Agradeço às minhas filhas, Indira e Ânía, e ao meu marido por terem acreditado em mim.

Agradeço à minha colega e amiga Cláudia Cruz a ajuda técnica preciosa.

RESUMO

O objeto de estudo do presente trabalho incide sobre uma associação de ação cultural, sem fins lucrativos e a partir da qual se pretende a perspetivação do tipo de educação nela veiculada. O estudo conceitual realizado exigiu passar a retina por autores que problematizam e produzem conhecimento sobre a educação formal, não formal e informal, a educação permanente e ao longo da vida, o associativismo, a arte, e que se revelaram essenciais na construção do pensamento do presente trabalho.

No âmbito de um estudo de caso desenvolvido ao longo de dois anos letivos, analisou-se uma amostra de nove indivíduos, agentes ativos dentro da associação estudada, através do recurso ao inquérito por questionário numa fase exploratória da pesquisa e, numa fase posterior. Pôde verificar-se que se trata de um organismo social com especificidades educativas que faculta diversos tipos de aprendizagens. Trata-se de uma associação cujo processo social de educação é fundamentalmente de natureza não formal e informal, muito embora se registem igualmente momentos formalizados de aprendizagem.

ABSTRACT

The object of study is focused on a non-profitable cultural association, from which its kind of education is intended to be transmitted. The conceptual study demanded a general analysis of several authors that problematize and generate knowledge about formal, non formal and informal education, permanent and lifelong education, partnership and art. These have shown to be crucial to the making of the present dissertation.

In what this two year study case is concerned, a sample of nine active individuals in the former association have been analyzed using an inquiry in the form of questionnaire in a researching phase, and semi-directive interviews in a posterior phase. It can be confirmed that this social organism provides several types of learning methods. It is an association which educational social process is fundamentally inserted in a non formal and informal nature, even though there have been equally registered formalized learning moments.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	ii
RESUMO	iv
ABSTRACT.....	vi
ÍNDICE GERAL.....	viii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	5
EDUCAÇÃO DE ADULTOS: POLÍTICAS E PARADIGMAS EM CONFRONTO	5
CAPÍTULO I	7
EDUCAÇÃO DE ADULTOS: POLÍTICAS E PARADIGMAS EM CONFRONTO	7
1. Da educação permanente à aprendizagem ao longo da vida.....	7
1.1. A Educação de Adultos em Portugal	15
2. Educação formal, não formal e informal.....	19
3. Uma conceção holística da educação.....	26
CAPÍTULO II	33
A EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM CONTEXTO ASSOCIATIVO	33
CAPÍTULO II	35
A EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM CONTEXTO ASSOCIATIVO	35
1. Contextualização nacional do associativismo.....	35
2. Educação não formal em contexto associativo e ação comunitária	38
3. Arte e educação em contexto associativo	41
3.1. Formas de arte	42
4. O teatro e as suas dimensões educativas.....	44
4.1. Origem etimológica e algumas notas evolutivas	44
4.2. Expressão humanista e educação informal	45
4.3. O Caráter social do teatro.....	47
4.5. Método ativo não diretivo	49
4.6. Animação teatral.....	51
CAPÍTULO III	53
PERCURSO METODOLÓGICO.....	53
CAPÍTULO III	55
PERCURSO METODOLÓGICO.....	55
1. A construção do objeto de estudo.....	55
2. Questões orientadoras.....	56

3. A Metodologia - O paradigma qualitativo e o método	57
4. Técnicas de investigação.....	59
4.1. Inquérito por questionário.....	60
4.2. Entrevista semidiretiva	61
CAPÍTULO IV	67
DIMENSÕES EDUCATIVAS DA ASSOCIAÇÃO DE TEATRO AMADOR.....	67
CAPÍTULO IV	69
DIMENSÕES EDUCATIVAS DA ASSOCIAÇÃO DE TEATRO AMADOR.....	69
1. Caracterização do contexto local da associação	69
2. Caracterização da associação em estudo	70
3. Caracterização dos agentes associativos.....	72
4. Caracterização das formas educativas da associação	73
5. Primeiro momento exploratório.....	73
6. Dimensões educativas da Associação de Teatro Amador.....	75
6.1. O ambiente de trabalho pedagógico da Associação	75
6.2. Perfil socioprofissional dos entrevistados	77
6.3. Encontros e desencontros educativos em contexto associativo	81
CONCLUSÃO	91
Conclusão	93
APÊNDICES.....	103
Apêndice 1 - Inquérito por questionário aplicado aos associados da associação estu- dada.....	106
Apêndice 2 - Guião das entrevistas.....	108
Apêndice 3 - Transcrição das entrevistas.....	109
Apêndice 4 - Quadro das entrevistas por categorias.....	172

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Esta é uma dissertação de mestrado realizada no âmbito de uma associação de teatro amador, e tem como objetivo principal analisar e compreender modalidades educativas não formais e informais em contexto associativo. É secundada, ainda, pelo objetivo de analisar o fenómeno social teatro em contexto associativo e interpretar o seu papel educativo na população adulta. Visa-se, portanto, examinar as repercussões pessoais e educativas que uma associação local de teatro de cariz amador pode ter nos cidadãos seus associados. O presente estudo de natureza exploratória pretende, pois, configurar-se como testemunho de que o teatro amador em contexto associativo pode constituir uma forma educativa, facilitando a construção da liberdade pessoal.

Encetamos, inicialmente, uma revisitação aos autores e a construção diacrónica do desenvolvimento da educação de adultos pela UNESCO, e também ao nível nacional. Essa investida teórica revelou-se muito importante na compreensão do sistema de educação de adultos. Também se realiza uma pequena abordagem sobre o teatro como arte. Assim, preconiza-se um estudo de cruzamento da parte teórica com a parte empírica da investigação de modo a validar os resultados.

No Capítulo I, são apresentadas ideias gerais sobre os conceitos de Educação Permanente – ou educação formação – e de Educação ao Longo da Vida – educação como busca pessoal e socialização – atinentes a Educação de Adultos que se foi impondo como de inegável valor na construção de indivíduos e de sociedades. Para isso, estudamos, embora sucintamente, a proposição de algumas CONFITEAS e o paradigma da Educação de Adultos como ideal humanista; isto é, ideal este visando a sustentabilidade pessoal e comunitária, mais do que servidora de interesses socioeconómicos. Particularizamos o estudo da Educação de Adultos, ainda no primeiro capítulo, ao caso português, e sintetizamos as diferentes formas e estatutos que foi assumindo desde a 1.^a República. São também tratadas as três formas de educação – formal, não formal e informal – porque são modelos educativos que se correlacionam quando de Educação de adultos se trata numa perspectiva de ensino-aprendizagem. Este capítulo finaliza com uma reflexão sobre Educação de Adultos postulada em valores, na autonomia, na inclusão e diversidades, portanto holística.

O capítulo II versa sobre educação, formação e arte em contexto associativo. Colocamos o enfoque no teatro e na sua dimensão educativa uma vez que se trata de uma forma de arte cuja linguagem é universal. Começamos, neste capítulo, por apresentar uma evolução do associativismo em Portugal e da sua dinâmica de educação de adultos ou campanha de alfabetização.

Na abordagem empírica – Capítulo III - apresentamos a metodologia de investigação e de análise de um grupo associativo de teatro amador. Optamos por observar diretamente momentos de ensaio e de produção de espetáculos de cariz dramático por um período longo de tempo. A partir dos materiais recolhidos, plasmando experiências, sentimentos e aquisições feitas pelos agentes associativos observados ou inquiridos, buscava-se o carácter formativo e as interações educativas do desenvolvimento dos associados ativos. Numa primeira fase, construímos um inquérito por questionário e, posteriormente, além da abordagem direta durante os ensaios, também entrevistamos agentes associativos ativos.

O Capítulo IV - Dimensões educativas da associação de teatro amador – apresenta a caracterização do grupo associativo e das suas formas educativas, tendo como referência o conteúdo dos capítulos teóricos e a sua relação com os dados recolhidos. Neste capítulo, são analisadas as respostas e experiências observadas à luz das hipóteses e objetivos, formulados pelo investigador, e do quadro teórico que encontrou sobre dimensão educativa em contexto associativo.

O paradigma não formal e informal da educação veiculada no grupo associativo em causa é o objeto da breve análise que constitui o presente trabalho algo flutuante e cujas conclusões são atinentes com o quadro teórico investigado e apresentado. Pretendia-se verificar se o trabalho associativo envolve aprendizagem entre os seus pares e que tipo de sistema educativo lhe está subjacente. Sem conclusões definitivas podemos dizer que reconhecemos num grupo associativo e na área em que o seu trabalho se desenrola – o teatro – dinâmicas de ensino-aprendizagem quer formal, quer não formal e informal.

CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO DE ADULTOS: POLÍTICAS E PARADIGMAS EM CONFRONTO

CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO DE ADULTOS: POLÍTICAS E PARADIGMAS EM CONFRONTO

1. Da educação permanente à aprendizagem ao longo da vida.

Permanente e ao longo da vida são terminologias ligadas à educação de adultos e paradigma de educação preconizada a partir da I Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA). Esta conferência teve lugar em 1949, em Elsinore, e é a primeira de muitas outras conferências empreendedoras do debate sobre Educação de adultos.

O aparecimento das duas expressões para exprimir a ideia de que o adulto deve manter-se ativo e atualizado para se integrar e fazer integrados os outros indivíduos à sua volta resulta da tradução do francês (educação permanente) para o inglês (educação ao longo da vida), o que parece não passar de uma questão linguística. Contudo, uma e outra terminologia têm utilização mais numa fase do que noutra, ora pelo motivo supra referido, ora pelo que a seguir se revelará. Mas é um facto que ambas as expressões estão consignadas a educação e, em particular, a educação de adultos.

O campo da educação de adultos vai ser objeto de consideração no pós Grande Guerra. Este período foi palco de operações transformadoras do pensamento e atuações humanas. A *Declaração Universal dos Direitos do Homem* é um documento importante que resulta da necessidade que, naquele período,urgia operar nas comunidades e sociedades em geral. Neste documento, a educação e o ensino são proposições das Nações Unidas, prevendo-se, assim, que a liberdade pessoal e comum acontecesse sem receios, nem imposições (Dias, 2009: 14). A reposição da dignidade humana e de valores através do ensino e educação, como nos diz Dias (2009: 61) constitui o fundamento da Carta Universal redigida em 1948; senão vejamos o que nos diz o autor a esse respeito:

“Temos assim que o mundo da dignidade e dos direitos humanos que constitui a nossa mais alta aspiração e se encontra expresso na concepção comum vertida na Declaração, (sic) é agora proclamado pela Assembleia-Geral como ideal comum a atingir por todos

os membros da `família humana`: `todos os indivíduos e todos os órgãos da sociedade`, `todos os povos e todos as nações`.” (2009: 70; aspas no original).

A educação, segundo o mesmo autor (2009: 77) é um instrumento de inegável importância e responsabilidade no desenvolvimento dos indivíduos e das nações, o que é partilhado por diversos autores nas suas explanações acerca dos relatórios das várias CONFINTEAS e em que o paradigma de educação ao longo da vida nos surge a revolucionar o sistema educativo.

O receio da destruição da humanidade, sentido no período pós II Guerra Mundial, foi um entre os vários motivos que levou à organização da *1.ª Conferência Internacional sobre Educação de Adultos* (CONFINTEA), em Elsinore, em 1949, da responsabilidade da UNESCO. O grande objetivo deste organismo terá sido o de discutir as formas de educação e formação de adultos, e, assim, contribuir para que os adultos fossem capazes de evitar situações idênticas à da Grande Guerra ou outras de desumanização. Urgia reconstruir a Europa, apesar da escala mundial dos problemas, e também combater o analfabetismo, a exclusão e a prepotência, em prol de sociedades alfabetizadas e em união de esforços. Entendia-se, pois, que a educação era um caminho para alcançar a paz entre os povos e as nações; providenciar-se-ia a atualização e formação profissional do adulto, com vista à “reconstrução nacional” e à construção pessoal (Dias, 2009: 166). E é nesse sentido que se preconiza a educação de modo contínuo, de “preparação para a vida” (idem). Segundo Rui Canário, (2008: 12): “fôra particularmente enfatizada a vertente de educação cívica”. Nas palavras de Ribeiro Dias “a educação de adultos tem por tarefa satisfazer as necessidades e as aspirações do adulto em toda a sua diversidade.” (2009: 167).

Aquando da CONFINTEA II, em 1960, em Montreal, o quadro de preocupações mantinha-se – o mundo autodizima-se se o Homem não estiver informado, não souber das consequências dos seus comportamentos e não se sentir responsável pelos mesmos. A paz fazia-se sentir e o Homem deveria estar unido nessa construção, o que o *saber* e o *saber estar*, entre outros valores, seriam conceitos e práticas necessárias. O conceito de alfabetização alarga-se e aparece, lado a lado com outros conceitos, nomeadamente o de alfabetização funcional. Infere-se, portanto, o interesse económico ligado ao sistema de educação de adultos, porquanto esta fica atrita a aperfeiçoamento da formação escolar (Dias, 2009: 166).

Na CONFINTEA III, em 1972, em Tóquio, começou a desenhar-se um conceito de educação permanente e comunitária, que vem a ser reforçado, em 1976, na *Recomendação sobre o Desenvolvimento da Educação de Adultos*. Segundo Dias (2009: 175) “a Unesco, [...], adota o conceito de alfabetização funcional em função do desenvolvimento não apenas económico mas também social e cultural, ou seja do desenvolvimento integrado.”. Toma-se, pois, maior consciência de que, na educação de adultos, deve considerar-se o adulto como alguém com características, experiências, saberes diversos, dificuldades e necessidades específicas que o guiarão no seu caminho de autoconhecimento, de construção, de responsabilidades comuns ao meio que o rodeia.

A educação permanente aparece, assim, como processo alargado a todos os indivíduos, jovens e adultos, quer àqueles que tiveram oportunidade de se formar na escola, quer àqueles que não tiveram essa oportunidade. Procura-se repensar a formação inicial, por sua vez escolarizada, e a correspondência da mesma às necessidades sociais. Desta feita, educação permanente visava promoção de oportunidades iguais para todos, e o fim de educação validada apenas como formal (Guimarães: 2011). Educação permanente resulta da consideração de quão incompleto ou insuficiente estava a revelar-se o ensino formal. Passa a considerar-se a educação que permite acompanhar o desenvolvimento científico e tecnológico, o que acontecia em algumas das nações participantes nas CONFINTEAS. Por outro lado, a alfabetização em países menos industrializados urgia, quando apareceu o conceito de educação permanente. A necessidade de bem estar, o desenvolvimento científico e tecnológico e o seu acompanhamento pareciam aclarar a busca das nações de novos processos de educação dos indivíduos com vista, portanto, à preparação dos indivíduos para mudanças estruturais que esses avanços tecnológicos e científicos iam exigindo. O desenvolvimento de uma educação permanente pressupõe diferentes contextos de operacionalização no sentido de dar resposta às exigências e transformações que a sociedade vai impondo. Na ótica de Guimarães (2011: 48) “A educação permanente pressupõe por essa razão uma nova concepção de indivíduo, pois tem como finalidade o desenvolvimento total do sujeito e a conquista autêntica da liberdade e a promoção da democracia no contexto de profundas transformações: [...]”.

Mas para tal, o papel do Estado, na construção de condições e oportunidades iguais, é considerado fundamental. Cabe ao Estado a provisão educativa e formativa, como concerne o Re-

latório Faure, para assegurar, assim, a participação e desenvolvimento democrático das nações (Guimarães, 2011: 152).

A educação permanente, como a UNESCO (2009) a reflete, é um primeiro grande passo para a atribuição de estatuto de “[...] identidade institucional à educação de adultos.” (Guimarães, 2011: 153). Apesar de tudo isto, não se revela um processo com rigor de aplicabilidade ou, nas palavras de Guimarães, “[...] não se funda em pressupostos científicos próprios, [...]” (2011: 155).

Este paradigma de educação permanente revela-se, portanto, utópico, sobretudo porque as “diferentes modalidades educativas” (Guimarães, 2011: 148) não facultam iguais oportunidades de ensino, nem o acesso a elas corresponde necessariamente a sucesso.

No seu relatório *Aprender a Ser*, Edgar Faure fala de educação permanente que, em português, resultou nas variantes de educação, formação e aprendizagem. Este último conceito prevê, na perspectiva de Licínio Lima (2007: 16), uma ação conseguida em e através de diferentes contextos educativos – formal, não formal e informal. A socialização é, assim, aprendizagem, permitindo também ao indivíduo enfrentar os desafios sociais variados. Desta forma, a “escola da vida”, “a escola paralela”, como Licínio Lima (2007: 16) nos apresenta a aprendizagem em socialização, parece ganhar importância, mas não legitimidade suficiente, dado o enredamento das sociedades e as políticas educativas distantes de ideais humanistas.

Considerando o que Rui Canário (2008) nos diz sobre educação permanente, este é um conceito que se focava no indivíduo enquanto membro de uma sociedade. E é Edgar Faure, no seu relatório, em que preconiza o *aprender a ser*, que encontramos o conceito de educação permanente com esse valor em torno da pessoa (Canário, 2008: 9). Mas a evolução da educação de adultos entendida como educação que se quer permanente tomou um rumo mais de formação do que de busca autónoma de resposta a necessidades ou aspirações pessoais (Canário, 2008: 10). O excesso de escolarização contribuiu para o fracasso da educação ou formação de adultos pelo receio que a “infantilização dos adultos” ocorresse (Canário, 2008: 10).

O conceito de educação e formação permanente vai vestir-se de novo, passando, na CONFINTEA IV, em Paris, em 1985, a designar-se educação ao longo da vida. Apesar de vários interesses subjacentes à promoção da educação de adultos, a UNESCO foi promovendo

CONFINTEAS, e diferentes problemas foram sendo debatidos também para além do principal objetivo – educação de adultos, sendo outro deles o combate pacífico e unificador de problemas globais, isto é a sustentabilidade do indivíduo e do seu mundo comunitário.

Na CONFINTEA V, em Hamburgo, em 1997, resultam novas propostas de educação de adultos, de que se destaca o reforço da sociedade civil na educação de adultos.

A educação permanente e educação ao longo da vida são conceitos próximos, embora este último acuse uma semântica alargada não só aos fundamentos pessoais que a educação de adultos implica, mas ao desenvolvimento de indivíduos e comunidades face às rápidas mudanças operadas nas sociedades. Este é, portanto, um conceito cujo enfoque não vai tanto para estruturas de ensino, mas que está no indivíduo. No parecer de Licínio Lima (2011: 25), educação ao longo da vida “asumió objetivos que buscaban la ilustración y la autonomía de los individuos, además de la transformación social a través del ejercicio de una ciudadanía activa y crítica.”.

Educação ao longo da vida é um processo global de satisfação íntegra do indivíduo inserido na comunidade. É um conceito abrangente que implica o indivíduo na construção sustentável do mundo; portanto, é um dever de todos e que implica a participação da pessoa nas abordagens sociais com os conhecimentos e criatividade que tem e que pode desenvolver dinamicamente no seio de uma alargada estrutura formativa; o indivíduo deve buscar essa estrutura, garante de participação e desenvolvimento, e que não tem necessariamente que ser uma estrutura rígida como a escola. Assim, o adulto realizar-se-á, bem como à comunidade em que se insere.

O direito à formação ao longo da vida decorre, no entanto, não só da necessidade intrínseca de cada pessoa, mas também das exigências sociais e comunitárias que se impõem e a que todos devem ter acesso, para igual capacidade de acompanhamento das mesmas. Esta perspectiva é, pois, humanista. Pressupõe a igualdade de acesso ao conhecimento tão fundamental para o crescimento espiritual e solidário das populações e do mundo. Uma sociedade em que o adulto tem oportunidade de formação terá uma caracterização menos próxima da assistencialista, de compensação de carências. Desta forma, tornar-se-á uma sociedade valiosa, e como afirma García Carrasco (1997: 5), com sujeitos “subjetivamente valiosos.”.

A sociedade do conhecimento é, pois, aquela que compreende procedimentos sociais integradores de todos (crianças, jovens, adultos, idosos), com vista ao conhecimento e desenvolvimento geral. Nesse sentido, a educação do adulto é princípio base para a construção da sociedade e do bem estar de todos. A educação assim considerada, ao longo da vida, e construtora de uma sociedade melhor, será uma realidade em função da qualidade dos conhecimentos que encerrar e oferecer, e não tanto em função da quantidade dos mesmos.

Em todo o esforço de repor ou criar exigências solidárias e morais – harmonia, entreatajuda, compreensão –, adjuvantes da construção humanista do mundo, é indispensável capacidade de nos encontrarmos coletivamente, bem como apontam as recomendações de Jacques Delors, no seu relatório para a UNESCO (2003: 19), “[...] o século XXI exigirá de todos nós grande capacidade de autonomia e de discernimento, juntamente com o reforço da responsabilidade pessoal, na realização dum destino colectivo.”.

Mas este conceito de educação ao longo da vida, como é preconizado no Relatório Delors, vai mais longe quando concebe a educação como um todo. As várias modalidades educativas devem complementar-se, “[...] os autores do Relatório Delors consideram que as tradicionais distinções entre educação inicial e educação permanente, educação de jovens e educação de adultos, não fazem sentido e que importa pensar tendo em conta um ‘continuum educativo, co-extensivo à vida e alargado às dimensões da sociedade’” (Guimarães, 2011: 158; aspas no original). São valorizados os parceiros educativos, não tanto sob a regulamentação do Estado, de forma a não potencializar desequilíbrios e desigualdades. Contudo, a educação de adultos ao longo da vida camufla também preocupações estatais de carácter económico e de mercado (Guimarães, 2011: 154).

O paradigma da aprendizagem ao longo da vida, por sua vez, adquire, na perspectiva de Licínio Lima (2011: 27), valores mais orientados para o desenvolvimento económico das nações. Licínio Lima (2011: 27) esclarece-nos, referindo que se trata de um conceito que concerne à empregabilidade e produção ativas, e compreende a competitividade como valia para aquisição de conhecimento individual. Este conceito, segundo Griffin (cf. Lima, 2011: 30) tem um pressuposto mais individualista e despreocupa-se com as transformações individuais, que a aprendizagem em si, num modelo de educação ao longo da vida, pressupõe. Na perspectiva de Licínio Lima (2011: 31; aspas no original), “(...) el aprendizaje permanente se convier-

te en un atributo puramente individual, sólo totalmente eficaz cuando se utiliza contra el otro, con menos ‘habilidades para competir’.”. Formação e aprendizagem ao longo da vida resultam em interesses mercantis, de competitividade, em que o indivíduo é descurado na sua aprendizagem interior, como cidadão de uma comunidade, para ser valorizado enquanto produtor individual em disputa, num mercado global, e em que as suas decisões serão responsabilidades individuais com interesses igualmente individuais.

No entender de Licínio Lima (2007: 9) os diferentes modelos de educação de adultos – popular, cívica, comunitária -, para o desenvolvimento local, são processos capazes de emancipação e conscientização do adulto. Mas são modelos secundarizados pelo projeto de educação ao longo da vida, cuja dimensão se reduz às exigências socioeconómicas; ou seja, sujeita “à empregabilidade e à performatividade competitiva” (Lima, 2007: 9). E, neste caminho, a educação ao longo da vida como que é adestrada, portanto mais previsível e menos criativa, como Lima no-la apresenta na metáfora mão direita – adestrada -, mão esquerda – menos adestrada; querendo dizer que o não destro é o crítico, para compreendermos que a educação ao longo da vida e o rumo que lhe tem sido atribuído não é o mais condicente e esperado, enquanto outros modelos educativos não forem adotados, ou os supra referidos – popular, cívico, comunitário – não forem considerados em ajuda ao modelo de educação ao longo da vida.

Na perspetiva do mesmo autor (2007), o projeto de educação ao longo da vida, segundo o caminho que tem enveredado, resulta da necessidade de estruturar a sociedade e de adaptá-la a condicionantes sociopolíticas. Desta forma, o projeto de educação ao longo da vida vê-se estrangido, apesar de funcional e hábil; tornando-se, assim, menos interessante e menos criativo. É um projeto que se encontra, no dizer de Licínio Lima (2007: 7), “numa situação dialética”, tal como sugere a metáfora sobre o pintor com a mão direita – hábil, porquanto habituada – e a mão esquerda – menos hábil, porém criativa, porquanto “deseja” ter ou desempenhar o manuseamento da outra. É entendível que a justiça social será mais conseguida quanto maior o equilíbrio entre modelos educativos e condicionantes atuais ao projeto de educação ao longo da vida (2007: 9). Neste sentido, o autor revela-nos que esse projeto tem de adquirir sentido de reinvenção, e afirma que a “educação ambidestra” (2007: 10) é necessária, pois é ampla já que abrange a formação profissional do indivíduo e as suas cargas sociais, contribuindo para a consolidação de estados democráticos.

A educação de caráter “ambidestro” centra-se no indivíduo, na sua ação comunitária, nas suas ações diárias de descoberta de si, dos outros e do mundo. Para isso as aprendizagens permanentes, ao longo da vida são fundamentais, ao contrário de apenas formações contínuas que preenchem os indivíduos de competências profissionais. O exercício de cidadania ativa, igualdade de oportunidades, desenvolvimento da autonomia como estruturas de desenvolvimento e transformação social era, já, pressuposto no relatório de Faure. O Estado-Providência seria uma alavanca de igualdade de oportunidades (2007: 18)

Rui Canário (2008: 11-12) atribui um paralelismo entre a noção de educação ao longo da vida e a crise da escola; o aparecimento do paradigma de educação ao longo da vida terá deitado por terra o modelo educativo escolarizante para adultos, por prever essencialmente a formação profissional e diz-nos que “um processo de ‘aprender a ser’ (Faure, 1972) representa um ponto de viragem no pensamento sobre a educação.” (Canário, 2008: 87)

No sentido de promover compreensão e de potenciar o desenvolvimento sustentável, a educação é um caminho a ser proporcionado a todos, e percorrido continuamente, de forma a evitarem-se desequilíbrios sociais e de insustentabilidade do planeta. As políticas educativas têm o desafio de conciliar os fatores contributivos da construção democrática, do desenvolvimento humano e planetário sustentável. As culturas e tradições próprias das várias comunidades são riquezas que não podem ser subestimadas, ou não se faz democracia, não se pensa em comum, não se é solidário. Conhecermo-nos a nós mesmos é conhecer o outro, é aprender em comum, não de uma forma estanque e só num período da vida, mas ao longo dela, daí que os autores, nomeadamente Jacques Delors, tenham tido necessidade de dizer que “[...], fomos levados a retomar e a actualizar o conceito de educação ao longo de toda a vida, [...]” (2003: 15). Acompanhar o progresso desafiante será tanto mais doloroso a cada pessoa quanto mais ela o quiser fazer sozinha ou não o fizer numa perspetiva contínua.

A CONFINTEA VI, em Belém do Pará, em 2009, retoma a necessidade de alfabetizar jovens e adultos, e alonga a sua discussão ao conceito de educação ao longo da vida para formação de indivíduos ativos, participativos na construção pessoal e do seu meio global. Nesta conferência, destaca-se o reconhecimento da problemática da educação de adultos poder realizar-se em diversas circunstâncias ou modalidades. Reflete-se sobre a intervenção do Estado num modelo de educação de adultos que prevê os moldes não formais de educação, como se-

jam os de carácter não estatal, e, conseqüentemente resultando em desregulação. A intervenção do Estado é repensada, como forma de evitar fragilidades dos sistemas extraescolares de educação.

1.1. A Educação de Adultos em Portugal

A educação de adultos, em Portugal, como em vários outros países, concretizou-se, no passado, e como nos esclarece Licínio Lima através de “métodos de intervenção mais típicos da educação popular.” (2006: 15).

Durante a 1.^a República, ações populares acompanhadas de legislação respeitante a educação são levadas a cabo, embora não se tenha assistido a alterações significativas no âmbito da educação de adultos.

A concepção de educação de adultos emancipatória, preconizada durante a 1.^a República e no pós Revolução dos Cravos, em Abril de 74, considerando o papel das associações, sofre do prejuízo a que é votada em prol da educação de adultos escolarizada, como nos confirma Licínio Lima

“Em Portugal, as políticas educativas das últimas décadas têm desvalorizado a educação popular de adultos, de tipo não escolar, em contexto associativo, para favorecerem a educação escolar de segunda oportunidade, através do ensino recorrente, e a formação profissional.” (2006: 16).

Em suma, em Portugal, ações de carácter educativo para adultos surgiram como resposta a preocupações e necessidades técnicas e económicas, essencialmente. É neste sentido que o combate ao analfabetismo se inicia, aliado à formação técnica das classes operárias. A Igreja e diversas associações e instituições generalizam-se como motores de arranque da educação de adultos, nos moldes noturno e dominical.

Depois da leitura do documento do Ministério da Educação (1979), que nos dá conta dos trabalhos preparatórios para o *Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base dos Adultos* (PNAEBA), e das análises desenvolvidas por vários autores como, Alberto Melo (1998) e Canário (2008), podemos expandir-nos, afirmando que, em 1952, são criados os

Planos de Educação Popular e a Campanha Nacional de Educação de Adultos que carregavam o cunho centralista do Estado e desenvolviam-se dentro do modelo escolar tradicional. No entanto, associações de cariz popular e outras, já antes e durante a 1.^a República, tiveram um papel significativo na educação de adultos, promovendo iniciativas nesse âmbito. A instabilidade política e a crise económica que marcaram a 1.^a República, não deixando desabrigado o associativismo com iniciativas educativas de cariz popular, também não conseguem que as mesmas tivessem impacto na redução dos números de analfabetos, em Portugal.

No advento da ditadura salazarista, o analfabetismo cresce. A educação é descurada e são controladas ações populares atinentes, bem como manifestações associativas. A instrução popular de cariz republicano vai dar lugar à *Campanha Nacional de Educação de Adultos*, cuja matriz se centrava no Estado. Este esforço de matizes ideológicos não teve força para se sustentar de pé. Nas décadas de 60 e 70, a escolaridade obrigatória aumenta, surgem os cursos noturnos e associações desenvolvem ações educativas populares.

A Direção Geral de Educação Permanente (DGEP), por exemplo, surge em 1972/3 com o objetivo de coordenar e suportar iniciativas de educação popular, isto é, iniciativas populares de alfabetização, e cuja ação vai para além da revolução de 74; a DGEP, pois, fica com o ónus da alfabetização da população adulta e dos cursos de educação de Adultos. E só entre 75 e 76 é que a educação de adultos é integrada no domínio educativo. É então que a educação popular emerge, colocando a tónica na componente social, realizando-se, na perspetiva de Alberto Melo “[...], de fora para dentro, dos grupos sociais da população portuguesa.” (1998: 35). Porém, e já após a Revolução dos Cravos, as populações portuguesas apresentam melhores níveis de analfabetismo (Melo, 1998: 35). A educação de adultos, em Portugal, é, então, uma área de intervenção em que o que se conceptualiza na CONFINTEA realizada em Hamburgo se propõe realizar. Alberto Melo (1998: 35) diz-nos que “[...] a aposta centra-se fundamentalmente no desenvolvimento de dimensões educativas das práticas sociais, [...]”. E sabe-se que o modelo assumia a animação sociocultural como forma de construção educativa entre massas adultas. Este modelo, como nos elucida o mesmo autor, sobrepunha-se ao modelo escolarizante e “bancário”; considerando que este último revela interesses economicistas e menos humanizantes.

1979 é o ano marcado pela promulgação da lei para a eliminação do analfabetismo. O PNAEBA - *Plano Nacional de Alfabetização e de Educação Básica de Educação de Adultos* - foi criado, alargando o horizonte do sistema de educação de adultos aos domínios regional e local, visando apoiar ações associativas culturais populares de carácter educativo. No entanto, a forma como foi colocado em prática, com a intervenção, por vezes, militarizada, em meios rurais, condenou o PNAEBA a um fim rápido.

A educação de adultos vai sentir o seu campo de ação menorizado com a Lei de Bases do Sistema Educativo, porquanto esta lei remete aquele campo para a escolarização, fazendo-se recuar intenções. A vertente popular e associativa da educação de adultos é remetida para a berma, e assim vai arrastar-se pela década de 90 até aos nossos dias, descurando-se, portanto, a via extraescolar, e deixando a tónica na via escolarizante. A este respeito, diz Alberto Melo (1998: 36), que “[...] consubstancia uma tendência reducionista [...]”. O conceito de educação ao longo da vida, considerando vários subsistemas de educação – popular e associativo -, em Portugal não se torna realidade dada a preocupação de atribuição de estatuto escolarizante que se lhe quer imprimir. A resposta para o problema de analfabetismo fica incompleta e é aos jovens adultos que o ensino escolarizado, denominado recorrente, vai procurar dar satisfação. Uma política educativa articulada e praticada com coerência e estímulo não se verifica, e as carências da população adulta prevalecem (Melo, 1998: 39), apesar dos vários esforços de programas de desenvolvimento comunitário, partindo de iniciativas locais e sociais solidárias.

Mais recentemente, as políticas do Estado, querendo mostrar cumprimento dos desígnios internacionais em relação à educação de adultos, fomentam um modelo de validação das competências de jovens e adultos, tais são os Centros de Reconhecimento e Validação de Competências (RVCC) e os Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA). Estes modelos pretendiam-se mais no âmbito do extraescolar, mas resumem-se a vias compensatórias para aqueles que abandonaram a escola antecipadamente, ou aqueles que não tiveram oportunidade de a frequentar, como é o caso de população mais idosa. Contudo, na ótica da educação de adultos, aqueles centros desencantaram por serem uma medida de atribuição de certificações escolares e profissionais, mais do que um modelo de educação popular de adultos. Segundo Canário (2008: 11), depois da Revolução de 25 de Abril, a educação de adultos em Portugal, reduzida a programas de alfabetização, perde a maré que os fundos comunitários

prometiam na qualificação de quadros. Na atual abordagem da educação de adultos, em Portugal, em que se debate a “educação e formação ao longo da vida” e o “reconhecimento e validação de competências” (Canário, 2008: 11), a educação de base não pode ser descurada a favor apenas do reconhecimento de experiências, pelo que o atual modelo de educação de adultos não passa, nas palavras do autor, de uma “ilusão” (2008: 12)

Assim, problemas de intervenção democrática, de formação profissional e de educação em geral agravam-se com a debilidade do sistema de educação de adultos que, em Portugal, é um parente pobre da educação (Lima, 2007: 25).

2. Educação formal, não formal e informal

Aprender a *conhecer*, a *fazer*, a *viver juntos*, e a *ser*, são os quatro pilares do conhecimento (Delors: 2003), sem os quais o pleno e o íntegro não se constroem e as comunidades não se organizam, nem encontram coesão social. Em cada um destes saberes, uma diferente forma de ensino, de educação poderá ter um peso maior, mas é na conjugação dos vários caminhos educativos – formal, não formal e informal – que a pessoa se desenvolve e constrói a si no seio de outros, e os quatro pilares se afirmam como essenciais, a considerar ao longo do percurso de vida, pois tudo está sempre em constante mutação – as experiências, as aprendizagens, as sociedades. Na verdade, a educação suporta-se em pilares que não se dissociam; ser responsável e autónomo é ter competências, mas também cultura geral, saber comunicar para não nos sentirmos desacompanhados, tal como nos esclarece Jacques Delors (2003: 81) “Qualidades como a capacidade de comunicar, de trabalhar com os outros, de gerir e de resolver conflitos, tornam-se cada vez mais importantes.”.

Como estratégias de intervenção que visem mudanças sociais de desenvolvimento comunitário, portanto de emancipação das pessoas, temos três áreas de educação: formal, não formal e informal. E, na educação de adultos, essas três formas de educação correlacionam-se. Desta forma, a educação é pensada e estruturada sob a perspetiva humanista-comunitária. Ribeiro Dias (2009: 255) refere que a “educação ao longo da vida de cada um de nós tem a ver com o nível de educação comunitária de nós todos.”. Tendo sempre em consideração que o Homem é um ser em construção, dentro de si, e em comunidade.

A educação formal, estruturada em currículos e visando objetivos e metas, não deixa dúvidas que se impôs com a finalidade de abrir horizontes às pessoas, de as libertar, como nos diz Almerindo Afonso “[...] das amarras da ignorância e do obscurantismo” (2001: 29). E seguindo a linha de pensamento do mesmo autor, o sistema formal de educação cumpriu-se apenas em parte, pois nem toda a gente teve acesso à educação escolarizante – a formal – ou não pode, por fatores vários, acompanhar conteúdos e atingir os objetivos.

O modelo formal tem, no dizer de autores, servido imperativos sociais e pessoais, pois resulta num sistema uniformizante, curricularizante, mas discriminatório em relação aos interesses e capacidades cognitivas, afetivas e sociais das pessoas.

Distinguir não formal de informal será o mais complexo, dado o contexto não escolar, ou não formal que encerram as duas denominações. Segundo Palhares (2009: 56; aspas no original), “O não escolar, nas sociedades ocidentais, tem sido marcado sobretudo pelas funções de complemento e (nalguns casos) de suplemento à educação escolar [...]”. Compreende-se, portanto, que o interesse no formal resulte da centralidade atribuída ao resultado que um indivíduo obtém na frequência de um sistema educativo escolarizante. Por sua vez, o não formal envereda pela centralidade no processo e menos no resultado. Opera-se o não formal a par do formal, em contextos intraescola ou paralelos e vem ao de cima na forma de conhecimentos extracurriculares e que muitos indivíduos adquiriram na convivência social, familiar, profissional ou outra. Pode não situar-se no quadro escolar, mas no social, como complemento.

Segundo Palhares (2009: 58), e também na perspetiva de Coombs, a educação informal é “[...] de inegável valor educativo” e é o conjunto de valores do quotidiano que enriquece, formando o indivíduo. Fala-se de idas ao teatro, por exemplo, ou de leitura de jornais também, enquanto educação não formal que poderia realizar-se em contextos vários, além do escolar; o modelo informal é como que o ocorrido espontaneamente no dia a dia. Ambos os autores se conectam ao paradigma da educação permanente. Esta dificilmente se poderá cumprir só no espaço escolar, mas antes nos diversos contextos locativos que se frequenta quotidianamente ou através de recursos de lazer espontâneos como durante um passeio de bicicleta com um amigo.

As aprendizagens que daí derivam são igualmente significativas como as formais. Paulo Freire, como Palhares nos recorda (2009: 63-4), defende que tanto o aluno como o professor deverão partilhar os conhecimentos em processo dialógico e não hierárquico. Assim se explicará a terminologia ensino-aprendizagem e que nos leva a pensar nas terminologias de educação formal, não formal e informal como um todo.

Deste modo, e porque, na perspetiva de Palhares há (2009: 54) “um vasto leque de saberes e de aprendizagens [...] em complementaridade no quotidiano extraescolar” tão válido, perti-

nente e necessário, resulta falar de educação não formal e informal. Estes modelos são paradigma de educação extracurricular e que se podem desenvolver em paralelo ao sistema formal dentro da escola, na forma de clubes e outros projetos, contribuindo, como nos refere Palhares (2009: 55) ”para uma “potencial mais-valia no desempenho escolar dos alunos”. Palhares designa esses investimentos como “*periferias educativas da escola*” (2009: 55), cujo valor transversal é muito grande, apesar de se tratarem de modelos não formais e informais. Na verdade, esses espaços aconteceram até há pouco tempo, mas poderá não ter sido esclarecida ou até inexistente a articulação com os diversos agentes educativos. O que é facto é que, num período de crise económica, acentuam-se os valores economicistas, reduzem-se ações paralelas às escolares, as tais “periferias educativas” (2009: 55) e materializa-se a curricularização do sistema educativo formal.

A educação de adultos, como objeto de estudo e de trabalho de real importância para o desenvolvimento humanitário e, conseqüentemente, das sociedades, entendia-se como um processo a ser reabilitado e renovado (cf. Guimarães, 2011: 148) com recurso a diferentes meios ao dispor dos sujeitos adultos, que se identificassem com os seus problemas, e que ocorresse ao longo da vida. O Relatório Faure expõe essa noção de educação ao longo da vida, apoiado por vários autores. Assim, a perspectiva de educação apenas formal é contestada, dando lugar a um modelo educativo reformado, que acompanhasse a evolução tecnológica, científica, social dos tempos que corriam. Um instrumento de reforma da educação previsto era a educação permanente. Este modelo de educação em continuidade, permanente, no âmbito da educação de adultos, era considerado facilitador da descoberta da pessoa e, portanto, construtivo de sociedades democráticas. O Estado teria o papel consertador que atenuasse as desigualdades, no sentido de construir indivíduos preparados para as mudanças a que as sociedades estão sujeitas, nos vários âmbitos. Daí que se defendesse, no Relatório Faure, a educação permanente, ao longo da vida, nas diferentes idades, e que se alargasse a vários contextos. Deste modo, a educação formal, escolarizada, é vista como estando em ruptura, prevendo-se um novo modelo de educação que contribuísse para a construção pessoal e social libertadora e democrática, ou seja, nas palavras de Paula Guimarães (2011: 148)

“A educação permanente pressupõe por essa razão uma nova concepção de indivíduo, pois tem como finalidade o desenvolvimento total do sujeito e a conquista autêntica da libertação e a promoção da democracia no contexto de profundas transformações: [...]”.

Segundo o mesmo relatório, a educação formal e a educação não formal deveriam ter a mesma importância, e o reconhecimento das aprendizagens desenvolvidas em diversos contextos deveriam ter reconhecimento certificado. Deste modo, o conceito de educação permanente, considerando os contextos formais e não formais, tais como modelos de alfabetização, eventos culturais, entre outros, é humanista e, na perspectiva de Paula Guimarães (2011: 150) “[...] revela um elevado grau de otimismo relativamente ao papel da educação e da aprendizagem.”.

Os contextos não formais são, assim, aliados aos formais, favorecendo aprendizagens e contribuindo para a igualdade e unidade social, num processo permanente que o Estado-Providência deveria promover. Contudo, a aprendizagem em contextos formais e não formais acontece a ritmos próprios de cada sujeito, o que leva a questionar a validação e certificação que a educação permanente pressupõe dessas aprendizagens. Contudo, a educação permanente tem a sua própria pertinência.

Aprender a Aprender, em educação permanente, vai alargar-se a quatro pilares da educação defendidos no Relatório Delors (2003): *aprender a conhecer*, *aprender a fazer*, *aprender a viver*, *aprender a ser*. Este relatório visa um modelo de educação ao longo da vida, extensivo à sociedade, dando ênfase aos sujeitos, prevendo que a intervenção de Estado no sistema educativo não seja integral, dando lugar a parcerias, pois “Uma vez que a educação deve ser vista como um valor, o Estado não pode deter o monopólio do sistema educativo; por este motivo, as parcerias devem ser valorizadas, assim como devem ser estimuladas as experiências e intervenções que favorecem as inovações.” (Guimarães, 2011: 159).

Não cabe só ao Estado promover iniciativas educativas; estas podem resultar da iniciativa de outras instituições e partir da sociedade civil, descentralizando-se o poder estatal (cf. Guimarães, 2011: 159)

A educação informal é, no Relatório Delors, igualmente considerada e valorizada. Em 2009, na CONFINTEA V, a sexta conferência internacional sobre educação de adultos, devolve-se ao Estado a participação na educação de adultos, que o Relatório Faure previa, numa articulação de esforços do Estado-Providência com os da sociedade civil e instituições privadas. Apesar do peso que se quer dar ao Estado, os contextos não formal e informal da educação ao longo da vida não perdem relevância e são o marco na educação de adultos. (cf. Guimarães, 2011)

Educação formal será, portanto, um modelo de educação definido e contextualizado pelo Estado, citando Zaki Dib (1988: 1),

“[...] correspond to a systematic, organized education model, structured and administered according to a given set of laws and norms, presenting a rather rigid curriculum as regards objectives, contents and methodology.”.

Além de que, como também diz Zaki Dib (1988), requer a frequência de aulas e avaliação por níveis de aprendizagem.

Em contrapartida, educação não formal será a que instituições, em parceria com iniciativas do Estado, desenvolvem atendendo a necessidades dos sujeitos face a mudanças sociais, científicas e tecnológicas. Educação informal estará mais ligada ao conceito de educação ao longo da vida, prevendo aprendizagens em contextos não detidos pelo Estado; é um contexto de aprendizagem em situação casual. Zaki Dib (1988) define o não formal como o trabalho de aprendizagem, as atividades exercidas fora da instituição escolar; vai mais longe, quando afirma que o formal pode encontrar características do não formal, uma vez que um aluno desenvolve o seu estudo, os trabalhos de casa, em casa ou numa biblioteca, fazendo outras aprendizagens.

O conceito de educação formal, como nos esclarece Alan Rogers (2004: 1) corresponde ao de um sistema educativo formal, tal como a maioria o reconhece, institucionalizado e hierarquizado. Segundo o mesmo autor, o sentimento de que a educação estava a entrar em declive

faz despontar o conceito de educação não formal, muito embora alguns autores a tenham considerado um subsistema educativo. Educação não formal foi definida, assim, como “every educational activity outside of formal: [...]” (2004:1), sem, contudo, ser consistente ou unânime aquilo que é de facto. Como nos explica o autor (2004), ora é todo o programa educacional determinado por um governo, mas à parte dos escolares; ora o programa educativo levado a cabo por organizações não governamentais; ou, ainda, as atividades educativas previstas pelos vários ministérios.

Na senda de Philip Coombs e Ahmed há diferença entre educação informal e aprendizagem informal; os mesmos autores definem educação informal como tudo o que resulta de uma ação não planeada (1974), e Rogers afirma que educação informal é toda a aprendizagem feita ao longo da vida.

Philip Coombs (1986) diz-nos que a educação não formal tem pujança, nos anos 70, encontrando-se em atividades importadas de países desenvolvidos e consistiam em “diversos programas de adiestramiento ocupacional y profesional, de servicios de extensión agrícola y otros tipos.”, “[...]. incluían también diversas actividades de aprendizaje fomentadas por una amplia gama de organizaciones no gubernamentales, como grupos de juventud, asociaciones de mujeres, [...]” (1986: 124-129).

Estes programas procuravam dar resposta e oportunidade aos adultos, muito embora se tivesse levantado a questão sobre quem é ou quando se é considerado adulto. Os programas referidos estavam afetos ao juízo de desenvolvimento local, portanto não curriculares. O objetivo concreto era, citando Philip Coombs (1986: 129), o de “ampliar la educación no formal en diferentes campos a través de diversos ministerios nacionales y de organizaciones particulares.” Porém, compreendia fragilidades como, segundo Philip Coombs (1986: 130), modéstia dos programas, público reduzido, atuação geográfica limitada, entre outras.

Os conceitos não formal e informal decorrem da fragilidade do modelo formal, escolarizado, da educação, e da necessidade de complementaridade desse sistema formal, porquanto se via como mais prático e económico.

Por sua vez, educação informal, tal como nos apresenta Philip Coombs, é mais espontânea e acontece assim em qualquer parte, como no trabalho, numa visita a um amigo, enfim em

qualquer meio em que a pessoa se envolva e no qual faça aprendizagem. Traz, contudo, o prejuízo de o meio não ser suficiente para facultar aprendizagens ou o desejado (Coombs, 1986: 134). A aprendizagem não formal aliada à informal forma um todo que, numa perspectiva ao longo da vida, constitui um valioso paradigma de educação. Apesar de não serem aprendizagens quantificadas, o não formal e o informal são importantes e são disso testemunhos os países desenvolvidos que consideram estes modelos, por isso Philip Coombs (1986: 138) demarca que são áreas que merecem cuidado e atenção.

3. Uma conceção holística da educação

A educação, nos seus diferentes modelos, permite caracterizar o Homem e defini-lo ao longo da sua evolução. É um facto que hoje é a escolaridade ou a educação familiar que se evoca para definir o indivíduo e a sociedade. A integridade é, assim, um fim da educação, que deverá ser formativa, portanto alicerçada em valores. Educação é uma via de liberdade e de ruptura com o estado de submissão e de insegurança em que se vive quando não somos esclarecidos, não temos conhecimento ou o suficiente para nos autonomizarmos como seres humanos íntegros. Assim, ela é, na perspetiva de Ribeiro Dias (2009: 37, 53, 337), o processo, a via, o caminho da “graça”, um dom, um percurso de “serendipidade”.

Na continuidade do pensamento de Ribeiro Dias (2009), educar é uma forma de alimentar com melhor qualidade as pessoas; é fazer aprendizagens, é comunhão, é partilhar, é respeitar o lugar de todos, é cuidar do planeta, é entender que somos uma Família Humana numa comunidade mundial, com responsabilidades e direitos comuns, independentemente das diferenças étnicas, religiosas, entre outras. Imbuída destas dimensões comunitárias e de continuidade, a educação é contributo efetivo para a formação pessoal, e não só profissionalmente. Ribeiro Dias (2009) diz-nos que é a dignidade humana que importa reconhecer como compromisso do homem para o desenvolvimento das sociedades, para o alcance da paz e que é a pedra angular do mundo, e tudo radica na educação e ensino.

Assim, a aprendizagem e as dificuldades devem ser superadas através, entre outras medidas, da promoção de convivência, independentemente das diferenças, ou melhor, considerando a diversidade das origens étnicas e culturais dos cidadãos. A educação tem que promover o ensino crítico, nessa perspetiva de educar para a autonomia, interculturalmente, isto é, promoção do saber dar e receber, do exprimir e do escutar.

Na educação de adultos as três formas de educação – formal, não formal e informal – não se deverão, portanto, distanciar. É na sua conjugação que o adulto pode, de facto, procurar-se, conhecer-se e interagir em comunidade para si, por ela e com ela. A democracia impõe-se quando o adulto tem oportunidade de paliar falhas do sistema educativo formal ou continuar, nesta fase da vida, a conhecer outros conteúdos desse sistema; e impõe-se também quando

o adulto consegue fazê-lo sem necessariamente passar pelo processo infantil ou juvenil da escola.

O senso comum diz-nos que o bem estar pessoal não se dissocia de vínculos que cada pessoa tem com o seu meio ambiente familiar, comunitário. Ou deverá ter, tanto quanto a educação lhe proporcionar, formas desses vínculos serem fatores de inclusão e não o contrário. Uma educação que postule pela coesão orienta as diversidades culturais, étnicas, sociais ou outras na construção de identificação e integração da pessoa em sentido globalizante, planetário. Mas uma educação capaz de equidades várias, de coesão, democrática é uma educação intercultural (Delors: 2003), aberta à diversidade e em dimensão planetária. A educação clássica de jovens ou mesmo de adultos tem que se complementar, assim, com a educação paralela promovida por vários agentes. Uma educação complementada nas três dimensões – formal, não formal e informal – é facilitadora de integração dos indivíduos como pessoas de um meio cultural e social específico, mas respeitando a dimensão planetária. A coesão de diversidades educativas e de conhecimentos permite contrariar o seletivismo que a educação clássica, apesar de uniformizante, pode fazer; bem como não valoriza talentos que são reveladores de vontades e conhecimentos culturais. O sistema educativo utópico, de caráter formal, não formal e informal, será o que acentua a coesão social, pela integração das diferenças, do pluralismo cultural (Delors, 2003).

Aprender em comunhão, na sociedade e comunidade em que uma pessoa se integra é o ideal de ação educativa. Conjugando o plural – formal, não formal e informal – converge para um sistema holístico da educação. É no seio da comunidade que o indivíduo se encontra e forma. Em ecologia, o indivíduo encontra identificações que lhe despertam novos interesses e aspirações. Daí que a educação holística seja uma perspectiva alargada que considera os vários subsistemas educativos como um todo, na construção do homem e da comunidade.

A tolerância e a concórdia terão, pois, terreno fértil na conjugação de um sistema educativo não faccionado, mas concertante, de aceitação da utilidade de todas as formas educativas como indispensáveis para o conhecimento do eu e de todos – riqueza única, facilitadora da construção da tolerância e da paz. O papel social será melhor desempenhado se cada pessoa sentir os projetos comuns essenciais na sua construção própria e na da comunidade em que se insere. A educação clássica tem, aqui, um papel muito grande – construir conhecimento sobre

direitos e deveres, de cidadania, portanto, e cívicos. Criadas bases em contexto cultural plural, as pessoas têm orientação ou encorajamento para assumirem papéis sociais que lhes proporcionem bem estar pessoal e comunitário, para uma participação democrática. Conhecendo-se a si e aos outros, o indivíduo será mais responsável por si e, necessariamente pelos outros, porquanto o seu bem estar depende do bem estar social. Para isso, tem de se esforçar por acompanhar a evolução dos seus parceiros, como, por exemplo, não perder os meios tecnológicos e científicos de vista, a fim de estar atualizado. Deste modo, cada um terá oportunidade de acompanhar as mudanças suas e dos outros e de melhor conjugar e conjugar-se no plural.

Ribeiro Dias (2009) fala-nos de um mundo novo, pleno de valores, que se tornará tão realidade quanto mais o Homem tiver consciência de que somos uma Família Humana. E perspetiva-nos a educação como processo ao longo da vida, comunitária e ecossistémica. Segundo o autor, educar, cuidar do planeta, é fazer aprendizagens, em comunhão, é partilhar, é respeitar o lugar de todos, é entender que somos uma Família Humana numa comunidade mundial, com responsabilidades e direitos comuns, independentemente das diferenças étnicas, religiosas, entre outras (Dias, 2009).

Rui Canário (2008: 22) refere “educação socializante dos adultos” como forma de evolução da comunidade. Este autor perspetiva a Comunidade, referindo que, na base da sua construção de identidade, os saberes das pessoas devem ser considerados e valorizados. Esta é a dimensão cívica da educação, com a qual se pode promover a liberdade, a igualdade, a democracia dos povos.

O mesmo autor faz referência ao facto de a área não formalizada e ao longo da vida ser uma estratégia de mudança social, de desenvolvimento e de emancipação das pessoas. Aliás, educação assim perspetivada, ao longo da vida, e ainda comunitária e ecossistémica também Ribeiro Dias reforça, como atrás se referiu.

Canário (2008: 22) demarca “desenvolvimento como um processo colectivo de aprendizagem”. E um dos métodos ao serviço do desenvolvimento comunitário é, na perspetiva de Rui Canário, a animação sociocultural. Ressalta então o papel dos agentes desta ação, “qualquer pessoa que viva em sociedade é de algum modo um agente informal de formação” (Canário, 2008: 17). Sendo a educação de adultos um campo vasto, e implicante do desenvolvimento

comunitário, todos somos agentes dessa construção, citando García Carrasco (1997: 278): “Resulta evidente, pues, que la educación comunitaria en su conjunto constituye un pilar imprescindible para el desarrollo personal y la mejora de la calidad de vida individual.”.

Dado o estigma de acabado e sem capacidade a que está sujeito e a que se terá, em muitos casos, adaptado, o adulto precisa muito da motivação. Na verdade, não há participação, partilha, conhecimento, desenvolvimento sem motivação. Assim, os autores propõem projetos de captação da atenção para necessidades e autorregulação do adulto. A este propósito, García Carrasco (1997: 283) diz que:

“Ahora bien, un planteamiento de la educación de adultos bajo principios del desarrollo y la educación comunitarios (una educación en, por y para la comunidad) tiene que apostar además por una metodología que impulse y facilite la motivación, dinamización y participación de los adultos en su propio proceso educativo y culturizador, pero que posibilite también procesos auto-organizativos y hábitos de participación social y de creación cultural que conduzan progresivamente a un mayor desarrollo personal, a una transformación de la realidad social y cultural y a una mejora en la calidad de vida de los individuos y de los grupos dentro de la sociedad.”.

Sem sustentabilidade eficaz para dar corda a projetos de desenvolvimento comunitário, os adultos encontram-se nas mãos de organizações não governamentais, na sociedade civil. Apesar da instabilidade na prossecução de projetos desta natureza, a sociedade civil é, assim, quem deverá procurar respostas e superar o que a escola não conseguiu.

Desta forma, a educação desvincula-se da sua matriz exclusivamente escolar para dar oportunidade à formação dos cidadãos, fazendo-os participar no seu próprio processo educativo. As situações de educação carecem partir daquilo que os adultos já sabem ou já conhecem, como forma, a nosso entender, de motivar os cidadãos para práticas educativas. Garcia Carrasco (1997: 284) defende, pois, que “la animación sociocultural se perfila [...] como la metodología más idónea.”.

É defensor, Rui Canário, da dinâmica também defendida por Garcia Carrasco (2008: 78), senão vejamos “Esta vertente da animação sociocultural, [...] elemento fundamental e estrutu-

rante de processos de mudança social”]; e ambos os autores o fazem, considerando o desenvolvimento local que dela poderá advir.

O adulto é responsável pelo que a todos diz respeito. Não quer isto dizer que conheça ou respeite esse dever; tem de haver responsáveis pela educação dos adultos, também eles aprendentes, como se disse atrás, ao longo da vida; e são esses os maiores agentes capazes de fazer entender ao adulto essa responsabilidade. Para isso tem que haver mecanismos que permitam ajudar o adulto na conscientização dos seus problemas e dos de todos da sua comunidade; e ajudar na formação do adulto para que saiba se desvencilhar do que o constrange. Neste processo, o adulto está a modificar-se e, portanto, a construir-se. Só querendo, o adulto poderá transformar-se, evoluir (Freire: s/d).

Mas para que o meio cumpra o seu papel de educador, são necessárias políticas que lhe proporcionem condições para esse fim. Só assim se trabalha para a cidadania democrática. Como supra foi dito, o associativismo pode ser uma área de atuação através da interajuda, de dinâmica de partilha e de construção em comum.

A educação de adultos tem, portanto, que revestir-se de trabalho ou ação social e, assim, as taxas de analfabetismo mesmo que funcional, e interesses do adulto poderão sofrer mudanças e refletir-se na construção de um mundo solidário, em comunhão, em entendimento, menos sofredor, mais dinâmico e construtivo. Muitos são os autores que comungam da ideia de que a educação de adultos se efetiva se se fizer acontecer no seio das comunidades e com agentes orientadores de ações.

Num outro contexto, com o objetivo de estudar o informal e o não informal, Leonor Torres e José Palhares (2008: 99-120) demarcam que um modelo educacional integrador do não formal com o informal é fulcral no desenvolvimento das pessoas e, portanto, no domínio das organizações:

”[...] cruzamento entre estes dois campos de estudo sugere novas pistas ao nível da ação organizacional, designadamente nos domínios das estratégias e modalidades de formação e de educação de adultos, dos processos de socialização e integração dos atores, das esferas da comunicação e das novas tecnologias, da redefi-

nição dos perfis e desempenhos profissionais, entre muitas outras áreas estratégicas de intervenção organizacional.”.

Em sinopse, no panorama educativo, a Educação de Adultos integra o paradigma da educação ao longo da vida; e esta terá expressão e será um processo enriquecedor se a envolvimento da comunidade em atividades de intervenção sociocomunitária for uma realidade, sem descuidar as metodologias subjacentes à faixa etária em causa. Isto porque, com adultos, a aprendizagem não tem que infantilizar-se (cf. Canário, 2008). A mobilização e a construção, portanto, da educação de adultos nos campos do não formal e do informal constituem uma mais valia a todos os níveis. Desta feita, podemos dizer que os autores são unânimes quanto ao reconhecimento dos três sistemas educativos – formal, não formal e informal – no desenvolvimento planetário.

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM CONTEXTO ASSOCIATIVO

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM CONTEXTO ASSOCIATIVO

1. Contextualização nacional do associativismo

As formas que as sociedades têm de ajudar os adultos a organizarem-se de modo a satisfazerem as suas necessidades individuais e coletivas são várias. O associativismo é uma dessas formas.

Durante o Estado Novo, o associativismo vê o apoio do Estado fechar-se, o que terá contribuído para o despoletar de um período de obscurantismo educacional, social, cultural, apesar de alguma resistência popular através de manifestações artísticas como o teatro, a criação de grupos corais populares, entre outras. A primavera marcelista trouxe ventos de luz.

Em Portugal, ações de carácter educativo para adultos surgem como resposta a preocupações e necessidades técnicas e económicas, essencialmente. É neste sentido que o combate ao analfabetismo se inicia, aliado à formação técnica das classes operárias. A Igreja e diversas associações e instituições generalizam-se como motores de arranque da educação de adultos, nos moldes noturno e dominical.

Em 1952, são criados os Planos de Educação Popular e a Campanha Nacional de Educação de Adultos que, apesar do nome daquele, carregava o cunho centralista do Estado e desenvolvia-se dentro do modelo escolar tradicional. No entanto, associações de cariz popular e outras, já antes e durante a 1.^a República, tiveram um papel significativo na educação de adultos, promovendo iniciativas nesse âmbito. A instabilidade política e a crise económica que marcaram a 1.^a República, não deixando desabrigado o associativismo com iniciativas educativas de cariz popular, também não conseguem que as mesmas tenham impacto na redução dos números de analfabetos, em Portugal.

O Decreto-Lei n.º 384/76 de 20 de maio refere a área de intervenção nesse campo e que não deverá ter cariz de campanha, para não rotulagem de cidadãos: alfabetizados ou educados e os que o não são. É, mesmo, referido o facto das populações terem sido votadas ao esquecimento, pelo que o associativismo é perspetivado como manifestação popular de libertação e

de democratização da sociedade. O diploma vem dar apoio à iniciativas educativas integradas que resultem de esforços de coletividades; procurando dar, assim, resposta a problemas de ordem cultural e social. A este respeito, Lima et. al (2006) afirmam que

“[...] com o 25 de Abril de 1974 e a irrupção de energias utópicas que este movimento possibilitou, a sociedade civil [...] foi revitalizada e remobilizada através do impulso de novos movimentos sociais que, entre muitos outros aspectos, deram um novo conteúdo a lutas sociais e processos emancipatórios e marcaram a reivindicação relativamente sincrónica [...] de diferentes gerações de direitos.”.

Com esse mesmo diploma, pretende-se criar a base do subsistema de educação de adultos em Portugal, sob a responsabilidade da DGEP. A ação desta direção foi promissora do ponto de vista social. Mergulhava a sua ação nos problemas locais, a fim de articular as necessidades dos cidadãos com as da região em que vivem, no sentido de desenvolver as comunidades. É um diploma de incentivo à criação de associações locais que promovessem iniciativas de educação popular, fomentassem cursos escolares específicos para adultos e organizassem atividades coletivas ou individuais de discussão de temas de interesse local, entre outros aspetos. Vem, portanto, incentivar a livre associação, no sentido de reforçar a sociedade civil. Esta fica com instrumentos para, livremente, associar-se e para poder levar a cabo ações que contribuam para a formação dos cidadãos. Este é um primeiro passo do Estado para a educação não formal, para fazer chegar a todos formação, não pelos meios tradicionais, mas associativos. A sociedade civil procurou, assim, estruturar-se para dar resposta ao que a escola não conseguia cumprir. Desta forma, a educação desvincula-se da sua matriz exclusivamente escolar para dar oportunidade à formação dos cidadãos, fazendo-os participar no seu próprio processo educativo. Assiste-se à flexibilização da formação fora do terreno escolar, em articulação com os condicionalismos de vida das populações e cultura autóctone (Art. 1.º, alínea c). Quer isto significar que as situações de educação devem partir daquilo que os adultos já sabem ou já conhecem, como forma, a nosso entender, de motivar os cidadãos para práticas educativas. Grundtvig, o “pai da educação de adultos no ocidente”, defendia que o processo educativo do adulto o devia preparar para participar na vida social (Fernández, 2006). As atividades de carácter educativo popular devem fundar-se, portanto, na descoberta e na pesquisa organizada

do meio físico e social dos cidadãos. É este um caminho para a via não formal de educação como meio de educação permanente.

O Estado compromete-se, assim, a dar apoio técnico, material e financeiro a associações que se constituam de forma a adquirir personalidade jurídica. A intenção que subjaz à promulgação do Decreto-Lei n.º 384/76 de 20 de Maio compreende uma componente de política interventiva; isto é, uma política de estado educador, porquanto incentiva o associativismo através de apoios que se impõe dar a essas associações, e também através da facilitação da criação das mesmas (Art. 3.º, ponto 4; Art. 2.º, ponto 1; Art. 4.º, pontos 2 e 3; Art. 7.º, ponto 1). O associativismo será, portanto, um instrumento da sociedade civil que lhe dará asas para reconfigurar a educação e, assim, responder aos desafios da própria democracia; abrirá caminho a novas formas de agir em educação; contribuirá para a emancipação dos cidadãos num quadro educativo mais cooperativo e interativo. A reconfiguração da educação prevista pelo diploma não deixa de resultar, portanto, da resposta a dar aos desafios que a própria democracia impõe. O carácter pedagógico do diploma assenta no provimento das condições para que a sociedade forme cidadãos livres. Na concepção de Martins (s/d: 2)

“[...] as associações integram as comunidades onde se inserem e nasceram para dar resposta às dificuldades, alicerçando-se em valores que têm a ver com: solidariedade / fraternidade; independência / autonomia; democracia / cidadania e trabalho voluntário.”.

Ajustar como objetivo, que caracterize uma associação de educação popular, a promoção que essa possa fazer de métodos de educação entre indivíduos, grupos sociais e no meio, parece-nos uma posição social-democrata do Estado. É um passo intencional de criar condições de o cidadão se conhecer e reconhecer como indivíduo de uma sociedade e, então, se emancipar (Art. 1.º, alíneas a, b e c). A sociedade encontrará o ideal de paz e de solidariedade tão mais depressa quanto mais os homens se unirem em comunidade, reforçando os seus laços identitários, favorecendo a satisfação dos sujeitos e o desenvolvimento solidário.

No ponto 2 do Art. 7.º do diploma supra citado, sente-se o esforço do Estado em descentralizar o seu poder em benefício do poder local, isto é, das associações de educação popular que poderão certificar por frequência ou aproveitamento quem frequente cursos organizados por

elas. É um esforço de descentralização do poder e de valorização do domínio público, forma esta de fugir ao paradigma escolar como meio de alfabetização e de educação popular. Neste sentido, a DGEP tomará a posição da frente, coordenando as associações de educação popular.

Durante um longo período de tempo – Estado Novo -, o associativismo foi proibido e os cidadãos viram-se privados de liberdades, acima de tudo de liberdade de expressão. A Revolução de Abril rompe com esse estado, mas, em 1976, ainda a sociedade não tem amadurecimento, nem musculatura para se auto-organizar sem um mínimo de suporte central.

Ao possibilitar, com o presente diploma, o desenvolvimento de sistemas solidários de educação, centrados na cooperação, segundo modelos educativos em que o adulto está no centro do processo formativo, o Estado coloca-se numa posição de política pública, que deverá ter impacto social.

Analisando a evolução histórica da educação de adultos a partir da promulgação do Decreto-Lei n.º 384/76 de 20 de Maio, deve dizer-se que o número de associações aumentou sem, contudo, se ter noção concreta do efeito surtido pelas iniciativas de carácter popular no campo da educação popular e de adultos; a verdade é que os sucessivos governos em instabilidade política não constituíram campo de ação concreta e eficaz que nos permita dizer que este e outros diplomas tenham surtido efeito.

2. Educação não formal em contexto associativo e ação comunitária

A intenção de não formalizar a educação de adultos e de concebê-la como aprendizagem coletiva, em articulação com as instituições de cariz associativista é um caminho de formação integral dos cidadãos e uma iniciativa estatal de louvar: “Toda a pessoa tem direito à liberdade de reunião e de associação pacíficas.” (ONU, 1948: art. 20.º).

As associações, sob o ponto de vista de Almerindo J. Afonso, são “[...] unidades sociais onde é possível encontrar e identificar processos de educação e aprendizagem [...]” (1994: 92-

3); as associações são, assim, espaços de cultura. No associativismo está, portanto, latente o interesse em desenvolver projetos em que o indivíduo se construa, apropriando-se de saberes sociais, em participação e partilha.

A abordagem educativa na idade adulta poderá seguir várias vias: alfabetização, consolidação, reaprendizagem, prevenção, entre outras. A forma de processar qualquer uma delas é complexa, sobretudo nesta fase etária.

O enriquecimento da educação não formal, em associações, advém do assumir uma prática de interculturalidade e de cooperação. Neste pressuposto de troca com os outros, o sujeito desvenda e melhor compreende a realidade, em contexto prático e na sua relação com o meio ambiente, fazendo, portanto, aprendizagens significativas e ao longo da vida; este é o novo paradigma em educação que a entende como processo contínuo e permanente. Assim sendo, não será a escola o único recurso educativo da sociedade atual e futura, como defende Trilla Bernet (1993).

É reconhecido o papel que as associações já tiveram em períodos de regeneração das nações; como em Portugal, por exemplo, na 1.^a República e no pós Revolução de 25 de Abril, enquanto iniciativas de aproveitamento dos tempos livres dos trabalhadores, assegurando formas de participação cívica relevantes e de caráter voluntário.

A ação comunitária implica o envolvimento das pessoas no processo da sua construção e da comunidade, como ação emancipadora. Assim, em projetos comunitários os resultados não são tão importantes como os processos. Quer isto dizer que as pessoas têm que saber atender às suas necessidades e às dos seus parceiros comunitários, querer sofrer mudanças, para de melhores condições usufruírem e darem a construir, ou o processo não se desenrolará. Neste ponto, é de realçar que o caráter voluntário da educação não formal favorece a socialização, a intervenção do sujeito no seu processo de crescimento, de aprendizagens, tudo na perspetiva de formação humana em torno de valores aceites como universais.

Os valores, os conhecimentos, a cultura geral, portanto, podem ser procurados e encontrados ou promovidos em contextos não formais e informais válidos e reconhecidos. A ação comunitária presta serviços, construindo uma via de comunicação participativa e integradora, capaz até de correções e, muitas vezes, de tomadas de consciência e de autonomia. Todos os

espaços são educativos quando complementados, criando a tão desejada e crucial coesão educativa, tão essencial quando se trata de adultos, também. E isto porque as vias educativas formal, não formal e informal ligam-se mais à aquisição de conhecimentos de práticas a que o adulto está ligado e sobre as quais pode aprender mais ou ensinar. Desse modo, estimula-se a autoestima. E só assim se progride do assistencialismo ao partenariado (Delors: 2003). Um adulto autónomo, integrado na sociedade, com um mínimo de cultura geral é um adulto menos dependente, mais autónomo, mais sociável. Os contributos para esse progresso podem advir da participação, da troca, da cooperação, estimuladas por projetos de carácter não formal, promovidos pelas diversas instâncias comunitárias ou até de outro âmbito mais alargado.

Sendo diverso, o homem não se faz refém de si ou de um só meio; multiplica-se, alargando o seu horizonte que é o dos outros e com os outros. Por exemplo, no primeiro cartel do século XX, Fernando Pessoa quis encontrar-se no coletivo, daí a heteronímia bem reveladora da fragmentação da sociedade de então, mas transparente da coesão que cada indivíduo pode atingir, consigo entre os outros. Apesar das diferenças culturais, literárias, filosóficas de cada heterónimo, todos marcam o potencial humano; este é capaz de várias facetas se a tanto o ajudar a educação, também ela plural, e só assim o homem se constrói e evolui.

Importa, ainda, a defesa da participação ativa do indivíduo na sua construção e realização pessoal e da comunidade. Na verdade, é fundamental o carácter emancipatório, estimulador e de desenvolvimento integral do indivíduo no seu processo de formação.

No texto “*Elementos teóricos y planteamientos básicos de la intervención comunitaria*” (Marchioni: 1999) o autor demonstra que, de facto, não é só a comunidade que deverá ser protagonista aquando de esforços para seu desenvolvimento, visando o melhoramento das condições de vida de cada pessoa; além do povo, também as entidades públicas administrativas, e profissionais coordenadas nos mesmos esforços deverão ter papel ativo e responsável nesse sentido. A este respeito, o autor (Marchioni, 1999: 19) diz-nos

“Resultados importantes y positivos del proceso comunitario son todos aquellos hechos, acontecimientos o acciones que llevan a la autonomia individual y colectiva de las personas y de los grupos: es decidir, todo aquello que eleva el grado de autonomia de la comunidad y todo aquello que refuerza la creatividad, la

capacidad de autogestión, en una palabra, todo aquello que disminuye o elimina la dependencia, sea del tipo que sea.”.

3. Arte e educação em contexto associativo

Quaisquer que sejam as modalidades lúdicas de uma associação, e podem ser elas desportivas, artísticas, religiosas, ou outras, a educação acontece, seja de modo não formal, informal ou também formal. Pela sua vertente pessoal e lúdica, a arte encanta e tem, portanto, um poder de influência sagaz. Explorar o que o indivíduo tem dentro de si é fazer descoberta, é arte ao serviço da arte. Nas palavras de Silva (2011: 27)

“[...] arte emociona-nos, parte da realidade e abre o imaginário, é bela e provocatória. Os artistas são um mundo atrativo, com músicos, atores, escritores, pintores, realizadores de cinema, dramaturgos, cantores, cantores de todos os géneros musicais, desportistas... compondo a alta e a baixa cultura, a que se move em círculos eruditos e a que explode na rua, sem normas nem escola.”.

Discutir algo do domínio subjetivo é tarefa impura, como diz Almada Negreiros. O subjetivo é o que é, muito mais do que o que se vê, do que a sua obra pode mostrar, “Que cada um tenha uma arte que é a maneira de apurar o seu próprio gosto, a ninguém compete julgá-la; mas quando destine ao público a sua arte, desde esse momento é o público a servir-se e o artista quem serve.” (Pereira, 2011: 30).

Talvez por isso a arte, que é o subjetivo em expoente, sendo emoção abra horizontes, provoque, desperte. A arte não se desloca da realidade, apreende-a; e o artista representa-a com o melhor da sua expressão. Por isso ela não é exclusiva de uma área, mas sim uma mescla, a sinestesia de atitudes (corporal, mental, oral, auditiva, tátil, visual, gustativa e olfativa até) que são intrínsecas ao seu autor, próprias e, portanto, transformadoras, revolucionárias - a visão pura do estado impuro das coisas.

A criação artística advém de um dom, uma apetência, uma necessidade fisiológica, entendida esta como um gosto pessoal por certa manifestação. Mas a juntar-se a isso tudo, temos a intenção, o estado mental a solicitar uma expressão que faz de si muito própria, única, de vontade e de projeção de uma intenção pessoal, subjetiva. O que leva um artista a produzir, a exprimir-se é algo do foro pessoal. Na perspetiva de Huyghe (1986: 19) “Se a arte depende intimamente do homem, ao ponto de se modificar com ele, é porque o reflecte e exprime.”. O resultado é também exterior; a expressão artística é exposta e apreciada, o que a torna mais subjetiva, na medida em que cada ser interpreta o que vê de maneira própria. Assim, a arte abre o imaginário, é provocatória e bela, “é solidária do homem.” (Huyghe, 1986: 13).

Fazer arte e ser artista exige, contudo, esforço e, muitas vezes, resulta de adversidades que se impõe combater, transformar, ultrapassar. Recorde-se o papel da arte na denúncia, na crítica, na confirmação de realidades sociais, políticas, económicas, religiosas, entre outras, tão decadentes ou rotineiras. A arte tem uma função social. É neste sentido que, no presente trabalho em que se pretende desenvolver o estudo no âmbito de um grupo associativo artístico, falar de arte nos parece apropriado.

A arte pode dar um grande contributo na apropriação de culturalidade, porque ela própria é universal e funciona como despertar de aspetos comuns, globais, na medida em que contribui para a interação entre pessoas e conhecimentos a vários níveis, provocando impacto, pois, como nos refere Huyghe (1986: 11) “o ser isolado ou a civilização que não têm acesso à arte estão ameaçados por uma imperceptível asfixia espiritual, por uma perturbação moral.”.

3.1. Formas de arte

Em comunidades primitivas, a expressão mimética de factos quotidianos, aliada a danças, e pinturas, pretendiam reforçar, desenvolver e registar aspetos da vida diária de interesse ou ser homenagem ou rogo, solicitação. Tomavam expressão em grupo e revestia-se de carácter educativo. Os seus artistas expressavam-se com base na mímica, além da pintura e da dança que também não passavam de mimismo na sua expressão própria, do que rodeava o homem ou do

que ele fazia quotidianamente. O que levaria o Homem a reproduzir, mimeticamente, o seu mundo, teria sido o medo, a vitória ou a derrota na caça e em outras vivências. O objetivo dessas representações, e nem sempre eram representações do que de melhor acontecia, revelam os sentimentos e, mais do que o que sentiam, a necessidade de exteriorizar e de fixar esses sentimentos. Isso acontecia e acontece, como forma de extravasar, de partilhar com outrem, de procurar alívio, de acusar, denunciar, interrogar. Talvez acima de tudo, em casos positivos, fosse como forma de perpetuar e querer momentos iguais e melhores, como demonstração de satisfação pessoal e de vaidade. Em casos negativos, a exteriorização de sentimentos, talvez pudesse ser como forma de reprimir, de ensinar, pelo apelo à compaixão, por exemplo, que situações menos boas e tristes magoam.

Em tudo isto há arte, transmissão de conhecimento, carácter educativo, dado serem manifestação e apreciação em grupo. Esta necessidade de expressão mimética percorre os tempos ora aperfeiçoando-se, ora normatizando-se; tal acontece com outras formas de arte: a música, a pintura, a escrita...

Na opinião de Huyghe (1986: 45) “A arte é, antes de mais, uma tomada de posse. Aparece até como um meio concedido ao homem para se relacionar com o mundo exterior, de atenuar a diferença de natureza que o separa e o temor que experimenta diante dele.”.

4. O teatro e as suas dimensões educativas

4.1. Origem etimológica e algumas notas evolutivas

O teatro, a representação dramática em si, é expressão mais evoluída do que se fazia nos tempos primitivos. O significado da palavra *teatro* (*theastai*) é sugestivo; traduz-se em olhar e interpretar. E desde logo, a perspetiva de se fazer teatro para transmitir conhecimento é uma análise. Almada Negreiros refere claramente, num seu manifesto, “É o sentimento próprio do teatro a igualdade do conhecimento.” (Pereira, 2011: 30). Na antiga Grécia, o teatro evoluiu em tragédia que, segundo Aristóteles, era compreendida como educativa e não tanto com pessimismo. A tragédia, nas suas várias etapas, permite ao indivíduo encontrar a sua medida ideal – *metrón*, num processo de catarse, isto é, de descoberta pessoal, apesar de observador. E é com esta função que o teatro grego é imitado pelos romanos.

O teatro desenvolveu as suas técnicas, elementos cénicos e estruturas, considerando essencialmente o espectador e a sua aprendizagem num espetáculo desta natureza.

Foram-se experimentando espaços. Se inicialmente se fazia teatro em praças, nas ruas, mas não chegava ao alcance visual ou sonoro de todos, passou a fazer-se representação em colinas e, assim, permitia-se a visibilidade e a acústica necessária para as pessoas se distraírem, mas também se reverem, refletirem, encontrar o seu *metrón*, “A origem da palavra teatro refere-se à disposição em hemicírculo dos lugares dos espectadores de maneira que de qualquer lado cada um possa seguir a cerimónia.” (Pereira, 2011: 30). O cenário seria todo ele inspirador, porquanto era a própria natureza ou a cidade o pano de fundo. Com o tempo, os anfiteatros foram transformando-se em espaços de grande lazer, durante horas ou dias, e de conhecimento.

Na Idade Média, de seu cariz mais religioso, o teatro conseguiu sobreviver ou renascer e o caráter educativo acontecia na mesma. As cenas bíblicas ou outras religiosas eram informadas ao povo através de representações dramáticas; simultaneamente, o teatro servia de instrumen-

to para inculcar também valores. E a Igreja sentia, assim, o seu papel complementado através dessa arte. A arte dramática vivifica o que se representa, estabelecendo empatia com o público. Apesar de ter proibido o teatro, por considerá-lo uma prática pagã, a Igreja reabilita-o por achá-lo uma atividade de interesse popular e capaz de produzir sentimentos muito reais, criando aproximação ator – ação – espectador.

No dealbar do Renascimento, o teatro absorve as mudanças. E toma o cariz humanista do teatro da Antiguidade Clássica, espalhando-se pela Europa; na inovação italiana denominada “Commedia Dell`Art” assistimos a inovações de infraestruturas, mas também no propósito da representação dramática. Em Portugal, Gil Vicente é o expoente do teatro de transição da Idade Média para o Renascimento. Com esta arte e através dela, Gil Vicente faz cómico e produz crítica, sob o lema “Ridendo Castigat Mores”. O teatro tem, então, uma função – criticar, denunciar, homenagear quer o que está mal, como o que está bem.

4.2. Expressão humanista e educação informal

O teatro é exigente, porque contempla várias áreas – expressão corporal, oral, encenação, iluminação, entre outras -, convergindo num espetáculo que provoca reações e ações. Por isso é uma arte muito completa; é, acima de tudo, humanista. Envolve o conhecimento do Homem enquanto é sua expressão e para o outro, considerando o que o rodeia e as suas necessidades como Homem.

Os grupos e as companhias de teatro são empresas, mini ou super, amadoras ou profissionais, que potenciam o conhecimento. Este não se resume àquilo que o espetador apreende, mas também ao que as pessoas envolvidas recebem e suscitam, enquanto pessoas e enquanto atores ou outros assistentes do teatro.

O poder de estar em presença física com os agentes de uma ação, complementando-se com a plasticidade de que o teatro se reveste, gera intensidade, desconforto, pelo conhecimento ou reconhecimento das situações representadas, “Teatralidade, portanto, significa marca da expe-

riência, sulco da intensidade da presença, da representação física, como se a arte fosse uma festa, ou um jogo. Material, situada, vital” (Pereira, 2011: 22).

Com isso se podem criar equilíbrios ou então diminuir desequilíbrios individuais e ou sociais. Há conceitos e valores que se revitalizam. É assim que o teatro interage, entre mundo interior e mundo exterior, dando a ver, evitando estragos, “estragando” o social estabelecido e procurando a essencialidade. O teatro reveste-se de uma espiritualidade que o faz capaz de amplificar o conhecimento e de o transformar. Portanto, é transformador, é vital, humanista, educação, “[...] esta candeia terrena de nos alumiar cá em baixo: é recurso humano.” (Pereira, 2011: 15).

O teatro desencadeia memórias, desloca e agrega espaços, é uma manobra virtual que desequilibra ideias, favorecendo ao espectador reconstruí-las, criá-las, ajuizar, desenvolver conhecimento, encontrar-se. Pode dizer-se que é um território de construção, do aprender ou reaprender algo, sem a clareza da explicação, como que uma arquitetura em que corpo, voz, elementos cênicos reivindicam protagonismo em construção de ideias. Como diria Negreiros, “No teatro é com todos os sentidos” (Pereira, 2011: 30), acrescentando que “Nenhuma arte tem de falar para todos a não ser o teatro” (Pereira: 2011: 30).

Compreende-se que a formalidade do conhecimento que o teatro alcança e faz alcançar não é uma constante, mas uma variável. É-o enquanto propósito e também finalidade, mas quando isso é aliado a outros propósitos e finalidades – diversão – o teatro também se veste de informalidade. Enquanto construção, encenação, o teatro adquire formalismo, segue cânones, mas possibilita a expressão do subjetivo, a partilha de saberes, impõe regras, permite questionar. Aprende-se a decidir através de experiências e práticas. Sendo assim, teatro facilita e produz conhecimento, é renovador. E enquanto espetáculo, dirigido a um público, o teatro tem cariz educativo de caráter não formal; um ao encontrar-se com o outro (espetador>ator e vice versa) transforma a identidade, e diz-nos Freitas (2012: 194) “O encontro com o Outro é, em suma, o motor construtivo do Eu, aquilo que transforma a identidade num projeto em contínua renovação e a impede de estagnar na forma de uma natureza fixa.”.

4.3. O Caráter social do teatro

É conhecido que o teatro terá perdido alguma força social com a mundialização da técnica e da ciência que desenvolveram mecanismos de comunicação como a T.V. e a rádio. Encontramos causas da mutação dos processos de comunicação no período durante e pós Segunda Grande Guerra, com o desenvolvimento da técnica e da ciência, e a urgência, pois, de reposição de valores e sensibilidades. No entanto, a globalização desse desenvolvimento fez esbater tradições. A manifestação de qualidades interiores expressivas, de arte, recebe influências da ciência e da técnica comprometendo a cognição do mundo. Mas as tradições podem ser recuperadas. E o teatro soube acompanhar a evolução dos tempos como forma de comunicação que é, aperfeiçoando as suas metodologias, instrumentos e técnicas.

Porém, o conceito de consumo de arte, e de teatro em particular, altera-se com a também sociedade de consumo, acontecendo a função recreativa ser mais procurada,

“muitos frequentadores de teatro vão ao teatro pelas mesmas razões que muitas pessoas vão à igreja: para exibir o traje, para se manterem atualizados com a moda, para terem algo sobre que falar, para admirar uma estrela, para passar a noite num sítio qualquer, excepto em casa.” (Fróis, 2000: 134).

Apesar da crise de valores que se vem atravessando, a arte, que durante tanto tempo adquiriu valor de mercado, na forma de teatro readquire matiz socializante. A este respeito, Fróis (2000: 143) afirma que

“A arte de orientação socializante fornece informação sobre o mundo, sobre os valores culturais e normas, sobre padrões de comportamento e modelos de identidade pessoal.”.

A arte é, assim, um espectro da sociedade.

O Teatro pode ser um instrumento numa abordagem de trabalho social, de intervenção sociocomunitária. Estamos em crer, e os autores ajudam a pensar assim também, que apelar para a criatividade em contexto de grupo, proporcionando partilha de conhecimentos e de experiências, favorece a tomada de consciência dos outros e de si mesmos, o que poderá fazer com

que se operem modificações de atitudes em contexto laboral, por exemplo. O Teatro é uma técnica que conduz o adulto a clarificar os seus próprios valores e até o seu poder reflexivo, porque estará implicado na ação e terá oportunidade de intervir. Como estímulo criativo, a representação dramática favorece a construção e produção de diferentes pontos de vista sobre um mesmo problema, portanto é um exercício de reflexão, de libertação, de conscientização. Neste sentido é uma técnica de socialização e de intervenção, promotora da formação global dos indivíduos, da sua emancipação. A representação dramática tem poder transformador de indivíduos que, em comunidade, farão desta ideal. Esta é uma ideia que corroboramos da de Borie et al. (1996: 466), senão vejamos o que o autor nos diz:

“O teatro, espaço mediador entre o espectador e o mundo, é posto ao serviço de uma verdadeira pedagogia social: surpreendendo-se e interrogando-se perante as contradições de uma realidade que a cena não mais lhe apresenta como natural, mas como manipulável e transformável, o espectador prepara-se para melhor dominar essa realidade e para agir sobre ela a fim de a modificar.”.

O teatro é a técnica que, em qualquer dimensão – profissional ou popular, de ator ou espectador - contribui para a organização interior, a reflexão sobre contextos sociais, culturais, políticos. É uma técnica do património cultural na esfera da educação não formal como Freitas (2012: 208) nos sugere quando diz

“Se o património é, com efeito, inerentemente educativo, já a caracterização do tipo de educação que nele ocorre é um assunto notoriamente mais complexo. Por um lado, pensamos imediatamente na não-formalidade; por outro, é evidente que no património ocorrem, como em tantos outros lugares, aprendizagens e educação informais.”.

A arte dramática facilita o exercício de um tão estimado valor – a sensibilidade. Pode ajudar a criar aproximação, a diminuir distâncias, e até a promover a criatividade como forma tão peculiar de estar com os outros e consigo mesmo, de autoconhecimento. As relações sociais são potenciadas, quando o público se identifica ou não com o que vê e quer mudar-se ou mudar, desenvolver espírito crítico, projetando-se, o teatro, então, para além do lúdico. É revestido de função social, daí ser transformador.

4.4. Linguagem universal

Além de tudo, o teatro é uma linguagem universal e “é a soma de muitas outras linguagens (palavras, gestos, sons, cores, imagens, formas, etc.)” (Peres et. al., 2006: 223). Por isso, qualquer temática pode ter expressão através desta técnica, seja a temática ambiental, a social ou outra. É capaz de transformações de real importância, no contexto comunitário da sua expressão. Quando uma pessoa assiste a uma peça de teatro, as barreiras psíquicas e de outras ordens adquirem um estatuto de suscetibilidade, que a dispõe a um trabalho de reflexão, criação, invenção que conduzem à revitalização dos seus agentes passivos e também ativos. A dimensão formativa do teatro é uma realidade sem limites temporais. A leitura crítica do espectador, depois de assistir a um espetáculo de teatro, tem cariz educativo, porque resulta em desafio que vai encontrar soluções ancoradas na sensibilidade, afetividade, intelectualidade, emoção, despertadas então, “qualquer aumento do nosso conhecimento é uma libertação.” (Bronowski, 1983: 53).

O espectador é testemunha e, como tal, comprometida com a ação. Todo o processo cognitivo decorrente é uma “rebelia” ou afirmação que ocorre no espectador, suscitando-se educação através da arte do teatro. Paulo Freire afirma que o cultural opera transformações sociais, diz-nos concretamente que “toda a ação cultural é sempre uma forma sistematizada e deliberada de ação que incide sobre a estrutura social, ora no sentido de mantê-la como está ou mais ou menos como está, ora no de transformá-la.” (2003: 178).

4.5. Método ativo não diretivo

A representação dramática é um processo de alteridade e de ressignificação de conhecimentos, de transformação, de tomada de consciência do outro e dos pontos de vista de cada um, o que leva à conscientização, isto é, à tomada de consciência de si. Portanto, é uma ferramenta de socialização e de intervenção, o que tem a ver com a natureza das aprendizagens

que o teatro promove à pessoa enquanto ator ou espectador. Pode operar transformações libertadoras. O recurso à arte como forma de emancipação é, por si, emancipador e libertador. Delors preconiza esse modelo emancipador e também libertador, senão vejamos o que o autor nos aponta: “Uma nova concepção alargada de educação devia fazer com que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido em cada um de nós.” (Paulo Freire, 2003: 78).

Este conceito de educação distancia-se de educação puramente instrumental. É humanista. O autor preconiza uma educação de participação em projetos comuns, na resolução de conflitos e como recurso à criatividade. Como sabemos, para criar, a sensibilidade é essencial.

Curiosamente, Faure, Delors e Morin tecem considerações sobre a urgência da universalização da educação teatral nas escolas e em contextos não formais também. Nesta linha, parece-nos que um dispositivo, uma ferramenta metodológica de educação de adultos é o teatro. Os autores ajudam-nos a sentir a representação dramática como forma criativa, de resultados espontâneos, quer do ponto de vista do ator quer do espectador. Com esta técnica, os riscos ou conflitos ou problemas estão à mostra, presentes, o que traz implicações pessoais. A exposição de sentimentos suscita o fervilhar de sensações e emoções também em quem vê e isto é transformador. Os métodos ativos e não diretivos caracterizam o teatro, fazendo deste uma ferramenta de construção social muito importante.

O exercício de alteridade, o do espectador se colocar no lugar do outro e em vez dele, é, em si, um processo enriquecedor, de autoformação e autorregulação. Neste estímulo de criatividade, a representação dramática está ligada a valores de libertação, de conscientização, de promoção da pessoa, pois leva-a a vencer vicissitudes como resignação, timidez, desconfiança. O processo de autoformação e autorregulação passa, por três momentos: reflexão, reação, alteridade. Com o contributo desta ferramenta metodológica podemos assistir à produção de diferentes formas de pensar uma mesma situação, uma vez que está ao alcance de todos, independentemente da instrução académica de cada um.

Cármén Dolores (Lima et al., 2010: 127-128), atriz ilustre dos nossos palcos, sintetiza a força do teatro na construção das pessoas, da comunidade, enfim, de um mundo mais solidário, da seguinte forma:

“[...] modalidade das artes cénicas é, sobretudo, para formação de um público conhecedor e atento, e mais ainda para benefício do ser humano, para que possa usufruir da dádiva da arte, e não só espiritualmente, mas também para que aprenda, por exemplo, a ter a noção do corpo, para que se sinta melhor dentro de si próprio, para que saiba dominar esse corpo, para que se habitue a conhecer em profundidade os seus próprios sentimentos, a controlar as emoções, a melhor saber expressá-las, a melhor se movimentar, a melhor saber falar. [...] a melhor poder comunicar, a melhor compreender os outros e a estar mais próximo de todos, porque mais conhecedor de si próprio, mais seguro de si, e por tudo isto, mais tolerante, mais aberto aos outros, porque então, sim, conhecerá bem os seus próprios defeitos, as suas falhas (em virtude de muito se ter analisado) e assim será capaz de sorrir compreensivamente perante algumas fraquezas dos seus semelhantes que, por sua vez, também pelo mesmo motivo, melhor saberá perdoar.”

Vieites aponta o teatro como sendo “a mais social das artes” pela responsabilidade e intervenção “*na esfera pública e nos assuntos da república.*” (Lima et al., 2010: 34). É, portanto, promotor da participação democrática.

4.6. Animação teatral

A animação teatral é uma dimensão que integra três conceitos, segundo Xavier Úcan Martinez (Peres et al., 2006: 217) “[...] a cultura é objeto de estudo da antropologia; a animação sociocultural é da educação, em concreto, da educação social; e o teatro é estudado pela arte.”. Por esse motivo, a definição aponta para uma pluralidade. Esta é uma área que se multiplica em características; mas que, essencialmente, se orienta para a busca da qualidade de vida comunitária. Assim sendo, a animação teatral é o desenvolvimento de condições educativas da pessoa, através de uma ferramenta particular – o teatro. É, por si, também uma ferramenta ao serviço da comunidade, que através da importância dada à experiência pessoal, e juntando o útil ao agradável, contribui para a compreensão da realidade (Peres et al., 2006: 220).

Enquanto animação com fins meramente lucrativos, a animação teatral não existe, ou muito dificilmente se fará. A animação teatral acontece quando é um meio de passar e de preencher um tempo; um meio de ampliação de horizontes e de promoção da melhoria da qualidade de vida. Ela toma diferentes formas consoante a sua metodologia prevê a ampliação de horizontes na pessoa e com efeito na sua comunidade. Se não tiver como fim o lucro, mas for um modo de preencher um tempo, até o teatro profissional, o amador, entre outros, podem ser animação teatral (Peres et al: 221). Se estiver prevista, portanto, a ação dos participantes em iniciativas e processos criativos e geradores de promoção e consolidação de valores culturais, pessoais, comunitários, estamos perante animação teatral.

Em suma, a oportunidade de crescimento ou desenvolvimento do ser humano em muito depende das oportunidades não formais e informais proporcionadas de auto e hetero-conhecimento. A esfera artística dá o seu grande nessa construção de pessoas livres, na medida em que faz resvalar virtudes e defeitos, dando oportunidade de, assim, nos melhorarmos, transformando-nos.

CAPÍTULO III

PERCURSO METODOLÓGICO

CAPÍTULO III

PERCURSO METODOLÓGICO

1. A construção do objeto de estudo

A construção do presente trabalho foi sendo feita no seio de um contexto associativo. Este demarca-se sobretudo por práticas do âmbito da representação teatral, essencialmente de carácter amador. Neste contexto associativo, levado a cabo por cidadãos com vários perfis profissionais, pessoais e sociais, uma comunidade é presenteada com atividades amadoras do âmbito teatral. Assim, é proposição deste trabalho examinar as repercussões educativas que o grupo associativo em estudo de teatro de cariz amador pode ter nos cidadãos que elaboram e executam o plano de atividades proposto no seio do grupo.

Na realidade, com o presente estudo, objetiva-se perceber, no grupo associativo de teatro amador, quais as dimensões educativas que o mesmo revela ou faculta aos seus agentes. Além disso, é objetivo analisar as projeções sociais desencadeadas nesses agentes derivadas da integração e participação no grupo associativo em causa.

Ao problematizar domínios educativos num grupo associativo local, junto da população adulta que o constitui e executa as propostas do plano de atividades, propomo-nos saber de que forma são, de facto, facultados preparações e formações em competências várias. Nomeadamente, saber se são proporcionados ensaios em diferentes domínios, como relacional, de autorregulação, partilha, autoanálise, e seus efeitos na vida desses agentes.

Na verdade, pretende-se investigar sobre a importância educativa do trabalho associativo amador para os participantes nele. O associativismo local, nomeadamente de cariz teatral amador, é o contexto para o estudo de dimensões educacionais no seu interior e reconhecimento das mesmas entre os seus membros ativos. Não se busca, portanto, uma investigação sociológica do resultado obtido na comunidade com as atividades desenvolvidas pelo grupo ativo. Mas, essencialmente, a repercussão pessoal e social proveniente da integração num trabalho amador à base de representação teatral. É, por conseguinte, o carácter formativo do trabalho amador em associativismo que se propõe estudar e suas implicações nos agentes associativos.

Considerando que, como dizia o filósofo Sócrates, todo o homem é um ser social, a repercussão social do trabalho dos agentes associativos na comunidade também importa conhecer. Portanto, é objetivo analisar as projeções sociais facultadas a esses agentes, derivadas da sua ação no grupo associativo.

Em síntese, o presente estudo voltar-se-á para as vivências e experiências que os agentes associativos experimentam no grupo, buscando-se nelas dimensão educativa não formal e informal. Desta feita, procura-se o carácter formativo do envolvimento dos associados ativos e seus efeitos nestes. Procurar-se-á captar, entre as atividades que vão decorrendo e os seus participantes, interações educativas construtivas, enriquecedoras do bem pessoal e coletivo. O paradigma não formal e informal da educação veiculada num grupo associativo é objeto de breve análise, portanto, neste trabalho.

2. Questões orientadoras

Ao problematizar domínios educativos numa associação local, junto da população adulta que a constitui, partimos das seguintes questões orientadoras:

- Qual o potencial educativo das experiências associativas?
- Em que medida em contexto associativo são desenvolvidos processos educativos não formais e informais?
- Que transformações pessoais e sociais podem ocorrer em agentes de um grupo associativo de teatro amador?

Se durante as ações do grupo os seus associados não interagirem no sentido de planificarem como vão executar essas ações e, durante isso, não o fizerem com sentido crítico e de partilha, não haverá condições de a educação não formal acontecer. De facto, quando o trabalho preparatório de uma representação teatral é feito pelo grupo executante e não apenas pelos ensaiador e encenador, poderão verificar-se transformações pessoais e sociais, isto é, descobertas pessoais enriquecedoras.

A presente pesquisa pretende, portanto, explorar até que ponto o teatro amador em contexto associativo pode constituir uma forma educativa, facilitando a construção da liberdade pessoal.

Partindo do conceito de que as aprendizagens não são neutras, levantaram-se as questões supra que nos parecem constituir um ponto particular, embora reduzido, de um todo que sabemos encerrar valor para um estudo de maior envergadura.

3. A Metodologia - O paradigma qualitativo e o método

O presente estudo assenta na análise qualitativa de uma realidade associativa, sob a perspectiva interpretativa de dados recolhidos sobre os agentes associativos. E porque apenas uma parte do grupo associativo será objeto de estudo é que nos propomos realizar um estudo de caso. Além de se tratar de um grupo associativo local, envolvendo um palco pequeno de pessoas ativas, com apenas alguma visibilidade além fronteiras da freguesia em que se insere, desenvolve um plano de atividades à dimensão do grupo, muito embora com rigor e exemplaridade. Daí tratar-se, este, de um “estudo de caso de observação”, na medida em que incidimos apenas numa parte deste pequeno todo cultural, muito embora com atenção em várias experiências interativas do grupo, que, como nos diz Bogdan & Biklen (1994: 62), “são as realidades múltiplas e não uma realidade única que interessam ao investigador qualitativo.”. Não é, pois, objetivo conhecer e aprofundar uma associação nas suas várias funções, finalidades e propósitos entre outras coisas, mas apenas parte dela no que toca às experiências proporcionadas que, por sua vez, se multiplicam consoante o ponto de vista investigado/investigador.

E porque cada interpretação das experiências vivenciadas é um ato próprio, estudá-las contribui para a entender em vários passos; e referimo-nos a vários momentos como o de escolha ou propósito de fazer parte do grupo, de continuar nele, de desenvolver no seu seio atividades de representação teatral e outras, como é gerido o tempo pessoal, o que se ganha com o facto de se ser elemento de um grupo associativo.

A investigação tomou um rumo concertante entre duas partes: a teórica e a empírica. No que concerne à parte empírica da dissertação, a metodologia escolhida pelo investigador foi predominantemente a qualitativa, numa abordagem descritiva e holística, seguindo o método de estudo de caso, a fim de desenvolver uma investigação do fenómeno social estudado.

Deste modo, neste estudo parte-se da investigação qualitativa, ou melhor, visa-se, como afirma Bogdan & Biklen (1994:67) “estudar subjetivamente os estados subjetivos dos seus sujeitos.”. O atual estudo prende-se, assim, com o desenvolvimento de uma perceção alargada do grupo associativo e seus sujeitos, como bem nos explica Bogdan & Biklen (1994: 69) quando refere “construir uma consciência mais ampla da natureza da vida social.”. Com efeito, depois do explicitado no ponto dos objetivos, será necessário demarcar que esta trata-se de uma investigação para compreender os sujeitos do grupo associativo sob o ponto de vista comportamental e experiencial e, depois, descrever e deduzir sobre a existência ou não de práticas educativas; sobre este propósito, Bogdan & Biklen (1994: 70) defende que “O objetivo dos investigadores qualitativos é o de melhor compreender o comportamento e experiência humanos.”.

As experiências observadas e descritas são objeto de interpretação pelo investigador que, por sua vez, também é detentor de um ponto de vista pessoal. Deste modo, para ultrapassar esses constrangimentos será feita a observação direta ou não participante, mesmo de forma a melhor interpretar as ações dos agentes. A este propósito, dizem-nos os mesmos autores que

“As pessoas não agem com base em respostas predeterminadas a objetos predefinidos, mas sim como animais simbólicos que interpretam e definem, cujo comportamento só pode ser compreendido pelo investigador que se introduza no processo de definição através de métodos como a observação participante.” (1994: 55).

O presente estudo assenta, pois, na análise qualitativa de uma realidade associativa sob uma perspetiva interpretativa de dados pessoais que se vão recolhendo a partir da observação direta e de contactos assíduos. A metodologia dialógica é a privilegiada para melhor percepção da rede relacional e espacial desenvolvidas pelo grupo associativo em estudo. É assim que se opta por estudar, dentro do grupo associativo, a partir dos elementos do órgão estatutivo, a direção que, por sua vez, além de elaborarem o plano de atividades, o executam também. Da

direção faz parte um número não elevado, mas também não reduzido de elementos, o que nos parece favorável a uma investigação de estudo de caso.

Em suma, com vista a obter um conhecimento mais aprofundado sobre as experiências educacionais de um palco humano em contexto associativo, parece-nos que o método intensivo estudo de caso enquadra esse objetivo do presente estudo. Revisitados alguns autores e feita uma sistematização do tema proposto, escolheu-se o rumo metodológico de articulação teórico-prática. O estudo empírico, em articulação com o teórico de revisitação e referenciação de autores, constituirá uma mais-valia para a construção de conhecimento que se deseja sobretudo qualitativo.

4. Técnicas de investigação

Na realização do presente estudo de caso, são utilizados procedimentos metodológicos vários, como sejam a análise documental, a observação direta e o inquérito por questionário. Foi feita a leitura e análise dos Estatutos, do Regulamento Geral Interno da associação em causa, para além dos documentos que sustentaram a parte teórica. Um instrumento recorrente no estudo de caso é o inquérito por questionário, o qual faculta a abordagem direta com os inquiridos, e o acesso a informações necessárias à abordagem temática proposta no estudo. É nesse sentido que decidimos recorrer a este instrumento de trabalho, durante a fase exploratória deste trabalho.

Respeitando aquilo a que nos propusemos, iniciamos o trabalho de campo: Num primeiro momento, assistimos, durante o período de fevereiro de 2012 a julho de 2013 às reuniões da Direção e da Assembleia Geral e aos vários encontros do grupo artístico para recriação de uma peça de teatro. Enquanto isso, analisavam-se os Estatutos e Regulamento Geral Interno que a Direção autorizara fornecer.

O trabalho desenvolvido nos encontros preparatórios de uma representação dramática foram os que privilegiamos no atual trabalho bem como o inquérito por questionário. Procura-

mos estar presente em todas essas sessões, pois, na senda de Quivy & Campenhoudt (1995: 196),

“As observações sociológicas incidem sobre os comportamentos dos atores, na medida em que manifestam sistemas de relações sociais, bem como sobre os fundamentos culturais e ideológicos que lhes subjazem. Neste sentido, o investigador pode estar atento ao aparecimento ou à transformação dos comportamentos, ao efeito que eles produzem e aos contextos em que são observados, [...]”.

É verdade que a observação direta tem vantagem, pela possibilidade que encerra, de se deparar com situações espontâneas e se poderem analisar também outras linguagens para lá da verbal escrita e oral. Neste particular, corroboramos, de facto, a opinião de Quivy & Campenhoudt (1995: 199) “A autenticidade relativa dos acontecimentos em comparação com as palavras e com os escritos. É mais fácil mentir com a boca do que com o corpo.”.

Num segundo momento e na senda dos mesmos autores, optamos pelo inquérito por questionário, pois contribui para um estudo de consociações; vejamos o que dizem estes autores a propósito das vantagens do inquérito por questionário ser “A possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação.” (1995: 189).

4.1. Inquérito por questionário

Um inquérito por questionário (apêndice 1) foi elaborado com base nas questões orientadoras previamente formuladas, om vista a testá-las e para que da sua análise e de outros elementos de recolha resultasse um relatório representativo do objeto de estudo proposto. Com efeito, este inquérito foi criado numa fase ainda exploratória da pesquisa e serviu como instrumento de recolha de dados. Através deste instrumento, pretendia-se conhecer o número de agentes da associação a estudar, a faixa etária, sexo, interesses e motivações dos mesmos para se associarem e trabalharem num grupo associativo de teatro amador. Também era interesse saber.

O inquérito constitui-se de 15 perguntas algumas com alínea, essencialmente de seleção, e seis de resposta curta. Foi preenchido por 8 pessoas, todas a realizar trabalho, então, no grupo associativo, para criação de um espetáculo.

Visava-se, com o inquérito por questionário, obter informação que permitisse, em cruzamento com os resultantes de outros instrumentos, uma análise de um grupo associativo de teatro de carácter amador.

4.2. Entrevista semidiretiva

Um instrumento recorrente no estudo de caso, a entrevista, facultava a abordagem direta com os inquiridos e facultava informações necessárias à abordagem temática proposta no presente estudo. É neste sentido que decidimos recorrer a este instrumento de trabalho, numa fase posterior àquela em que foi utilizado o inquérito por questionário; fase esta em que o grupo artístico da associação preparava a representação de uma nova peça de teatro – “O Gebo e a sombra”, de Raúl Brandão -, de fevereiro de 2012 a agosto de 2013.

Em termos metodológicos, a presente investigação assenta fundamentalmente em entrevistas semidiretivas a nove pessoas, todas elas associadas e com papel ativo na associação em estudo.

Durante o processo, e como em muitas circunstâncias, sentiram-se dificuldades na recolha de dados que contribuíam para o desenvolvimento deste trabalho, isto é, para confirmar ou não os encontros e desencontros de educação de adultos em contexto associativo já supra referido.

A primeira dificuldade encontrada foi decidir qual dos dois grupos de sócios a inquirir: o do corpo artístico e também da Direção do grupo; e/ou o corpo artístico da Revista. Em virtude da abordagem temática definida, entendemos dirigir as entrevistas ao corpo artístico geral da Associação, pois constitui-se de elementos que diretamente trabalham no seio do grupo associativo, a título pessoal e voluntário.

Seguidamente, sentimos como limitação o número da amostra que se resume ao das pessoas que mais trabalham na associação na componente artística, e às que aceitaram ser entrevistadas por terem disponibilidade ou estarem ainda em Portugal a viver. Outras havia que poderiam ter sido entrevistadas, mas por razões pessoais não puderam ou não quiseram. Estas últimas justificaram sentir limitações na sua fluência oral, essencialmente. Tratando-se de uma associação em que a atividade envolve encenação e apresentação de peças de teatro, Revista ou sessões de poesia ou formação na área, e visto que estas práticas não podem ser constantes pelo trabalho que envolve ao nível pessoal e logístico num contexto amador, a amostra reduziu-se, como já foi suprarreferido, a um número que, apesar de baixo – seis -, é real e consideramos suficiente.

Na verdade, as limitações não se resumem ao número de entrevistados, mas também a certo constrangimento da parte do entrevistador que, perante entrevistados com quem mantém relação familiar ou muito próxima, se terá sentido menos à vontade, tendo, mesmo, falhado algumas questões ou baralhado outras, como é o caso de quando é perguntado sobre o papel social do teatro quando era intenção perguntar sobre esse papel, mas relativamente à associação. Esta situação revela, em contrapartida, um trabalho de campo não encenado.

Outra dificuldade com que nos deparámos foi durante a análise das respostas às entrevistas. À medida que se desconstruíam as respostas, descobriu-se que talvez outra formulação da pergunta tivesse sido mais proveitosa ou que mais um pedido tivesse completado melhor outra pergunta e resposta à mesma. Algumas questões teriam tido um ajuste, mas isso é o que se descobre apenas quando se está em franco trabalho com as respostas obtidas.

Por aquilo, as limitações atingem o próprio processo de análise de algumas questões que, no todo da exploração das respostas dos entrevistados, tentamos resolver, apesar de reconhecermos, tal como Bogdan & Biklen (1994: 257), que “não existe nenhum tema que não precise de ser mais investigado.”. Desta feita, deixamos em aberto a possibilidade de outras análises, procurando especificar e explorar o melhor possível os resultados obtidos das entrevistas. E isto na senda de Quivy & Campenhoudt (1995: 185) que referem que

“não basta conceber um bom instrumento, é preciso ainda pô-lo em prática de forma a obter uma proporção de respostas suficiente para que a análise seja válida.”.

Trata-se de entrevistas elaboradas com vista à obtenção de informação sobre motivações, reflexões, valores veiculados no trabalho desenvolvido na associação em estudo (ver apêndice 2). Para além das entrevistas, também se fez análise de documentação da Associação, nomeadamente Estatutos e Regulamento Geral Interno, de 28 de Maio de 2011.

Durante a realização das entrevistas, fomos construindo um quadro síntese (apêndice 3) do qual consta uma coluna com as categorias e outras colunas com citações ou testemunhos de cada um dos entrevistados relativas a cada categoria em análise.

Considerando o quadro construído para a análise qualitativa das entrevistas semidiretivas concretizadas no âmbito do presente estudo a um conjunto de nove pessoas todas elas ligadas ao grupo associativo em causa, passamos a uma apreciação por categorias, sendo que estas se encontram articuladas e subsumidas nas questões feitas em entrevista. Reforça-se que a problematização do presente estudo é tecida à volta da importância do teatro e da associação na vida das pessoas, e objetiva-se ainda:

- Explorar até que ponto o teatro amador em contexto associativo pode constituir uma forma educativa, facilitando a construção de liberdade pessoal;
- Obter um conhecimento mais aprofundado sobre as experiências educacionais de um palco humano em contexto associativo.
- Compreender os sujeitos do grupo associativo sob o ponto de vista comportamental e experiencial.

Assim, demarcamos, primeiramente, as categorias que vieram a servir de roteiro da entrevista semidiretiva e que também constam do quadro síntese:

1. Perfil socioprofissional: género, idade, estado civil, profissão, residência, grau de escolaridade.

2. Percurso na Associação: que atividade exerce na associação. Há quanto tempo colabora com esta Associação.
3. Experiências anteriores: se está ou já esteve ligado a atividades de índole cultural, artística, desportiva ou outra e como as caracteriza.
4. Motivações, Interesses e Objetivos: o que o motivou a associar-se a esta Associação. O que pensou obter da Associação.
5. Percepções e opiniões: se considera o teatro e a expressão dramática relevantes na formação dos cidadãos.
6. Tipo de atividades educativas: que atividades são desenvolvidas no Teatro. Que estratégias pedagógicas são praticadas. Que tipo de atividades considera mais importantes para o seu desenvolvimento.
7. Contributos: que contributos esperava do teatro ao nível pessoa e social e se acabaram por se concretizar.
8. Efeitos educativos: parece-lhe que a sua experiência na Associação promoveu aprendizagem individual e coletiva e de que forma e como caracteriza essas aprendizagens. O que aperfeiçoou em si.
9. Impacto na Comunidade: se a Associação presta serviço social através das atividades que desenvolve. Se a Comunidade reconhece o trabalho da Associação.
10. Avaliação crítica: quais são os pontos fortes e os fracos da Associação.

Seguidamente, reuniram-se as palavras-chave ou conceitos agregadores por categorias, com exceção da primeira categoria por se tratar da categoria dos dados biográficos. São essas palavras-chave, por categoria, as seguintes:

- Categoria 2 – Percurso na Associação: Revista, canto, dança, ator, atriz.
- Categoria 3 – Experiências anteriores: marchas, Revista, música

- Categoria 4 – Motivações, interesses e objetivos: gosto, capacidades, partilhar, desenvolver capacidades, convívio, voz, esquecer o quotidiano.
- Categoria 5 – Percepções e opiniões: importante, aprender, cultural, social, recebe-se, faz falta.
- Categoria 6 – Tipo de atividades educativas: workshops, Revista, teatro, poesia.
- Categoria 7 – Contributos: estar à vontade, aprende-se, partilha, aprender, convívio.
- Categoria 8 – Efeitos educativos: partilha, liberta, aprendizagem, voz, transformação.
- Categoria 9 – Impacto na comunidade: anima a terra, lado cultural e social, papel intervencionista.
- Categoria 10 – Avaliação crítica: pontos fracos: faz-se pouca coisa, poucos elementos, pouca gente nova, a designação de teatro “amador”. Pontos fortes: as pessoas, grupo, família, amigos, aprendizagens,

CAPÍTULO IV

DIMENSÕES EDUCATIVAS DA ASSOCIAÇÃO DE TEATRO AMADOR

CAPÍTULO IV

DIMENSÕES EDUCATIVAS DA ASSOCIAÇÃO DE TEATRO AMADOR

1. Caracterização do contexto local da associação

A localidade em que se insere a associação em estudo pertence a um concelho do norte litoral. Ocupando uma área de pouco mais de 6 Km², a localidade tem grande parte do seu território com linha de fronteira com o Oceano Atlântico, a Oeste, e com o Rio Cávado a Norte e Nordeste.

As origens da localidade são anteriores à da própria nacionalidade. Até início do século XX, a localidade possuiu um importante estaleiro naval onde se construíram enormes navios pesqueiros, daí esta terra ter tradições muito fortes ligadas ao mar e às respetivas fainas.

Ainda no primeiro quarto do século XX, a emigração para as Américas, sobretudo para o Brasil, levou a que alguns autóctones enriquecessem, de tal forma que, na localidade, compraram enormes terrenos onde construíram casarões e mansões, perdurando ainda hoje algumas conservadas por familiares e herdeiros. Assim se criou e desenvolveu o núcleo central da vila e que é o atual Centro Histórico ainda não classificado. Desde meados do século passado até aos anos oitenta, esta é uma localidade cujas atividades gravitam em torno do núcleo urbano – pequeno comércio, restaurantes, correios, banco e vários outros serviços – ficando o turismo para a zona da praia, com os autóctones a trabalharem sazonalmente, de maio a setembro, na hotelaria. Os que cuidavam das terras e viviam da agricultura também eram na sua grande maioria pescadores.

Qualquer autóctone, atualmente com mais de 60 anos, com muita certeza podemos afirmar que já trabalhou na restauração, na agricultura ou na pesca, sendo poucos os que por um destes ofícios não passaram.

O Centro Histórico foi perdendo a sua preponderância à medida que avançou o *boom* imobiliário em Portugal de que a localidade também padeceu.

Na localidade, desde sempre, e, em muito, resultado da sua sociedade cosmopolita, com facilidade surgiram modelos de associações e instituições aos vários níveis. Falamos de Associações e Clubes Culturais e Recreativos, Associação Humanitária como são os Bombeiros Voluntários, Grupos de Teatro e Revista, entre outros. Os autóctones ganharam o hábito de se associarem e desta forma manterem-se ativos para além da sua profissão; poucos são os que, de entre os atuais 3080, não sejam sócios de pelo menos uma associação local ou não.

2. Caracterização da associação em estudo

O Grupo Associativo em estudo é uma pessoa coletiva de direito privado, sem fins lucrativos, que goza de personalidade e capacidade jurídica e judiciária, totalmente autónoma e independente de qualquer forma ou representação de poder político, religioso, económico, ou outro, regendo-se pelos Estatutos, pelo presente Regulamento Interno e deliberações aprovadas e que vierem a ser aprovadas pelos seus órgãos, e pelas disposições legais aplicáveis à sua natureza e objeto.

Fundado na década de 80, e localizado numa das vilas do norte litoral, este grupo associativo propõe-se a atuar no sentido de:

- realizar espetáculos diversificados, que englobem não só o teatro, mas diversificadas artes performativas;
- promover ações de formação no âmbito do teatro;
- promover o estabelecimento de parcerias;
- promover o envolvimento da comunidade, de todas as faixas etárias, nas atividades por si promovidas, conforme consta nos estatutos da associação.

O grupo conta com cerca de 70 associados, de várias faixas etárias, e a sua Direção, em funções desde 2010, é composta por membros com idades compreendidas entre os 21 e os 45 anos, juntando pessoas de diferentes áreas de formação e que tentam levar a cabo os objetivos

a que a associação se propõe, criando uma verdadeira sinergia entre os seus diversos saberes, experiências e formas de viver o teatro e a arte, ainda que nunca tivessem sido todos dirigentes de uma associação.

A presente Direção assumiu o desafio de formar um público bastante ligado ao teatro de Revista e popular, que nos anos 50, 60 e 70 do século passado tinha uma forte tradição na localidade, no sentido de este apreciar criticamente peças de diferentes densidades e carizes dramáticos. Ao mesmo tempo, propôs-se também a trazer espetáculos de outras áreas performativas como a dança, por exemplo.

Assim, esta Direção tem a preocupação de escolher repertórios e produções que estimulem a capacidade crítica e de análise do público e daqueles que nelas participam, tentando contribuir como um espaço de reflexão social. O corpo artístico, que incorpora e dá vida às performances criadas é composto por habitantes da localidade na sua maioria, mas agregando já algumas pessoas de outras freguesias do concelho, oscilando, o grupo, cerca de dez a quinze pessoas entre os vinte e poucos anos e os sessenta e tal.

Para colmatar a falta de formação, o grupo promoveu um curso intensivo de iniciação teatral, com atores profissionais, e aberto à população em geral. Alguns membros da Direção também participam neste corpo, que conta ainda com um encenador e um cenógrafo com formação profissional.

Como se pode verificar, é um grupo diversificado, heterogéneo, que se dedica não só ao teatro, como também à promoção de outras artes performativas, tendo já realizado vários espetáculos e atividades que visam o envolvimento da comunidade local e o seu interesse no teatro e na cultura. As atividades desenvolvidas foram:

- formação em teatro, aberta à comunidade;
- sessões de poesia em bares da terra, e espetáculos de poesia encenada;
- formação em caracterização de personagens;
- produção de peças de teatro, de natureza dramática diversificada, mas que tem incidido, sobretudo, em autores portugueses;

- promoção de espetáculos de outras áreas artísticas, sobretudo de dança;
- participação já assídua no encontro de teatro amador (ETA) anual, promovido pela autarquia local, e noutras atividades promovidas por esta;
- promoção de parcerias com outros grupos de teatro do concelho;
- apoio à *Revista Fangueira* (de cuja tradição já se falou).

3. Caracterização dos agentes associativos

Dos setenta e um associados nem todos participam de forma ativa na associação. Muitos são membros da comunidade em que a associação se insere, e partilham interesse pela conservação do património cultural, mas como espetadores do trabalho desenvolvido e para o qual apenas contribuem com o pagamento da quotização anual.

O corpo artístico é constituído por sócios e é variável consoante a peça a trabalhar, isto é, a levar a cena. O número de personagens por peça influi no número de atores que estarão a trabalhar diretamente no próximo trabalho, e no perfil desses atores. Desta maneira, o trabalho que se segue apresenta e respeita esta estrutura criada entre membros. São, durante o presente trabalho, oito ao todo os membros que constituem o corpo artístico mais rígido.

Quando se trata de um trabalho artístico de rua – marchas populares, Carnaval, Cortejos... - , os interessados comparecem ao aviso de encontro para um qualquer desses fins e dispõem-se a todo um trabalho criativo em ambiente informal de educação dinamizado em grupo. Uma ideia ou proposta de trabalho resulta em passa a palavra, e, depois de um número razoável de ininteressados, resolve-se o local de encontro menos casual e horário. Todo o processo seguinte consiste em, conjuntamente decidir as músicas ou letras, roupas ou o que quer que faça falta à concretização de um projeto e que seja um tempo de construção pessoal e de grupo.

4. Caracterização das formas educativas da associação

Para além das atividades de educação formal que o grupo já promoveu – curso intensivo de iniciação teatral, por exemplo –, o início de um processo de trabalho, durante os encontros, não obedece a formalismos. São privilegiados processos não formais e informais de educação na medida em que todos se reúnem e debatem interesses pessoais e comunitários que possam resultar na conceção de um projeto artístico de interesse geral. Poder-se-á dizer que o ambiente dos encontros dos elementos do grupo associativo para construção de projetos que envolvam o empenho pessoal não obedece a formalismos e a rigor em termos de planeamento. Portanto, os projetos resultam do empenho, investimento e vontade dos que dele quiserem fazer parte. A estratégia do grupo associativo é a de promoção da participação ativa dos cidadãos voluntários na ação comunitária, a partir daquilo que as pessoas sabem e sentem. Neste sentido, o mecanismo de construção dos indivíduos, praticado no grupo associativo é promover, como no capítulo teórico se refere, a cidadania democrática, a construção em comum, a interajuda. Na senda de Palhares & Torres (2008: 99-120), este grupo desenvolve modelos não formais e informais de desenvolvimento pessoal em intervenção organizacional. O envolvimento dos indivíduos em contextos associativos, praticado voluntariamente, é um processo educativo não formal e informal, pela autonomia e aprendizagens que promove nesta prática do ensinar o que se sabe e receber o que os outros têm para ensinar. A partilha é, no seio do grupo em estudo, o mecanismo estimulador dos que nele se envolvem. Não são impostos projetos, mas discutidas opiniões e interesses de todos quantos se voluntariam para promover trabalho de construção comunitária a partir do trabalho artístico. Nestas práticas, os cidadãos intervenientes veem promovidas as suas autoestima e consciência, o que é construtivo e, portanto, educativo.

5. Primeiro momento exploratório

Num momento inicial, enquanto era trabalhado o projeto teórico deste estudo, fomos assistindo ao desenvolvimento das atividades do grupo associativo em estudo. Os sócios que

constituíam o corpo artístico do projeto em mãos - “O meu caso” de José Régio – contava com um universo de nove elementos. Na realidade, administramos um inquérito por questionário (apêndice 1) a uma amostra – a seis elementos - dos sócios que constituíam esse corpo artístico do então projeto. Desta forma, pretendíamos ter uma visão alargada do trabalho educativo e da formalidade ou não desses processos. O questionário incluiu sete questões abertas e oito questões fechadas. Através deste instrumento procurávamos perceber as motivações dos voluntários para estarem associados neste grupo em estudo e os valores transportados e recebidos.

Ressalva-se que este instrumento foi utilizado num momento exploratório como forma de avaliar a validade do projeto em estudo. Por isso, serão apenas explorados alguns dos itens e respostas do inquérito. Assim, quando inquiridos sobre as razões que levaram a frequentar a associação em estudo (questão 4), três inquiridos referem terem sido sugestionados por amigos, um pelas pessoas do grupo e dois pelo teatro. Será também de interesse analisar as respostas à questão 12, (neste ponto, perguntava-se se pensavam melhorar alguma coisa na sua vida, participando na associação), em que apenas um inquirido responde que nada melhorará na sua vida participando na associação. A maioria tem percepção da contribuição de uma participação associativa no ganho pessoal, o que corrobora o que os autores dizem e se refere no capítulo teórico. Na resposta à questão número oito (“Que valores são disseminados através desta associação?”), dois dos valores mais apontados pelos inquiridos são os educacionais e os sociais. Particularmente se vê também que “adquirir novos conhecimentos” é, na questão número treze, a opção que está entre as quatro de primeira escolha como contributo do teatro a nível pessoal. Obteve-se 100% de respostas positivas à pergunta sobre a importância do teatro e da expressão dramática na formação dos cidadãos.

O inquérito supra analisado serviu apenas como primeira abordagem e integração da nossa parte como observadores e estudantes de situações particulares. A partir do mesmo ficamos também com alguma percepção de quem são e o que pensam alguns membros do grupo associativo estudado.

6. Dimensões educativas da Associação de Teatro Amador

6.1. O ambiente de trabalho pedagógico da Associação

É de referir que assistimos, de setembro de 2012 a abril de 2014, a reuniões da Direção e da Assembleia Geral da Associação e aos ensaios/vários encontros do grupo artístico geral para recriação de peças de teatro e Revista. O trabalho desenvolvido nos encontros preparatórios de uma representação dramática ou Revista foram privilegiados no atual trabalho. Nestes, o grupo artístico geral procedia à leitura e análise de textos escolhidos pelos encenadores (de teatro e de Revista), a fim de serem representados. Tratou-se, no caso da Revista, de um texto com aspetos críticos atinentes às questões locais, para ser representado em rábulas, de fácil memorização e encenação. O outro era um texto da autoria de Raúl Brandão, com densidade dramática, que exigiu bastante tempo de análise, assimilação e preparação. Durante os trabalhos de preparação da Revista, os elementos reuniram entre duas a três vezes por semana, à noite, por um período de dois meses. O período de trabalho do grupo que levaria a cena “O Gebo e a sombra” de Raúl Brandão foi bem mais longo. Reuniram desde fevereiro de 2012, duas vezes por semana, em período pós laboral, até agosto de 2013, data em que levou a cena a peça. Numa primeira fase, de cerca de três meses, o grupo pôde opinar, encontrar interpretações, transpor assuntos da peça para a realidade, ter margem de discussão livre, desprovida de preconceitos porque ninguém estava a ser obrigado nem avaliado; o mesmo acontecia no trabalho da Revista.

Mesmo a persistência dos membros é curiosa de analisar, uma vez que suportavam o trabalho apesar das dificuldades, críticas e de muito polimento a fazer que permitisse atuar e seguir com o papel atribuído, e também em horário pós laboral. Alguns elementos, porém, tinham vontade intrínseca que lhes advém de uma veia artística descoberta e expressa em situações anteriores idênticas, porque já tinham representado ou estado em palco, ou têm formação na área da representação dramática, na dança ou na música. Outros eram interessados e amantes de teatro sem qualquer experiência ou pouca na área.

Na verdade, os momentos de reflexão propiciados no seio do grupo em ambiente de descontração e de partilha, a que assistimos, enquanto desenrolava o processo de pré-atuação, surtiam efeito libertador porquanto propiciavam descoberta de outras formas de pensar, outras ideias e ações. Constrangimentos iniciais iam desvanecendo, dando lugar a abertura de espírito, a compreensão de si e dos outros, pela discussão de ideias, mas também posturas de atuação que se experienciaram; tendo isso favorecido o processo da fase seguinte que foi a marcação de lugares no palco. Parece-nos pertinente referir neste ponto da análise referir que um constrangimento de um dos agentes associados prendia-se. Por exemplo, com dificuldades de leitura e, portanto, de interpretação do papel que lhe estaria destinado. Naturalmente e sem pressões, foi proposta a alternância de papéis artísticos como forma de aprender com a percepção dos outros sobre um mesmo facto. O agente associativo em causa conseguiu ultrapassar limitações e representar muito bem, considerando o amadorismo do grupo associativo em estudo. Continuaram as apreciações sobre o trabalho de cada um, pelo encenador, a descoberta de novas facetas – a de representação em palco, expressão viva de emoções e comportamentos, e adaptada a uma personagem -, a descoberta de sensações e sensibilidades favoráveis à descoberta da personagem a “encarnar” e de si próprios, o que, como nos diz Cármen Dolores, atriz conceituada, e citada no presente trabalho em capítulo teórico, é fundamental para o autoconhecimento, permitindo ao artista melhorar e ser tolerante com os outros.

Em todos os momentos de trabalho se procedeu à prática da reflexão, e esta sobre o trabalho que se estava a desenvolver. A peça escolhida – “O Gebo e a sombra” -, bem como a trabalhada no ano anterior – “O meu caso” -, tinham um propósito que se enquadrava numa abordagem crítica. A associação sente-se como veículo ou modelo de educação alternativo dos seus membros, mas também da comunidade, o que os autores referem e se pode ver plasmado no capítulo teórico, quando se cita Vieites a respeito do teatro ser uma arte social. Os efeitos do teatro ultrapassam, na perspetiva do autor, a própria pessoa que representa artisticamente, repercutindo-se na sociedade.

6.2. Perfil socioprofissional dos entrevistados

Passamos, posteriormente, à análise dos dados obtidos. Quanto ao perfil socioprofissional, refere-se que todos os entrevistados são residentes na freguesia em que a associação tem sede e são todos adultos com idades compreendidas entre os vinte e três e os sessenta e três anos; quatro entrevistados estão na casa dos sessenta anos, um na dos cinquenta, dois na casa dos vinte, e um na casa dos trinta anos. Os participantes no trabalho do grupo associativo de teatro amador podem ser sucintamente descritos conforme se plasma na tabela que infra se apresenta.

Entrevistados	Género	Idade	Atividade	Escolaridade
<i>1</i>	Feminino	57	Reformada	9.º ano
<i>2</i>	Feminino	65	Reformada	4.º ano
<i>3</i>	Feminino	60	Aposentada	12.º ano
<i>4</i>	Masculino	63	Reformado	9.º ano
<i>5</i>	Feminino	29	Desempregada	12.º ano e frequência de Ensino Superior
<i>6</i>	Masculino	23	Balconista e músico	12.º ano e frequência de Ensino Superior
<i>7</i>	Feminino	64	Reformada	4.º ano
<i>8</i>	Feminino	60	Ajudante de lar	9.º ano
<i>9</i>	Masculino	31	Desempregado	12.º ano e frequência de Ensino Superior

Quadro n.º 1

Perfil dos entrevistados

Seis dos entrevistados são do sexo feminino e três do masculino. Seis são casados e três solteiros. Os três elementos mais novos – de vinte e três, vinte e sete e trinta e um anos – são os que têm mais escolaridade, com, pelo menos, frequência do ensino superior. Os restantes fizeram, numa fase inicial da vida, o quarto ano, tendo completado estudos durante a idade

adulta. Concluimos que a baixa escolaridade não é constrangimento para os elementos de o grupo associativo subirem ao palco em situação de representação, sendo até uma forma de expressarem o que sabem fazer e de se sentirem bem, como testemunham, por exemplo, os entrevistados números 2, 3, 7 e 4, respetivamente, “Pessoalmente, eu estou bem.”; “Esqueço as doenças, esqueço tudo.”; “Porque é uma coisa que eu gosto e sinto-me bem [...]”; “Faço-me feliz a mim [...]”; “Sentimo-nos mais à vontade de estarmos num meio de qual for a sociedade, não interessa que seja rico, seja pobre, seja engenheiro, seja [...]”.

Durante as atividades prévias, isto é, durante os ensaios, os entrevistados criam laços de amizade e aprendem em interação com os parceiros em situação informal e comprova-o o que dizem os entrevistados números 1, 2, 5, 6, 8 e 9, respetivamente, “Sim, estamos sempre a aprender entre todas, umas com as outras.”; “[...] aprende-se principalmente a conviver com os outros, a respeitar os outros”; “Não só a sua representação, o teatro em si, mas também as relações uns com os outros e a amizade em si. Tudo foi crescendo, não é?”; “Por exemplo, vai-se aprendendo umas com as outras.”; “Partilhámos todas as nossas experiências, os nossos talentos.”; “Sim, o grupo é muito diferente no início do que é agora.”.

Estas respostas reveem o que, no capítulo teórico, é dito sobre o que Palhares afirma quanto aos conhecimentos adquiridos em contextos não formais e informais, referindo-se a conhecimentos extracurriculares. O autor ainda valoriza os conhecimentos do quotidiano como importantes na formação do indivíduo. São esses conhecimentos casuais, não buscados predefinidamente, mas que se encontram e são proporcionados e recebidos informalmente ou não formalmente, como é o caso dos encontros para ensaios ou representações teatrais. O adulto encontra nesses conhecimentos adquiridos informalmente ou não formalmente um investimento, muito embora através de um meio que Palhares (2009: 65) designa de “periferias educativas”. Por sua vez, e lembrando Carrasco (1997: 278), a educação comunitária facilita o crescimento pessoal, social e cultural do indivíduo. Portanto, o contexto associativo facilita o processo educativo como Carrasco e Canário defendem e são referidos no capítulo teórico; isto é, o contexto associativo facilita a participação de cada um no seu próprio processo educativo, como podemos verificar nas seguintes citações dos entrevistados 4, 6 e 9, respetivamente: “[...] formámo-nos homens a conversar uns com os outros, homens e mulheres.”; “É, é uma forma de a gente passar um tempo bom e esquecer se calhar os maus, algum bocado que

passasse durante o dia e o cansaço que a gente ali não se cansa.”; “Para estarmos à vontade, na frente seja de quem for.”; “[...] dá-nos mais à vontade, o facto de estarmos ali num palco, e depois aprendemos a confiar nas outras pessoas [...]”; “E é importante, porque isso depois traz outras pessoas com outros *know how*, outros conhecimentos e isso é sempre bom.”.

E, como ser membro da associação, não depende da formação académica, podemos deduzir que, se quem procura esta associação está consciente da sua componente artística, a oportunidade de aprender não se consigna a espaços específicos, nem só com professores ou com quem é mais escolarizado. Vejamos o que dizem os entrevistados 4 e 8, por exemplo, e repetidamente, “Foi uma formação. Isto ao nível do teatro, a nível de encontros.”; “[...] a gente ganha uma forma de estar juntamente com a sociedade, aprende a conversar com uns e com outros. [...] E é uma parte da cidadania, [...]”; “[...] aprende-se sempre, para a gente conseguir lidar com as coisas da vida, conciliar os nossos trabalhos em casa, conciliar o ensaio, conciliar outras modalidades.”.

A oportunidade de aprender é ilimitada e não necessariamente formal, mas também não formal e informal. Os indivíduos entrevistados alargam a sua formação, o que nos leva a pensar que são “insatisfeitos”, que se mantêm ativos para lá das profissões e que esta associação responde a essas necessidades. O contexto associativo é, assim, propício à aquisição de conhecimentos, num clima informal ou não formal, ao longo da vida, o que corrobora o que os autores Faure, Delors e outros defendem - a importância da educação permanente ao longo da vida. O associativismo permite, assim, aprendizagens não quantificadas, mas essenciais pelo leque de valores que encerram, pelo desenvolvimento e emancipação que proporcionam, e que no plano teórico é abordado quando nos referimos a Canário, por exemplo, que defende que o desenvolvimento dos indivíduos se faz no seio da comunidade (2008:22); a este respeito, parece-nos não ser demasiado reiterar as palavras do entrevistado número 4, “[...] a gente ganha uma forma de estar juntamente com a sociedade, aprende a conversar com uns e com outros. [...] E é uma parte da cidadania, [...]”.

Todos os entrevistados são membros da associação e nela exercem uma função ora de apresentação em palco (entrevistados números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, e 8) ora de encenação (entrevistados, números 4 e 9) ora pertencente aos corpos gerentes (entrevistados números 4, 5 e 6, que também são atores). Não sendo obrigatório, pelos estatutos, que as pessoas com as duas

primeiras funções – atores e encenadores - sejam membros associados, o que é facto é que o são; dois dos entrevistados são encenadores e um destes também é ator, além de presidente da Assembleia Geral – órgão social da Associação. Dois dizem ser atores de peças de teatro (entrevistados números 5 e 6) e seis são atrizes e atores de Revista em que cantam, dançam e também representam (entrevistados números 1, 2, 3, 4, 7 e 8); um é ator das duas versões – teatro e Revista (entrevistado número 4).

No que diz respeito à atividade profissional, conclui-se que há diferentes grupos de pessoas que se interessam pela mesma atividade – a artística. Apesar da disparidade de formações e de atividades exercidas no presente ou no passado, os entrevistados têm em comum a preferência pela atividade cultural difundida na associação. As experiências dos entrevistados, anteriores ou simultâneas à de membro ativo do grupo associativo em causa, bem como as motivações, interesses e objetivos para integrarem este grupo, confirmam que estas são pessoas que mantêm ligação a atividades de grupo.

As profissões variam, sem que isso afete o gosto e a vontade de representar ou encenar em contexto associativo. Na associação, fazer teatro amador, com todo o rigor que nesse contexto se consiga impor, é sempre uma construção em que tem peso essencial a vontade, o gosto e a necessidade dos seus membros, senão vejamos o testemunho do entrevistado número 9: “Aliás, nós tivemos no grupo exemplos gritantes. Pessoas que eram muito tímidas, como as gémeas, pessoas muito encismadas, e que, no fim, depois de estarem connosco, estavam muito diferentes, mesmo. As pessoas que as conheciam notaram uma transformação.” e do entrevistado número 1: “Eu acho positivo parte de nós irmos ao ensaio, à noite, muitas vezes com sacrifício, não é?”.

São os seus membros que levam a bom porto a associação com a sua força e apego. O entrevistado número 4 diz-nos até que a convivência e as aprendizagens que faz no seio da associação são exemplo educativo para os filhos. E nestes testemunhos podemos encontrar-nos com Palhares (2009: 58) citado em capítulo teórico a propósito de que o informal é “[...] de inegável valor educativo.”. Sê-lo-á tanto quanto for o adulto a descobri-lo.

6.3. Encontros e desencontros educativos em contexto associativo

Na verdade, a atividade preponderante – teatro – é a que cativa, de facto, os membros da associação, porém, a busca de ocupação e de função ativa também são motivos acusados, como se pode ler nos testemunhos dos entrevistados números 2, 3, 8, respetivamente, “Para mim é importante, é o que me dá vida.”; “[...], aprendem e é uma maneira também das pessoas passarem o tempo e se divertirem um bocadinho.”; “É o gostar de cantar [...] e depois participar [...]”; e ainda deste último entrevistado “nós tiramos aquele bocadinho, distrai-nos, fazemos uma coisa de que gostamos.”. Isso encontra-se com a noção de que o homem é um ser sociável e de que a idade e profissão não são constrangimentos a essa procura de socialização.

A ligação à Associação, na maioria dos casos, advém de experiências anteriores de que os entrevistados fizeram parte, tendo essas experiências sido em grupos ou associações de índole tanto artística como desportiva, muito embora a experiência em Marchas, desde muito novos, nos deixe a dúvida se se tratava de uma associação ou de apenas de um grupo organizado para o efeito. Assim, e independentemente daquilo, já experienciaram atividades em grupo, desde muito cedo na vida, tais como bandas, Marchas, rusgas, Revista, teatro, Andebol, desporto federado, essencialmente, sendo exceção o mais novo dos entrevistados, o número seis. Esta regularidade na participação, desde cedo, em grupos de diferentes atividades, poderá ajudar a compreender os sujeitos do grupo associativo sob o ponto de vista comportamental e experiencial. Com efeito, experienciar, quer na infância quer na adolescência, atividades em grupos terá influenciado estas pessoas a integrarem o grupo associativo em causa, sobretudo porque, em sete casos (entrevistados números 1, 2, 3, 4, 5, 7 e 8), essas atividades já se relacionavam com representação, muito embora não sendo de palco, como sejam as rusgas e as Marchas. Além disso, estes mesmos casos já evidenciavam experiência em situações de exposição pública o que terá facilitado a subida a um palco. Também é referido por seis entrevistados números 1, 2, 3, 4, 7 e 8 a participação na tradição local em Revistas – um subgénero de texto dramático e, portanto, do teatro. Esta particularidade, referida por seis entrevistados, permite compreender também a vontade destes em servir a tradição e em encontrar-se com os interesses locais. Deste modo, podemos afirmar que o teatro é uma forma de cultura lúdica. Segundo o entrevistado número 2, o teatro é uma oportunidade de aprendizagens individuais e coleti-

vas, “[...] aprende-se principalmente a conviver com os outros, [...]”; “Aprendo coisas que não sei e ensino coisas que sei.”.

Com efeito, as motivações dos entrevistados em associar-se no grupo associativo em estudo são várias, relacionando-se com o que revelaram na categoria 3 – Experiências anteriores – supra analisada. O adulto iniciado em atividades em idade mais jovem precisa de continuar o ritmo: isto é, vai, ao longo da vida, manifestando necessidade de se manter ativo. Além disso, essa motivação decorre igualmente da necessidade manifesta de conviver para distração dos problemas do quotidiano como referem, por exemplo, os entrevistados números 2, 3 e 4, respetivamente, “Isso ajuda a rejuvenescer...”; “[...] é uma maneira das pessoas passarem o tempo e se divertirem um bocadinho.”; “Ganho experiência, [...].”; “[...] que a gente ali não se cansa.”.

O espaço de tempo desocupado profissionalmente garante outras práticas, mas estas dependem de como cada um prefere ocupá-las. Num tempo em que em casa, através dos meios de comunicação social, se pode conseguir o conforto de ter cinema, teatro, música, ou qualquer outra diversão e/ou ocupação, esperar que estes adultos entrevistados saiam de casa para praticar algo que nem acham que seja o suficientemente reconhecido pela comunidade (na opinião de alguns entrevistados como os números 1 e 8), é uma particularidade saudável. A situação pode decorrer do desconforto de não ser socialmente ativo, não encontrar nesses outros “confortos” expressão real das suas valias e também necessidades. De facto, uma motivação que o entrevistado número 8 nos apresenta é a necessidade de se sentir em pé de igualdade com aqueles que foram seus pares na infância durante a escolaridade básica de primeiro ciclo e por isso nos dá o seguinte testemunho: “Aquilo para nós era a loucura porque nós queríamos entrar noutro mundo, noutro meio.”.

O que podemos concluir é que o teatro, como forma de expressão de faculdades natas ou apreendidas, pode esbater diferenças e promover a relação democrática entre cidadãos.

O principal interesse e objetivo dos entrevistados é, desta forma, procurar fazer o que gostam, e o bem estar pessoal, no sentido de fazer com que esqueçam momentos piores do dia a dia, como nos testemunham os entrevistados números 2, 3, 4 e 8, respetivamente, “[...] esqueço as tristezas, esqueço tudo o que passei na vida, [...]”; “Esquecesse-se tudo, estou ali a viver

aquilo e... até ao fim.”; “[...] a gente sente-se muito melhor.”; “[...] mais amizades, mais... Outros convívios. Faz parte. Nós tiramos aquele bocadinho, distrai-nos, fazemos uma coisa de que gostamos.”.

Também a possibilidade de partilha e convívio, que é perceptível a partir das respostas dos entrevistados números 7 e 8, respetivamente, “Sim, conviver com as outras pessoas, ganhar amizades, novas amizades.”; “[...] mais amizades, mais... Outros convívios.”.

Poder desenvolver capacidades, como diz a entrevistada número 6, “Em primeiro lugar, quando me associei, talvez fosse mais uma perspetiva pessoal de poder desenvolver as minhas capacidades e continuar a pô-las em prática como atriz. Mas, depois, ao longo do mandato, fui obtendo outras coisas que se calhar não estava à espera, [...] Experiência, a partilha com os mais jovens, poder ensinar-lhes algumas coisas... Poder ser significativa.”.

O teatro em si, tal como refere o entrevistado número 9 quando questionado sobre as motivações para integrar o grupo em estudo e responde “O teatro.”, mas também o entrevistado número 6 que nos diz: “[...] uma grande paixão pela representação e é mais isso que me tem prendido aqui.”.

Igualdade, segundo o entrevistado número 8, a propósito das diferenças campo/centro (porque não se trata de cidade), e dar visibilidade a um interesse ligado à representação ou encenação; isto é, quem se associou, fê-lo também por sentir algum talento para as artes performativas, como é o caso de dois entrevistados números 5 e 6, como pudemos analisar em citações anteriores.

No caso do teatro (entrevistado número 9), e seis outros, no caso da Revista (números 1, 2, 3, 4, 7 e 8).

Nesta participação dentro do grupo associativo, estas pessoas entrevistadas procuram essencialmente seguir uma atividade performativa e em relação à qual já tinham experiência e gosto adquiridos desde a infância ou adolescência noutros contextos associativos ou não. Também por isso, todos os entrevistados consideram o teatro muito relevante na formação das pessoas, concluindo que aquele lhes permite o bem estar psicológico (entrevistados números 1, 2, 3, 4, 5 e 8), isto é, autoestima melhorada, e aprendizagem de colocação de voz, mas tam-

bém várias outras aprendizagens sobre questões próprias do grupo e de âmbito externo às atividades de representação; vejamos algumas das próprias expressões desses entrevistados: “Talvez o que eu aprendi, em mim, foi sentir-me mais liberta, libertar-me mais e o convívio com as colegas também...” (entrevistado número 1); “Sim, sim, (o teatro) faz muita falta, como comer.” (entrevistado número 2); “[...] é uma forma de a gente passar um tempo bom e esquecer se calhar os maus, algum bocado que passasse durante o dia e o cansaço que a gente ali não se cansa.” (entrevistado número 4); “Não é só o lado de entretenimento, é também o lado cultural.”, “Mas pessoalmente, psicologicamente e emocionalmente, traz-nos muito.” (entrevistado número 9).

Assim, poder-se-á analisar e melhor perceber se a educação se encontra ou desencontra em associações, nomeadamente em contexto de teatro. Nesta medida, ocorre-nos que os entrevistados se preocupam com os saberes culturais e a sua disseminação no contexto local, encarando a associação como tendo aí um papel. Depreende-se que a Associação faculta, de modo não formal e informal, aprendizagens.

Todos os entrevistados consideram que o teatro contribuiu para a melhoria dos seus conhecimentos e autoestima sendo claros nessa indicação, entre outros, os entrevistados números 1, 3, 5, “[...] estamos sempre a aprender entre todas, [...]”; “Desenvolvo a nível de tudo, [...]”; “[...] a gente sente-se muito melhor.”; “[...] vamos evoluindo artisticamente. Mas pessoalmente, psicologicamente e emocionalmente, traz-nos muito.”.

Na verdade, o grupo associativo facultou formação na área de declamação, artes performativas e de caracterização por profissionais das mesmas, também como previsto no Plano de Atividades do mesmo relativo aos biénios 2009-2010 e 2011-2012. Estas atividades permitem aos formandos entrevistados olhar e sentir as coisas de maneira diferente, como se percebe da resposta do entrevistado número 5, “Sim, é uma construção. Também a nível artístico porque a associação proporciona-nos poder fazer vários workshops, várias formações.”; “Aprendi muito também emocionalmente, o gerir as emoções, a inteligência emocional, lidar om as emoções, [...]”.

Isto é, permitiu experiência em conhecimento do corpo e sua mobilidade, contando com a atitude postural que condiciona a voz, e emotividade também. O objetivo do atual trabalho –

Explorar até que ponto o teatro amador em contexto associativo pode constituir uma forma educativa, facultando a construção de liberdade pessoal – vê-se minimamente feito, bem como o objetivo de obter um conhecimento mais aprofundado sobre as experiências educacionais de um palco humano em contexto associativo.

Naquele particular – experiência em conhecimento do corpo e sua mobilidade -, podemos deduzir que toda a atividade envolvente ao ensaio de uma peça de teatro, sessão de poesia ou Revista, em contexto associativo, constitui uma forma educativa, porquanto facultava autocohecimento, diálogo e partilha de interesses. Disto são testemunhos os entrevistados números 5, 6 e 9, mas também os restantes o testemunham, na medida em que explicitaram as aprendizagens na costura, na voz, na postura, na ocupação do palco, na encenação. Além daquilo, também permite criar laços de amizade o que é saudável em idade adulta, igualmente, e favorece a coesão social. A este respeito, o entrevistado número oito refere que, na sua juventude, uma forma de se sentir próximo e de reduzir as diferenças entre si e as antigas colegas de escola era participar em Revistas, o que favorecia também a construção pessoal e social. De adulta, continuou a atividade sempre que pôde, pois era uma forma de se sentir bem, de fazer o que gostava, bem como seis dos restantes entrevistados, esquecendo as adversidades do quotidiano. Este valor de integração de diferenças e de pluralismo cultural encontra-se em Dellers (2003) citado em capítulo teórico do presente trabalho. O objetivo do presente trabalho – Compreender os sujeitos do grupo associativo sob o ponto de vista comportamental e experiencial – vê-se, assim, de alguma maneira, conseguido.

Decorre das entrevistas também referir que serviu de estímulo, para os entrevistados se associarem, o interesse do público e comunidade acolhedora da associação pela atividade da mesma. Daí os entrevistados maioritariamente observarem que a comunidade reconhece o trabalho da associação, à exceção dos entrevistados mais novos, números 5, 6 e 9, que esperavam mais público assistente às suas representações. Segundo os Estatutos da associação (Capítulo I, Art. 2.º - Objecto Social dos Estatutos; Capítulo I, Art. 3.º - Atuação, do Regulamento Geral Interno), esta prevê atividades de índole artística e cultural, o que cumpre, apesar da opinião de alguns entrevistados de que se faz pouco, muito embora reconheçam que isso acontece por dificuldade em ensaiar uma peça de teatro com atores e encenadores amadores na sua maioria. Esta característica condicionou os dias e as horas de trabalho do grupo e, natu-

ralmente, a apresentação em público do seu trabalho. Os entrevistados terão optado, na sua maioria, por se inscrever nesta associação porque apreciam a atividade e a consideram fundamental, pela partilha que proporciona e que é uma necessidade intrínseca ao palco humano entrevistado. A intervenção de cada um é educativa para todos em contexto não formal e informal, como nos comprova o testemunho do entrevistado número 5, “Então fui bebendo a cada pessoa que entra no grupo. Cada pessoa dá o seu contributo para as outras, pelo menos falo por mim. Cada pessoa deu o seu contributo. Porque mesmo com os mais jovens, dos mais jovens até aos mais velhos vão sempre tirando alguma coisa, não só artisticamente porque isso vamos evoluindo; quanto mais peças vamos fazendo, quanto mais formações vamos fazendo, vamos evoluindo artisticamente.”.

Na categoria 5 – Percepções e opiniões -, os entrevistados são unânimes a considerar que o teatro é uma atividade muito importante, essencial, na vida das pessoas. Justificam isto, alguns dos entrevistados, como sejam os números 3, 4 e 9, com o facto da atividade lhes dar oportunidade de convívio e de aprendizagem. O entrevistado número 9 refere o efeito de transformação que a atividade artística pode proporcionar, “[...] sofreram transformações em termos de relacionamento humano, fundamentalmente.”; “Sim, eu sinto que sou uma pessoa mais crescida.”.

Reiteramos, a este propósito, Vieites, citado em capítulo teórico, relativamente ao conceito de que o Teatro é “a mais social das artes” (Lima et al., 2010: 34).

Quanto à categoria 6 – Tipo de atividades educativas -, o entrevistado número 9 afirma não ter vivido a associação na vertente diretiva, fiscal ou outra relacionada com os órgãos sociais; mas que a vertente artística faculta, por si, envolvimento de pessoas e partilha de conhecimentos que vê como positivo, como se pode ver na seguinte citação sua: “[...] traz outras pessoas com outros *know how*, outros conhecimentos e isso é bom.”.

Os restantes entrevistados discriminaram, nesta categoria, as atividades que o grupo associativo desenvolve como previsto nos documentos pelos quais o mesmo se rege – Estatutos e Regulamento Geral Interno de 28 de maio de 2011, data de alteração dos mesmos; isto é, referiram Workshops, sessões de poesia, teatro e Revista que, segundo aqueles documentos, é

com o intuito de “promover o envolvimento da comunidade e de diferentes camadas etárias.” (Capítulo I, art. 2.º - Objectivo social, dos Estatutos).

Quando questionados sobre os contributos esperados por participarem na associação – categoria 7-, os entrevistados foram unânimes em responder que nada esperavam no que diz respeito a recompensa monetária. Porém, os entrevistados reconhecem que o teatro é dar e receber. Os entrevistados números 1, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 afirmam que o convívio e a distração eram os contributos esperados, pois enriqueciam ao nível pessoal e social, como se pode comprovar através das seguintes passagens dos testemunhos dos entrevistados números 3, 8 e 9, respetivamente: “[...] aprendem e é uma maneira também das pessoas passarem o tempo e se divertirem um bocadinho.”; “É sempre uma forma de estar sempre ativa.” e “[...] pelo menos consegui ver algo em mim que não teria visto se não tivesse feito teatro.”.

Considerando a categoria 8 – Efeitos educativos -, reconhecemos que os entrevistados corroboram o que disseram nas categorias 4 – Motivações, interesses e objetivos -, e 7 – Contributos. Naquelas, as respostas dos entrevistados encontraram-se quando reafirmaram considerar positiva a atividade artística do grupo associativo, referiram os motivos para se associarem a este grupo, e os contributos que esperavam. Com efeito, reforçaram o facto de, através das atividades de representação, partilharem, libertarem-se, aprenderem, sofrerem transformação. segue-se o testemunho do entrevistado número 5:

“Depois a parte das relações humanas, também é muito interessante, porque acabamos por dirigir os outros que não têm tantos conhecimentos, acabamos por fazer um bocado a função de encenador, entre aspas, e com isso vamos aprendendo também. Aprendi muito também emocionalmente, o gerir as emoções, a inteligência emocional, lidar com as emoções porque no teatro também quando estamos a praticar pomos muito as nossas emoções em causa, as nossas inseguranças, os nossos medos, as nossas vulnerabilidades.”.

Deve acrescentar-se que, uma vez que a atividade artística do grupo implica ensaios, o tempo que os entrevistados dedicam para esse efeito é considerado como um “sacrifício”, na medida em que, exercendo uma atividade profissional e tendo outras responsabilidades pessoais, o tempo não “sobra” para descanso. Em contrapartida, todos os entrevistados sentem-no

como um tempo valioso porque lhes permite distraírem-se, conviver e aprender para além da atividade profissional - “Talvez o que eu aprendi, em mim, foi sentir-me mais liberta, libertar-me mais e o convívio com as colegas também...”.

Todos os entrevistados consideram que a associação, através das suas práticas, presta um serviço social. Referem o interesse da população local nestas atividades e, resultante disso, o papel da associação em cumprir com os interesses ou mesmo necessidades da população; vejamos o testemunho do entrevistado número 5: “[...] o teatro é uma forma das pessoas poderem olhar para elas próprias, poderem olhar para aquilo que as preocupa, aquilo que está mal... O seu lado cultural, o seu lado social. E ao pormo-nos em palco, as pessoas vêm ao teatro e estão-se a ver a elas próprias e estão a pensar sobre si próprias.”; “Poder contribuir aqui para para a gente da terra através dos workshops que fizemos para eles.”.

Este entrevistado (número 5) acrescenta que o teatro leva à reflexão o que entende ser um processo de construção pessoal muito importante. Desta opinião é também o entrevistado número 6, para quem o teatro tem um papel intervencionista: “Mas (o teatro) tem sempre o seu papel intervencionista e qualquer pessoa que vá ao teatro acaba de sair influenciado de alguma forma.”.

Apesar disso, dois dos entrevistados, números 5 e 6, não acham que o grupo em estudo tenha um grande impacto na comunidade já que, como apontam na categoria número 10 – Avaliação crítica -, não conseguem ter a casa de espetáculos cheia quando representam, ficando pelo meio apenas. Os restantes entrevistados, porém, opinam de forma diferente. Estes acham que a comunidade reconhece o trabalho do grupo associativo, afirmando mesmo que lhes é solicitado que apresentem mais espetáculos. Portanto, comprova-se que a associação tem um ideário cultural e recreativo, tem, por isso, potencial educativo.

Cinco entrevistados, os números 1, 2, 3, 4, 5 e 7, referiram o facto do grupo associativo levar poucas peças ao palco como ponto fraco. O entrevistado número 9 considerou a denominação de “amador” reducionista, menos bem, e ainda como ponto fraco referiu o meio envolvente, querendo com isto acusar o estado de letargia da comunidade e do país também. O entrevistado número 6 referiu como ponto fraco um aspeto burocrático, não diretamente relacionado com a atividade artística do grupo, como é o caso da não cobrança regular de quotas

aos associados. O entrevistado número 7 referiu a falta de jovens no grupo como ponto fraco e o entrevistado número 1 referiu os poucos apoios financeiros atribuídos ao grupo associativo. Nenhum entrevistado encontra fraqueza alguma no seio da associação, permitindo-nos isso compreender que os sujeitos do grupo associativo têm uma opinião positiva do mesmo.

Como pontos fortes, foram apontados vários aspetos. Primeiramente, responder à tradição local, por ser um interesse particular da comunidade abrigo da associação como o confirmam os entrevistados números 1, 2, 3, 4 e 7, como se pode ver pela seguinte citação do entrevistado número 2, “O que o povo de... quer é teatro e Revistas e música, porque toda a vida viveu assim.”.

O entrevistado número 8 não responde claramente à questão, e o número 6 refere como ponto forte as amizades construídas e a partilha de ideias. O entrevistado número 5 aponta como ponto forte o constante no Objeto Social da Associação (Capítulo I, Art. 2.º) dos Estatutos e o proposto no Capítulo I, Art. 3.º - Atuação – do Regulamento Geral Interno; isto porque entende que o grupo associativo vem preencher uma lacuna na área artística na comunidade local.

CONCLUSÃO

Conclusão

A breve revisitação ao pensamento e objetivos das CONFITEAS realizadas teve um peso significativo na nossa atitude perante o trabalho que tínhamos em mãos, os próprios autores e na construção do conhecimento sobre o tema em estudo. Fomos percebendo a evolução dos conceitos de Educação Permanente e Aprendizagem ao Longo da Vida e os passos que a Educação de Adultos em Portugal foi sofrendo. Foi fulcral o estudo dos diferentes sistemas educativos – formal, não formal e informal – no cruzamento de pensamentos que daí resulta e que convergem num sistema holístico.

Uma vez que nos propúnhamos analisar um grupo associativo, era pertinente toda a consulta que nos facultasse informação sobre educação e formação nesse contexto, e a que fizemos revelou-se muito interessante e necessária à construção do objeto do presente estudo. Revelou-se fundamental investigar sobre arte, a sua complexidade e suas dimensões educativas, podendo assim dizer que é uma área educativa forte, influente na emancipação do ser humano e em particular do adulto. Como nos diz Freitas “O pensamento cresce pela partilha do conhecimento alheio” (2012: 233) o que sentimos quando analisamos quem fazia arte, expondo-se e comungando dos outros, pois partilhando, socializando, crescendo.

Para a efetiva realização do estudo em caso, percorremos um caminho metodológico clássico que nos facilitasse a compreensão da dinâmica do grupo associativo em estudo e nos permitisse uma hermenêutica razoável dos encontros e desencontros possíveis de educação em contexto associativo. Foi-nos possível tirar ilações a partir do estudo de caso. Desta forma, elaboraram-se inquéritos por questionário e entrevistas e realizaram-se visitas a ensaios de uma peça de teatro.

Realizados os inquéritos por questionário e as entrevistas, procedeu-se à análise das respostas dos nove entrevistados, considerando as categorias que estiveram subjacentes à construção das técnicas adotadas e tecidas em torno da arte, concretamente o teatro, e do associativismo na vida das pessoas. Dessa análise derivam resultados que infra se apresentam, muito embora no âmbito temático do presente estudo sejam apenas perceções possíveis porquanto se trata de um plano subjetivo como é o da arte.

Podemos concluir que as respostas dos associados entrevistados corroboraram-se em muitas categorias, pouco divergindo, encontrando-se essencialmente no que diz respeito a motivações e contributos dos entrevistados associados. Parece-nos válido afirmar que, das respostas obtidas, a componente educativa é uma constante na associação em estudo, muito embora ela se faça informalmente sobretudo quando não se trata de caso específico de formação/workshops programados. Na verdade, no encontro de pessoas e na atividade artística do grupo associativo os entrevistados revelaram algo, a nosso ver muito pertinente, quanto àquilo que podiam usufruir no seio do grupo: convívio, partilha, aprendizagem. A educação informal acontece, portanto, no grupo associativo de teatro amador em estudo. Desta feita, a formação pessoal é potenciada pelo convívio entre pares e na arte da representação porquanto esta é uma área em que a maioria dos entrevistados se encontra e em que vê possibilidade de aprender, aperfeiçoar e transformar o seu próprio eu. A interação social é por si uma forma de aprendizagem integradora e os autores assim o dizem; senão vejamos o que nos diz Canário (2008: 22; aspas no original) sobre o assunto:

“Esta perspectiva de educação socializante dos adultos valoriza as aquisições culturais, a aquisição de competências transversais, de aquisições susceptíveis de serem transferidas para outras situações, para a autonomia das pessoas, em síntese é uma filosofia de educação que repousa sobre o desenvolvimento da capacidade das pessoas em proveito do desenvolvimento da comunidade (p. 8).”

A análise das respostas afunila, neste rumo de encontros ou desencontros de educação de adultos numa associação de índole artístico, no sentido de reconhecermos a educação não formal e a informal como modelos de construção e libertação pessoal. Depreende-se que há aposta no conhecimento e nos saberes culturais como forma de ocupação de tempos livres, de solidariedade para com o património cultural e também de intervenção. A associação facultava espaço de debate com vista a uma orientação estratégica, visando a formação da consciência social e ao interesse cultural coletivo, sem restrições a classes sociais, prevendo e promovendo a democratização da participação.

Podemos retirar da análise que a satisfação pessoal é obtida durante o processo que envolve toda a dinâmica desde a escolha do autor e da peça ou rábulas de Revista a representar, o local e hora dos ensaios, os ensaios, a apresentação da peça ao público, mas também passando

pela divulgação de futura atividade e congregação de número de elementos mínimo. É um processo em que as atividades servem os gostos de todos; umas servem mais os gostos de uns membros, outras servem mais os gostos de outros elementos, mas complementam-se no papel de servir a formação integral do cidadão envolvido. São elas, ainda, atividades como: conhecer e escolher autores e peças, aprimorar leituras, ensaios, criação de cartazes de divulgação dos trabalhos preparados, criação de cenários, vestuário, gestão de recursos humanos e financeiros, entre outras. O envolvimento em todas estas atividades, na generalidade, num clima de solidariedade, favorece a aprendizagem e o crescimento de cada um sem pessimismos e sem egoísmos. E, ainda, a satisfação que todo o trabalho suscita nos colaboradores. Cumprimos, deste modo, com o terceiro objetivo do trabalho – Que transformações pessoais e sociais podem ocorrer em agentes de um grupo associativo de teatro amador? - decorrente da terceira questão orientadora proposta.

As referidas “periferias educativas” (2009: 65) de que Palhares nos fala proporcionam situações de ensino-aprendizagem que, para pessoas academicamente mais ou menos classificadas, são sempre estruturantes de pensamento e de saber estar. Estas “periferias” não são alvo de avaliação, por isso, o seu caráter educativo entre pessoas de várias formações académicas é bastante interessante; isto porque não é algo imposto formalmente, e consegue plasmar resultados tal como os entrevistados nos testemunham. Além disso, essas periferias representam a carga de saberes de cada um e que têm o seu interesse experiencial. De facto, todos aprendem com todos e crescem em grupo.

Estes adultos criam modos de ocupação de tempo livre e social, fazendo aprendizagens dialógicas, aprendizagens ao longo da vida, a construir-se e a construir a sociedade em que se integram. Aprender é um processo contínuo de aprendizagens. Sentimos, assim, a segunda questão orientadora do trabalho – “Em que medida em contexto associativo são desenvolvidos processos educativos não formais e informais?” - e o segundo objetivo revistos e esclarecidos. A sociedade enriquece com a envolvimento de todos os agentes da sua construção.

O teatro amador em contexto associativo, pela força de descoberta do eu e pela informação que pode transmitir ao coletivo, é uma técnica de desenvolvimento e valorização da nossa língua e cultura. O teatro facilita a captação da atenção dos indivíduos, levando-os a hábitos de participação social que Carrasco entende fundamental no desenvolvimento da realidade social

e cultural. Sem objetivos curriculares, a associação fornece, porém, espaço para debate, criação e expressão de ideias.

Apesar das fragilidades dos modelos não formais e informais, as aprendizagens em contexto associativo acontecem, permitindo-nos falar do associativismo como forma paralela de educação. Na verdade, a associação faculta, além de aprendizagem não formal e informal, aprendizagens curriculares, podendo-se falar mais concretamente em forma holística de ensino-aprendizagem ao longo da vida. A associação em estudo é, assim, um espaço de cultura o que é o que Almerindo Afonso preconiza e afirma sobre o associativismo e referimos no capítulo teórico. Não tivesse o associativismo um papel preponderante no desenvolvimento da integridade dos seus membros e o Estado Novo não lhe faria resistência, como explorámos em capítulo teórico. Cumpre-se, assim, o nosso primeiro objetivo formulado na primeira questão orientadora – “Qual o potencial educativo das experiências associativas?”. Será pertinente citar Canário (2008: 66) que nos deixa o seguinte:

“[...], deste ponto de vista, os processos de desenvolvimento local perspectivam-se como processos educativos, globalizados a nível local, capazes de colocar o enfoque nos processos de aprendizagem, valorizando os conhecimentos experienciais, a interação colectiva na resolução de problemas locais”.

Na verdade, a vertente de expressão dramática da associação é uma força socializante, um peso positivo na transformação de posturas e saberes dos indivíduos agentes comunitários responsáveis. Cada indivíduo entrevistado dá o enfoque à partilha de saberes em convivência não formal e informal que conseguem em associativismo.

E como nunca um trabalho está findado, ficamos em reflexão coma as palavras de Canário (2008: 66):

“Ora, tal como nenhuma ação educativa é pertinente se fôr fundada numa visão negativa dos sujeitos, também os processos de desenvolvimento, que cada vez mais deverão sobrepôr-se a processos educativos, não podem ser vividos na negatividade.”.

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

BERNET, T. J. (1993). *Otras Educaciones. Animación Sociocultural, Formación de Adultos y Ciudad Educativa*. Barcelona: Anthropos, Editorial del Hombre.

BOGDAN, R., BLIKEN, S (1994). *Investigação Qualitativa em educação, uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora

BOAL, A. (1979). *Técnicas Latino-Americanas de Teatro Popular: Uma Revolução Copernicana ao Contrário*. São Paulo: Hucite.

BORIE, M., ROUGEMONT, M., SCHERER, J. S. (1996). *Estética Teatral. Textos de Platão a Brecht*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

BRONOWSKI, J. (1983). *A Arte e Conhecimento. Ver, imaginar, criar*. Lisboa: Edições 70.

CANÁRIO, R. (2008). *Educação de adultos. Um Campo e uma Problemática*. Lisboa: Educa.

CANÁRIO, R. (2008). *Educação e formação de adultos, mutações e convergências*. Lisboa: Educa.

COOMBS, P. H. (1968) *World Educational Crisis: a systems approach*, New York: Oxford University Press.

COOMBS, P. H. and Ahmed, M. (1974) *Attacking Rural Poverty: How non-formal education can help*, Baltimore: John Hopkins University Press.

COOMB, P. H. (1986) *La crisis mundial en la educación: perspectivas actuales*. Madrid: Santillana.

CARRASCO, G. (1997). *Educación de adultos*. Barcelona: Ariel.

DELORS, J. (Coord.) (2003). *Educação um Tesouro a Descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o séc. XXI. Porto: Edições ASA.

DIAS, R. (2009) *Educação, o caminho da nova humanidade. Das coisas às pessoas*. Porto: Papiro Editora.

DIB, C.Z. (1988). *Formal, non-formal and informal education: concepts/applicability*. Disponível em <http://www.techne-dib.com.br/downloads/6.pdf>, p. 1. Acedido em março de 2014.

FERNANDEZ, F. (2006). As raízes históricas dos modelos actuais de educação de pessoas adultas. Educa: Unidade I&D de Ciências da Educação. *Cadernos Sísifo*, n.º 2, pp. 4-6.

FREIRE, P. (2003). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A.

FREIRE, P. (s/d). *Acção Cultural para a Libertação e Outros Escritos*. S/cidade: Página Editora.

FREITAS, J. (2012). *Turismo Cultural e Educação de Adultos: Encontros e Desencontros*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, área de especialização em Educação de Adultos – policopiado).

FRÓIS, J. P. (Coord.) (2000). *Educação Estética e Artística. Abordagens Transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

GUIMARÃES, P. (2011). *Políticas de educação de adultos em Portugal (1999-2006)*. Braga: Instituto de educação da Universidade do Minho.

HUYGHE, R. (1986). *Sentido e Destino da arte (I)*. Lousã: Edições 70.

JANELA, A. A. (2001) “Os lugares da educação”. In SIMON, O. R. M., M. B. E FERNANDES, R. S. (Org.). *Educação não-formal, Cenários da criação*. Editora da UNICAMP, p. 29.

LIMA, J. D., LOPES, M. S. & RODRIGUEZ, R. P. (Coords) (2010). *O Estado do Teatro em Portugal*. Amarante: Intervenção - Associação para a Divulgação Cultural.

LIMA, L. C. (2007). *Educação ao Longo da Vida. Entre a Mão Direita e a Mão esquerda de Miró*. São Paulo: Cortez Editora.

LIMA, L. C. (Coord.). (1994). *Educação de Adultos. Fórum I*. Braga: Universidade do Minho.

LIMA, L. C. (Org.) (2006). *Educação Não Escolar de Adultos. Iniciativas de Educação e Formação em Contextos Associativos*. Braga: Universidade do Minho. Unidade de Educação de Adultos.

LIMA, L. (2011). *Educación a lo largo de la vida*. Xàtiva. València: Ediciones del CREC.

MELO, A.; LIMA, L. C.; ALMEIDA, M. (2002). *Novas políticas de educação e formação de adultos : o contexto internacional e a situação portuguesa*. Lisboa: Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos.

MARCHIONI, M. (1999). *Comunidad, Participación y Desarrollo. Teoría y Metodología de la Intervención Comunitaria*. Madrid: Ed. Popular, S. A.

MARTINS, Artur (s/d). *O Movimento Associativo Popular e a Democracia*. Disponível em http://www.25abril.org/a25abril/get_document.php?id=259. Acedido em março de 2014.

MELO, A. e outros (1998). *Uma aposta educativa na participação de todos. Documento de estratégia para o desenvolvimento da educação de adultos*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (1979). *Trabalhos Preparatórios para o Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base dos Adultos (PNAEBA)*. Relatório Síntese, Lisboa: Ministério da Educação.

ONU (1948). *Declaração Universal dos Direitos do Homem*. Disponível em <http://www.dudh.org.br/wp-content/uploads/2014/12/dudh.pdf>. Artigo 20.º. Acedido em Janeiro de 2014.

PERES, A. N. & LOPES, M. S. (Coords) (2006). *Animação, Cidadania e Participação*. S/cidade: Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia (APAP).

PALHARES, A. (2009). Reflexões sobre o não-escolar na escola e para além dela. *Revista Portuguesa de Educação*, n.º 02, pp. 54-64.

PEREIRA, J. L. (Coord.). (2011). TNSL, E. P. E. *Exactamente Antunes. Manual de Leitura*. Porto: Departamento de Edições do TNSJ.

QUIVY, R, CAMPENHOUDT, L. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

ROGERS, A. (2004). *Looking again at non-formal and informal education-towards a new paradigm*. Disponível em www.infed.org/biblio/non_formal_paradigm.htm, p.1. Acedido em março de 2014.

SILVA, R. H. (2011). “O que eu precisava de saber sobre...”, *Revista Visão*, n.º 969, pp. 15-30.

TORRES, L. L. & PALHARES, J. A. (2008). Cultura, formação e aprendizagens em contextos organizacionais, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 83, pp. 99-120.

UNESCO (2009). Disponível em <http://www.unesco.pt/cgi-bin/home.php>. Acedido em janeiro de 2014.

Legislação referenciada

DECRETO-LEI n.º 384/76 de 20 de Maio, Ministério da Educação e Investigação Científica, Secretaria de Estado da Orientação Pedagógica, pelo Presidente da República Francisco da Costa Gomes.

Outros documentos referenciados

Estatutos da Associação (2012)

Regulamento Interno da Associação (2012)

Plano de Atividades da Associação (2012/3)

APÊNDICES

Questionário

O presente questionário destina-se à investigação no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização em Educação de Adultos, da Universidade do Minho. As respostas são confidenciais e só serão utilizadas no referido estudo. Leia, por favor, com atenção, cada pergunta e seleccione os itens que melhor se adequam à situação. Assinale a ordem crescente de valorização dos itens apresentados. Em caso de dúvida solicite ajuda junto do responsável do projeto. Obrigada pela colaboração.

1. Qual a sua idade? _____ anos.
2. Qual a sua formação académica? (Assinale com X a opção)
 - a. 1.º ciclo
 - b. 2.º ciclo
 - c. 3.º ciclo
 - d. Secundário
 - e. Curso profissional
 - f. Curso superior
 - g. outra
 - i. Possui outra(s) formação(ões) complementare(s)? Sim Não
3. Qual a sua profissão?

4. O que o levou a frequentar e/ou a ser sócio de uma associação?

 - a. Porque escolheu este grupo associativo?

5. Alguma vez esteve ou está ligado a atividades de índole cultural, artística, desportiva ou outra? Sim Não
 - a. Se respondeu sim, diga qual(is) atividade(s)?

6. Como define esta associação?

7. Parece-lhe que esta associação é reconhecida na comunidade em que está inserida?

Sim Não

8. Que valores são disseminados através desta associação ? (Assinale com X a opção)

a. Valores educacionais

b. Sociais

c. Organizacionais

d. Outros

9 A comunidade reconhece esses valores difundidos por esta associação?

Sim Não

a. Parece-lhe que esta associação é reconhecida na comunidade em que está inserida?

Sim Não

10 Que atividade(s) exerce no GATA?

a. Esta(s) experiência(s) corresponde(m) às suas expectativas?

Sim Não

11 A sua profissão permite-lhe dedicar-se às atividades que desenvolve na associação?

Sim Não

12 Pensa poder melhorar alguma coisa na sua vida, participando na associação?

Sim Não

13 Selecione os contributos do teatro a nível pessoal. Responda por ordem crescente de importância.

a. Criar amizades

b. Ocupar os tempos livres

c. Promover a capacidade reflexiva e crítica

d. Adquirir novos conhecimentos

e. Aumentar a autoestima

f. Adquirir técnicas de teatro e dramatização

g. Promover a afetividade e a emotividade

h. Aumentar a criatividade

i. Implementar a inovação

14 Quais os contributos do teatro a nível social? Selecione os itens por ordem crescente.

- a. Fomentar a integração
- b. Aumentar a capacidade de intervenção
- c. Promover a sociabilidade
- d. Incrementar a capacidade de expressão e comunicação
- e. Adquirir de conhecimentos vários
- f. Aumentar a responsabilidade no trabalho pessoal e de grupo
- g. Promover a solidariedade
- h. Colaborar na preservação e conservação do património
- i. Promover a negociação democrática

15 Considera o teatro e a expressão dramática relevantes na formação dos cidadãos?

Sim Não

Obrigada pela sua colaboração.

Data: __/__/__

Apêndice 1 – Inquérito por questionário aplicado aos associados da associação estudada

Apêndice 2 – Guião das entrevistas

- Perfil socioprofissional: género, idade, estado civil, profissão, residência, grau de escolaridade.
- Percurso na Associação: que atividade exerce na associação. Há quanto tempo colabora com esta Associação.
- Experiências anteriores: se está ou já esteve ligado a atividades de índole cultural, artística, desportiva ou outra e como as caracteriza.
- Motivações, Interesses e Objetivos: o que o motivou a associar-se a esta Associação. O que pensou obter da Associação.
- Percepções e opiniões: se considera o teatro e a expressão dramática relevantes na formação dos cidadãos.
- Tipo de atividades educativas: que atividades são desenvolvidas no Teatro. Que estratégias pedagógicas são praticadas. Que tipo de atividades considera mais importantes para o seu desenvolvimento.
- Contributos: que contributos esperava do teatro ao nível pessoa e social e se acabaram por se concretizar.
- Efeitos educativos: parece-lhe que a sua experiência na Associação promoveu aprendizagem individual e coletiva e de que forma e como caracteriza essas aprendizagens. O que aperfeiçoou em si.

- Impacto na Comunidade: se a Associação presta serviço social através das atividades que desenvolve. Se a Comunidade reconhece o trabalho da Associação.
- Avaliação crítica: quais são os pontos fortes e os fracos da Associação.

Apêndice 3 – Transcrição das entrevistas

Os nomes próprios de pessoas, localidades ou entidades aqui apresentados são fictícios. A entrevistadora é identificada com E; cada entrevistado com a inicial ou as duas iniciais do seu nome fictício.

1.ª entrevista 12m 48s

E: Elisa. Então que idade é que tu tens?

El: Olha, 57.

E: Ora diz?

El: 57 anos.

E: És casada, tens filhos?

El: Casada, tenho dois filhos, já adultos, claro, já estão independentes.

E: E és reformada, não és?

El: Reformada.

E: Olha, vives em Luar, certo?

El: Luar, certo

E: Aqui no Ramalhão, na zona do Ramalhão.

El: Aqui na Sta Bárbara, precisamente, em frente ao infantário.

E: Olha, e tens o quê, a 2.ª classe, 4.ª?

El: Olha, amor, eu tenho a 6.^a... Não, agora tenho o 9.^o ano das Novas Oportunidades.

E: Muito bem.

El: Fiz a 6.^a classe do primário, antigamente, e com o desemprego deram-me a oportunidade de eu conseguir ter o 9.^o ano.

E: Muito bem. Aproveitaste.

El: Aproveitei, porque, na minha maneira de ver, achei que tinha mais alternativa, até para o trabalho, não é? Porque, só fiquei um bocadinho aquém porque não sabia falar o Inglês. No último trabalho (que tive) com estrangeiros, aqueles bocadinhos (expressões diárias) faziam falta... Isso eu desenrascava-me, mas ter uma conversa, como eu gostava muito de falar com as pessoas, aí eu acanhava-me porque...

E: Falaste que gostavas de falar e foi isso que também te levou a associar-te a este grupo associativo aqui de Luar.

El: Sim.

E: O que é que fazes nesse grupo? Que atividades exerces?

El: Olha, canto, danço, adoro dançar quando é “As peixeirinhas” com a gamelinha à cabeça...

E: Estás a falar da Revista.

El: Da Revista, sim. Então? É fantástico.

E: E há quanto tempo colaboras nesta associação?

El: Eu já estou lá desde que a Garra...

E: Se fundou?

El: Sim.

E: Há uns bons pares de anos.

El: Sim, sim.

E: E antes, tinhas estado ligada a alguma atividade de índole artística, cultural, desportiva...?

El: Nas marchas de Luar, sempre, desde os meus doze anos que ando, quando há. Deixei de frequentar quando fui mãe pela primeira vez. A primeira vez chorei, estava no hospital, quando tive o meu Paulo, no ano 76, eu fiz uma cesariana e eu não podia sair porque tive que ficar mesmo no hospital. E então eu no hospital (em Luar), eu senti que elas iam a cantar por ali acima, a passar mesmo por trás do hospital. Vieram-me as lágrimas aos olhos. Chorei.

E: E as marchas incluídas nas festas do Sr. Bom Jesus de Luar?

El: Mas antes disso havia uma rusga. Nós íamos atuar fora da terra, a várias terras. Era a rusga de Luar, cantávamos, dançávamos, era tipo os “Sargaceiros”, era assim, e então eu desde os catorze anos...

E: Que estás ligada...

El: Até casar andei na rusga, até que acabou. Sabes como é, a nossa terra tem assim momentos de...

E: Altos e baixos.

El: Ou é porque o ensaiador morreu, ou é porque o outro não vem...

E: Mas também estiveste ligada a um grupo desportivo, não estiveste?

El: Fui diretora do Futebol Clube de Luar dois anos.

E: Tu gostas de...

El: Desde... 2002 e 2003. Adorei. Muitas vezes fui aos campos de futebol, de fora, sozinha, como diretora, e aqueles moços, aqueles jovencinhos respeitavam-me, já não diziam um palavrão porque ia a D. Tina no autocarro, não podiam falar mal, havia respeitinho (risos).

E: E todas estas atividades foram importantes para ti?

El: Sim.

E: E o que te levou a associar-te a este grupo associativo de teatro?

El: Olha, há uma, encontramos pessoas e umas dizem a outras. Tem uma amiga que vai, (e diz) anda porque até vais gostar, e depois outra, outra... E eu quando cheguei lá, achei que o grupinho dizia comigo. Então continuo ali.

E: Já estavas habituada a grupos e a estas atividades artísticas...

El: Sim.

E: Culturais... E neste grupo de teatro o que é que tu pensavas obter?

El: Olha, em princípio, é assim...

E: Convívio...

El: Chegar lá e gostar de quem encontro à minha volta, pessoas que, uma ou outra vai-nos deixando, vai morrendo, e eu sentir que de uma certa maneira eu vou dar o meu contributo ao público. Que eu estou no palco e olho para eles (público). E aquelas palminhas e aquele olhar nos olhos de sentir as nossas pecinhas, sim, nós cantamos, e...

E: Representam...

El: Representar e eles, pronto, gostarem. Eu gosto de sentir o que o nosso público...

E: E então consideras relevante, importante, o teatro na vida das pessoas?

El: Então? Claro, acho que sim. Todos os dias, a nossa vida é uma representação.

E: Sem dúvida. E nesta associação, que tipo de atividades é que se desenvolvem? Revista...

El: É, Revista, teatro, poesia, sim porque tenho o nosso amigo Lando que esse quando dá para fazer assim uns versinhos está ele pronto.

E: Então as atividades deste grupo associativo resumem-se a isso? A atividades como o teatro, a Revista, sessões de poesia...

E: E que vantagens ou contributos esperavas ter, obter a nível pessoal, neste convívio deste grupo?

El: A nível pessoal é mais o convívio, porque nós não vamos lá usufruir de nada, pelo contrário, eu ainda gasto dinheiro para andar lá, não é? Porque nós somos vaidosas, gostamos que as

peças olhem para nós com os trajezinhos a brilhar, não é? A dar assim um brilho e é isso.

E: É bairrismo também?

El: Então, não é?

E: Então de alguma maneira a participação neste grupo promoveu-te ou permitiu-te desenvolver atividades?

El: Haa.

E: E conseguiste, sei lá, desenvolver a nível individual alguma aprendizagem mais específica? Em palco...

El: Olha, é saber estar porque muitas das vezes a gente pensa que subir a um palco é fácil, mas não, há aquele nervosismo porque estamos em contacto com o público. Isto quando é a abrir a peça, isto é dar de nós... O teatro, a Revista e a poesia.

E: E quando é Revista, não te permitiu aquela aprendizagem de canções antigas, de peças, rábulas antigas

El: Nós vamos sempre buscar. Já há muito tempo que muitas vezes o ensaiador diz “é porque esta (canção) já cantou uma senhora que já morreu há vários anos” ou o Sr. Lino que foi uma referência na nossa terra e vamos sempre recordar aquele bocadinho que ele arranjou. Foi através dele que nós entramos na Revista...

E: É possível vocês darem opiniões, também dão opiniões aos ensaiadores?

El: Muitas das vezes, de como é que vamos fazer a contradança, quando é na Revista que fazemos aquele bailinho das varinas ou da ceifeira. Somos nós que dizemos “olha, assim talvez ficasse melhor”, muitas das vezes também temos que nos basear ao palco, por causa do tamanho dele. Já me aconteceu eu querer estar mais um bocadinho e estar a incomodar a minha colega que ela estava sem se poder mexer.

E: Mas isso é uma aprendizagem, essas posturas! E a nível coletivo, a nível do grupo, achas que também fazem aprendizagens?

El: Sim, estamos sempre a aprender entre todas, umas com as outras...

E: Então, digamos que todas essas aprendizagens variadas são positivas? São importantes?

El: Sem dúvida que sim.

E: Achas que conseguiste aperfeiçoar alguma coisa em ti, participando neste grupo?

El: Talvez o que eu aprendi, em mim, foi sentir-me mais liberta, libertar-me mais e o convívio com as colegas também...

E: Foi importante... A partilha, partilharam ideias, partilharam aprendizagens, valores...

El: Ai então eu que... As colegas estão sempre a dizer: “Ai, a Tina entrou, até que enfim, porque ela vai nos fazer-nos uma roupinha especial, dar umas dicas dacolá e tal...” E eu estou sempre em ação (risos).

E: Então a costura também foi uma atividade que foste desenvolvendo também com o teatro.

El: Também com o teatro.

E: E em termos de voz

El: A voz, olha...

E: É a que se tem...

El: É a que nós temos, claro que foi melhorando.

E: E achas que esta associação presta algum serviço social na comunidade?

El: Claro que sim. As pessoas estão sempre a dizer: “Ai não vêm, não sai nada este ano? Ou vai sair.

E: Anima a terra...

El: Anima, sem dúvida que anima. Ainda mais isto é verdade o que vou dizer, muitas vezes elas diziam: “Via muitas vezes a mesma coisa que não me cansava!”.

E: Exatamente. Então mesmo quando são coisas repetidas estão a prestar um serviço social.

El: Estão a prestar um serviço social. E as pessoas dizem: “Sim, sr.^a, venho as vezes que for preciso porque adoro ver”.

E: Realmente a comunidade, a teu ver, então, adere, gosta...

El: Gosta.

E: E participa, vão assistir... E pontos fortes deste grupo associativo de teatro? Coisas positivas, além de muita coisa que já disseste...

El: Coisas positivas tem sempre porque há uma, o grupo em si é uma família.

E: Muito bem, também concordo.

El: Quando nós vamos para um ensaio e o grupo aparece, mais uma e outra, aquilo é como mais uma irmã que chegou e isto para mim é positivo. Quando falha alguma que por vezes está doente ou assim já ficamos tristes.

E: E até realmente reforçam esses laços de amizade... E se for preciso preocupam-se com esse elemento que falta...

El: É, é.

E: A esse nível é um grupo coeso?

El: É. Eu acho positivo parte de nós irmos ao ensaio, à noite, muitas vezes com sacrifício, não é? Há dias em que está frio, não apetece sair de casa, mas temos um ensaio e por vezes preocupamo-nos porque é que a minha amiga não veio. E depois já vamos dar a voltinha e bater à porta da amiga e perguntar como é, (dizer) estás em falta, e pronto, percebemos o que isto traz de bom.

E: E pontos fracos, já agora, o que merece melhoria?

El: Os pontos fracos, talvez faltas de ajuda, de apoios financeiros porque nós devemos embelezar mais a nossa cultura, não é? Claro que nós somos amadores, vamos por amor à camisola, mas se houvesse uns apoiozinhos, talvez fizessemos melhores cenários, melhorássemos o palco, até as próprias roupinhas que muitas vezes estamos a reciclar uma saia já muito antiga. É nessa parte que eu acho que deveria melhorar.

E: E em termos da frequência das atividades? Deviam ser mais frequentes? Nós temos tido uma (peça) por ano.

El: Devia ser mais, mais. É pouquinho.

E: Elisa, muitíssimo obrigada.

El: Não tem de quê. Às ordens.

2.^a entrevista 6m 24s

E: Olá, Bina. Vamos então falar um bocadinho sobre a associação de que fazes parte. Começava por perguntar o nome completo, por favor.

B: Belmira Fernandes G. B. Ramos.

E: E a idade?

B: 65.

E: Profissão? Reformada?

B: Reformada da hotelaria.

E: Vives aqui em Luar, certo?

B: É.

E: E escolaridade?

B: 4.º.

E: Na associação, que atividades exerces?

B: Canto.

E: Dança, não?

B: Quando faz falta, quando faz falta, canto e danço.

E: Na revista, no teatro?

B: Sim, sim.

E: E há quanto tempo colaboras na associação?

B: Desde que ela existe.

E: Há um par de anos...

B: Sim, um bom par de anos.

E: E antes, ou ainda agora, estás ou estiveste ligada a alguma atividade cultural, desportiva?

B: Desportiva, não, mas sempre a cantar.

E: Marchas?

B: Marchas, marchas, Revista, tudo o que se faz em cima do palco, nas ruas, eu colaboro.

E: Em outras atividades ligadas a esta associação, recordo aquela atividade do fado.

B: Sim, sim, sim

E: E como é que caracterizas essas atividades? O que dizes delas, são importantes?

B: Para mim é importante, é o que me dá vida.

E: E o que é que te motiva a associar-te a esta associação?

B: É que toda a gente esteja bem, para que não haja tristeza, para que haja alegria, e para elevar a terra.

E: E alegria e tristeza em relação a quem? A quem participa, aos espetadores, todos?

B: Principalmente a mim.

E: Pessoalmente sentes-te bem quando...

B: Pessoalmente, eu estou bem.

E: Quando participas...

B: Esqueço as doenças, esqueço tudo.

E: Então digamos que é nesse sentido que te associas?

B: Para bem da terra, mas principalmente para mim.

E: Muito bem. Então digamos que o que pensas obter na associação é o teu bem estar pessoal?

B: O meu bem estar.

E: Em termos de teatro, parece-te relevante para a vida das pessoas?

B: Sim, sim, faz muita falta, como comer.

E: As atividades desenvolvidas nesta associação? São a Revista, ajudas a lembrar? O teatro...

B: O teatro, a poesia.

E: A poesia, exatamente. Sessões de fado.

B: Sim.

E: Já falamos a nível pessoal, que contributos, vantagens é que tens. Portanto sentes-te bem quando...

B: Muito bem, muito bem.

E: E isso porque convives, porque libertas...

B: O meu cérebro, eu esqueço as tristezas, esqueço tudo o que passei na vida, quando estou a cantar ou quando estou a fazer alguma coisa em prol de alguma coisa ou alguém.

E: E parece-te que participar nestas atividades do grupo, da associação promove aprendizagens, aprendes alguma coisa?

B: Ai, aprendo, então aprende-se, aprende-se principalmente a conviver com os outros, a respeitar os outros.

E: Então há aprendizagens a nível individual e a nível coletivo...

B: Sim, sim. Aprendo coisas que não sei e ensino coisas que sei.

E: E o que é, por exemplo, que ensinas, além de recordar canções?

B: Ensino...

E: nas convivências, vai-se transmitindo...

B: Nas convivências, “não deve ser assim, faz-se assim. Para a minha ideia é assim. Não é assim”. Os mais jovens aprendem.

E: E aprendes também?

B: Eu aprendo também, sim senhora.

E: Coisas de dentro da associação e também de fora

B: De fora, sim senhora.

E: Outros assuntos que se falam... Então essas aprendizagens são sempre positivas?

B: Sempre, que (porque) eu comunico com jovens e com toda a gente.

E: Isso ajuda a rejuvenescer...

B: Sim, sim. Para mim é, para mim é.

E: Então digamos que aperfeiçoas em ti sempre alguma coisa, não é?

B: Quem me dera seguir mais.

E: Além de poderes também aperfeiçoar a voz...

B: Sim, sim.

E: E em termos, por exemplo de roupas, vocês falam muito da roupa que vão levar...

B: Ah, pois é, é barulho...

E: Isso é importante?

B: É barulho, sempre... Todas querem dar opinião.

E: E na realidade...

B: No fim acaba tudo em bem.

E: É importante essa partilha?

B: Sim.

E: E em termos de freguesia, de terra em si, parece-te que a Revista, o teatro, prestam um serviço à sociedade?

B: Sim, o povo de Luar está habituado a isto.

E: Animam...

B: O que o povo de Luar quer é teatro e Revistas e música, porque toda a vida viveu assim. Toda a vida Luar viveu de...

E: Digamos que faz parte da cultura...

B: Faz parte da cultura da nossa terra.

E: Para criticar, para aprender...

B: Tudo, para criticar, para aprender, para tudo, para rir, para tudo.

E: Uma avaliação crítica do grupo, pontos fortes? É um grupo que permite colaboração?

B: Sim, sim. E faz falta, faz muita falta. Não deve acabar, não deve, nada deve acabar na terra, que é tudo para bem da terra e se houvesse mais, melhor.

E: Pontos fraco? O que é que merecia melhoria?

B: Acho que se faz poucas coisas. Devia-se fazer mais.

E: Ainda mais, apesar de toda a dificuldade que há em...

B: Acho que se devia fazer mais.

E: Para bem de todos, não é?

B: Sim, sim.

E: Muito bem.

3.ª entrevista 10m 11s

E: Olá, Joana.

J: Olá.

E: Vamos então falar um bocadinho da associação de teatro aqui da nossa terra. Gostaria primeiro que me disseses a tua idade, o teu nome completo.

J: Chamo-me Joana Maria G. Santos. Tenho 60 anos.

E: Muito bem, e és casada?

J: Sou casada, tenho dois filhos, dois netos.

E: Dois netos, já?

J: Sim, uma menina e um menino.

E: E profissão? Neste momento...

J: Aposentada. Neste momento estou aposentada.

E: Vives aqui em Luar.

J: Sim. Na rua do Ramalhão, 22.

E: Olha e escolaridade, que escolaridade é que tu tens?

J: 12.º ano.

E: Fizeste o 12.º já mais tarde, não é?

J: Sim, primeiro fiz 6.º ano, já tinha dezanove anos, depois, mais tarde, para aí aos quarenta e tal fiz o nono ano e, depois, aos cinquenta e qualquer coisa fiz o 12.º.

E: Decidiste continuar e muito bem. A idade não é um entrave, não é?

J: Concerteza.

E: Na associação de que falámos, de teatro amador de Luar, quais são as atividades que tu exerces? O que é que tu fazes?

J: Portanto faço parte do elenco e faço parte do coro.

E: Portanto, representas.

J: Exatamente.

E: Cantas, danças, representas...

J: Exato.

E: Um bocadinho de tudo.

J: Um bocadinho de tudo.

E: E há quanto tempo colaboras nesta associação?

F: Há muito tempo, há vários anos.

E: Sei que trouxeste umas cassetes de gravação de alguns espetáculos, de que ano?

J: De Revista, de 25 do doze de 1973. A revista tem o título “Rir também é Luar”, fiz parte, e também já atuei, cantei as rosas brancas, e mais outras canções, tipo aquelas...

E: Mais da terra?

J: Sim.

E: Desde há muito tempo que participas?

J: Exato.

E: Neste grupo...

J: Claro, sim.

E: De teatro. E além deste grupo, já estiveste ligada a alguma atividade ou outro grupo cultural, desportivo ou de outra categoria?

J: Sim, já estive.

E: Por exemplo? Estiveste, portanto, ligada a este grupo e ao anterior, é isso?

J: Exato.

E: Ao que deu, digamos, continuidade a este. Que iniciou este e que este dá continuidade.

J: Exato.

E: Portanto, caracteriza-se como um grupo cultural, artístico, não é?

J: Concerteza.

E: E o que levou a associar-te a esta associação?

J: Porque é uma coisa que eu gosto e sinto-me bem e sempre gostei deste tipo de Revista, canção e...

E: Atividade, assim...

J: Atividade, pronto, não sei se as marchas também faz parte?...

E: Sim, também.

J: Tudo isso, na altura, eu... Portanto, ainda neste momento ainda participo.

E: E o que é que tu pensas obter quando participas, quando te integras no elenco de uma revista, de uma peça de teatro?

J: Tento dar o melhor e, pronto, e fazer o meu melhor possível.

E: Muito bem, portanto, desenvolver as tuas características e capacidades...

J: Capacidades.

E: Certo. Olha, e o teatro, para ti, achas que é importante, é relevante na vida das pessoas?

J: Eu acho que sim. Acho que sim.

E: E porquê, por que é que dizes que sim? Porque... As pessoas aprendem com o teatro?

J: Sim, aprendem e é uma maneira também das pessoas passarem o tempo e se divertirem um bocadinho.

E: Portanto, o lazer...

J: Exatamente.

E: A diversão... São situações concretas, que são importantes, não é? Na vida das pessoas. E a nível pessoal? Mesmo para ti, que contributos é que tu esperas retirar e obter na participação neste grupo? Por exemplo

J: Pronto...

E: Achas que é importante, já disseste há um bocadinho. Mas parece-te que favorece-te?...

J: Sim, favorece e as pessoas, em princípio gostam também deste tipo de convívio e também convivo e também Luar, como é uma terra de tradição, e gosta muito deste tipo de eventos convinha que nunca acabasse, que é uma coisa que, enfim, que as pessoas gostam.

E: Portanto, para ti também é importante passar o tempo com alguém, no grupo?

J: Exato.

E: Daí te teres associado a este grupo, a esta associação?

J: Claro, sim.

E: Para passar tempo, conviver, partilhar, não é assim?

J: Exato, exato.

E: Então, digamos que sentes a nível individual fazes aprendizagens?

J: Claro. Aprende-se muito.

E: E desenvolves.

J: Desenvolvo a nível de tudo, a nível de capacidade, vital... Porque a idade... (risos) é chato!

E: Claro, sim...

J: ...Não perdoa, não é?

E: Claro, sim, mas não deixa de ser... De estarmos sempre aptos a aprender, não é?

J: Exatamente, exatamente.

E: E, por exemplo, há alguma coisa particular que tenhas aprendido? Ou é assim a nível geral? Eu sei que desenvolves a voz...

J: Exato. A dança

E: A dança...

J: Porque isso tudo faz bem, pronto.

E: E em termos coletivos? Achas que as outras pessoas também aprendem? É importante para o grupo, para as pessoas que participam, é importante esta reunião, esta partilha, estes encontros?

J: Eu acho que é importante, portanto, as pessoas se unam como se costumam unir e partilhar também, não é? E pronto...

E: E o que partilham? Partilham essencialmente coisas só do teatro ou também se partilham outras coisas?

J: Geralmente é mais do teatro, mas também se conversa outras coisas.

E: E que se podem, portanto, aprender.

J: Aproveitar para outros teatros e outras revistas.

E: Portanto, essas aprendizagens que vais fazendo e que os outros também fazem, a teu ver são positivas, negativas?

J: São positivas.

E: Achas, então, já falamos há um bocadinho, achas que consegues aperfeiçoar em ti, na associação, esta associação consegue aperfeiçoar características.

J: Sim, concerteza, a voz, o gosto.

E: Eu sei que vocês conversam muito sobre as roupas a levar para a representação.

J: Em todas as apresentações temos uma roupa diferente, combinamos as coisas para que, pronto...

E: Bata tudo bem...

J: Exatamente. E que as pessoas também gostem

E: Quando estás em palco, como é que tu te sentes?

J: Sinto-me bem, não...

E: Não há constrangimentos?

J: Não, nada.

E: Portanto, libertas-te de...

J: Exatamente. Esquecesse-se tudo, estou a ali a viver aquilo e... Até ao fim.

E: Então, digamos que faz bem, mesmo apesar da idade, que não é muita, apesar da idade...

J: Faz muito bem, faz muito bem, mesmo.

E: E em termos de freguesia, de vila, achas que o grupo presta um serviço social à freguesia.

J: Julgo que sim. Luar, geralmente, quando há este tipo de evento, Luar une-se todo e...

E: Adere bem?

J: Adere bem, vem tudo à Revista e ao teatro.

E: E se fizéssemos uma avaliação crítica desta associação? Os pontos fortes?

J: Para mim é o melhor, portanto...

E: Presta um serviço social...

J: Presta um serviço social.

E: À freguesia, aos que vão assistir, mas também aos que participam no grupo...

J: (reitera algumas expressões).

E: E pontos fracos?

J: Acho...

E: Mais peças, mais revista, mais...?

F: Sim...

E: Ou não encontras pontos fracos?

J: Eu, neste momento, gostaria que houvesse mais, mais Revistas, mais teatro porque há pouca coisa. E as pessoas, principalmente os emigrantes, no verão, adoravam ver esse tipo de evento. E já não é a primeira vez que pedem, não é?... E geralmente não acontece nada... Porque, claro, eles estão longe e chegam cá e gostam também de reviver o passado, não é? E eu também gosto.

E: Então esse é um dos contributos que tu esperas a nível pessoal?

J: Exatamente.

E: É reviver...

J: E que continuemos com o passado e também o presente, não é?

E: O presente, sem dúvida. Joana, obrigada por esta prestação. Aquilo que eu posso dizer como resumo é que, portanto, gosta de participar, porque faz-te bem.

J: Muito.

E: Sentes-te libertada...

J: Ativa

E: Mais ativa. Nesta fase da vida em que estás reformada, estar ativa é importante, sentires-te útil.

J: Exatamente.

E: Ainda bem.

E: Muito obrigada.

J: Nada, obrigada eu.

4.^a entrevista 18m 6s

E: Olá, Lando. Vamos então conversar um bocadinho sobre a associação de teatro amador aqui da terra. Antes de mais gostaria de te ouvir dizer que idade tens, como é que te chamas, o nome completo.

L: Ora boa noite. Eu sou João Orlando C. Santos. Filho de António dos Santos Santos e de Arminda F. Carmo, pessoas humildes. O meu pai era pedreiro, trabalhava na construção civil, assim como eu trabalhei toda a minha vida. E a minha mãe era doméstica, portanto, sou filho de pessoas humildes.

E: Trabalhadores...

L: Trabalhadores... Tenho 63 anos. Trabalhei praticamente 53 anos.

E: E encontras-te reformado, agora?

L: Não, ainda me encontro de baixa. Estou no ativo, estou de baixa porque meti uma prótese no joelho e de forma que, pronto, ainda estou a aguardar os tempos: se irei para a reforma ou se continuarei a trabalhar que possivelmente isso não será, não deve ser verdade.

E: Muito bem, um homem de trabalho e de esforço, de gente humilde. Vives cá na terra.

L: Na terra. Estive sempre colocado em coisas culturais, em tudo que se diz da terra. Na terra, tudo o que for preciso a gente está sempre à altura. Fui jogador de futebol, na terra, também. joguei muitos anos aqui no Fão. E depois também tivemos uma experiência muito bonita que foi a JOC dos meus tempos ainda de adolescente, até aos meus vinte anos. Estive inserido na JOC que era a Juventude Operária Católica onde aprendemos muito que praticamente foi...

E: O que vos formou?

L: Foi uma formação. Isto a nível de teatro, a nível de encontros. Todos os domingos a gente se encontrava, fazíamos reuniões pastorais; praticamente aquilo era... Estávamos inseridos em coisas religiosas e, ao mesmo tempo, formámo-nos homens a conversar uns com os outros,

homens e mulheres. Fazíamos teatro, jogávamos ping-pong, ouvíamos rádio, os desafios de futebol que, na altura, era muito engraçado, que não havia televisão...

E: Então, digamos que o estares associado a este grupo associativo de teatro amador já vem de longe.

L: Já vem de longa data. Na JOC foi praticamente onde a gente começou porque fazíamos aquelas Revistas e teatros amadores em que participava muita gente, as pessoas aderiam muito, iam lá ouvir e ver-nos. E depois mais tarde, começou praticamente aquele teatro mais profissional. Era o Zé Lino que apresentava e nós saíamos da JOC e entrávamos logo nessa parte que já era mais profissional.

E: Digamos que foi um estágio.

L: Aquilo era, era um estágio, era ali onde a gente começava a aprender, aprendia e depois entrávamos no mundo da Revista fangueira.

E: Digamos que nesta associação de teatro amador colaboras desde o início da mesma.

L: Desta associação eu sou dos alicerces. Fui eu, mais o amigo, um amigo. Posso dizer para aí há cinco anos, não tenho agora assim memória... O Barbosa esteve para aí dois anos, não, um ano e nós estamos...

E: Três, quatro? Tem seis anos para aí.

L: Aproximadamente isso. Pronto, isso veio com intenção de ser um grupo amador porque eu já sou diretor artístico da Cooperativa Cultural de Luar. Eu já ali fazia teatro e fazia Revista. Depois é que o Barbosa veio me falar se a gente podia fazer...

E: Uma associação?

L: Uma instituição, uma coletividade, por assim dizer, depois, pronto, aquilo continuou, eu parei um bocadinho, mas depois voltei a reentrar porque o trabalho era bastante e já fazia parte da cooperativa. Na cooperativa já fazia muito, noites de fado, era reuniões, era isto, era tudo. Era muita coisa e eu aí parei um bocadinho. Mas agora estou outra vez no ativo.

E: Digamos que em termos de coletividades, em atividades artísticas tens experiência suficiente, bastante...

L: Desde os meus catorze anos.

E: Muito bem. Atualmente estás ligado não só a esta associação, mas também à cooperativa cultural, portanto, de índole artística..

L: Cooperativa cultural, sou Juíz das Almas. Faço parte... Aqui em Luar, é tudo, ensaiador de marchas...

E. Portanto, quando se precisa de algo ligado à cultura vai-se buscar o Lando.

L: Sou logo chamado.

E: E as atividades que exerces aqui na associação, particularmente são quais?

L: Aqui, como presidente da Assembleia e faço parte do teatro, ator, portanto, canto, enfim, tudo aquilo que for necessário para a Revista a ponto de ensaiar, de coreografia, de cantar, enfim, tudo o que faz falta, tocar viola, tudo o que faz falta para um teatro eu estou pronto.

E: Digamos que então o que te motivou a associar-te a esta associação, a este grupo, terá sido a experiência de jovem...

L: E o gosto que tenho por estas coisas, não é? Além do mais, como mais velho, tendo mais novos ao lado deles, eles sentem-se mais à vontade, não é, sentem-se mais à vontade comigo a fazer seja o que for porque eles ao meu lado estão mais à vontade a fazer qualquer coisa que seja.

E: Sentem-te como um mestre...

L: Exatamente, como uma espécie disso, vá. Não me quero engrandecer assim tanto, mas pronto, se é esse nome que se dá, aceito.

E: E o que pensas obter fazendo parte desta associação?

L: De quê? De ganhar, de...?

E: Sim, o que é que tu achas que ganhas...

L: Ganho experiência, ganho, por exemplo... No dia a dia, a gente ao fim do dia de trabalho vai para o sítio onde vamos fazer o ensaio, aí todos a conversar, todos a ensaiar, faz esquecer os momentos que a gente passou durante o dia de trabalho e praticamente é um desabafo, é, enfim...

E: Um espaço de lazer

L: É, é uma forma de a gente passar um tempo bom e esquecer se calhar os maus, algum bo-
cado que passasse durante o dia e o cansaço que a gente ali não se cansa.

E: Tudo o que se faz por gosto não cansa, não é?

L: Exatamente.

E: E o teatro, pensas que o teatro tem alguma importância na vida das pessoas?

L: Muita importância. Se calhar o teatro é das coisas mais fabulosas que podem existir ao
cimo da terra. Além de se aprender, a gente ganha uma forma de estar juntamente com a soci-
idade, aprende a conversar com uns e com outros. Isto porque se a gente não sair do buraco e
se enfiar em casa, a gente chega cá fora e nem sabe conversar com as pessoas. E é uma parte
de cidadania, não é? Que a gente desenvolve. Mesmo para o cérebro, para nós próprios, a gen-
te sente-se muito melhor. O teatro é talvez a parte cultural mais forte que existe.

E: Completa.

L: Completa, disso não haja dúvidas.

E: Digamos que já falaste aí de vantagens que esperas ou que consegues tirar do teatro a nível
pessoal: a experiência, o convívio...

L: A experiência, o convívio, essa parte é a parte mais... A parte melhor, uma parte muito for-
te para a gente ficar aliviada, para a gente aprender e ensinar os outros, os mais novos que
vêm. Sentimo-nos mais à vontade de estarmos num meio de qual for a sociedade, não interes-
sa que seja rico, seja pobre, seja engenheiro, seja...

E: O teatro contribui para essa aprendizagem.

L: Exatamente. Para estarmos à vontade, na frente seja de quem for.

E: Muito bem. E em termos coletivos, em termos de grupo, o grupo tem possibilidade de aprender também?

L: Também, toda a gente aprende, ali toda a gente aprende. A gente... O que nós aprendemos, ensinamos naquilo que for preciso e nós também estamos a aprender precisamente com aquelas pessoas porque os mais novos trazem-nos ideias completas. Ao mesmo tempo eles estão a aprender, nós estamos a aprender e, no fundo, aprendemos todos.

E: É uma partilha...

L: É uma partilha entre todos.

E: São essas as aprendizagens resultantes dessas partilhas.

L: Faz parte da vida.

E: Parece-te que conseguiste aperfeiçoar algo em ti?

L: Muito. A minha vida foi toda aperfeiçoada mesmo para educação dos filhos, para tudo. A gente...

E: Convivendo em sociedade?

L: Convivendo. Os nossos filhos, vendo que estamos numa sociedade e a convivermos uns com os outros, eles praticamente seguem os mesmos passos. Eles vão junto, connosco.

E: Não se fecham, são pessoas que...

L: A serem... Instruam-se, a estarem, a saberem estar no meio da sociedade. Enfim, é uma aprendizagem para toda a gente. Isso, teatro é das coisas mais importantes que existe no mundo.

E: E a nível da freguesia? Achas que a freguesia também ganha com uma associação de teatro amador, na terra?

L: Acho. Ganha. Aliás, esta freguesia de Luar é uma freguesia que aprendeu muito com as Revistas fagueiras, com o teatro fagueiro. Os antigos iam de propósito ao Porto e a Lisboa verem Revistas, traziam-nas gravadas e, depois, em Luar... Traziam as músicas, as letras das

Revistas e passavam a letra para as Revistas de Luar, falando de tudo o que se passava em Luar.

E: Adaptavam o que viam...

L: Adaptavam a letra à freguesia.

E: Às situações do dia a dia.

L: Do dia a dia e eram músicas que pertenciam às Revistas. E eles iam lá, traziam... Isto vai tanto ano que eu não faço ideia, parece que em 1930 e tal foi a primeira Revista que saiu. Repara que daí até aqui, até 2014, nós continuamos a fazer quase o mesmo género, ou melhor ou pior, há sempre esta forma, e as pessoas estão sempre a dizer “Quando é que é a próxima? Quando é se faz a próxima?” e porquê? Porque ela já tem existido, nós vamos fazendo, o que não podemos fazer é todos os dias. Mas pronto, de tempo a tempo vai-se lembrando.

E: E não se pode fazer todos os dias porque, na realidade, tem o seu trabalho.

L: Exatamente.

E: Há os ensaios... Uma por ano. Falas de Revista, mas também falas de peças de teatro?

L: Tetaro, tudo. Nós antigamente fazíamos muita Comédia, aqui em Luar.

E: E o ano passado fez-se uma peça de teatro.

L: Exatamente. Aqui em Luar há... Ainda há pouco tempo assisti, aqui em Luar, a uma comédia que se chamava...

E: Também não me estou a recordar de momento...

L: Pronto, mas também era uma comédia feita pelo povo luareiro, pelo grupo.

E: Foi há dois anos. O ano passado foi o Gebo...

L: E era tudo comédia. Portanto, há grupos que se adaptam mais à comédia, há outros que se adaptam mais à revista.

E: Todos dentro da associação?

L: Exatamente. Nós aqui em Luar continuamos a manter essa tradição.

E: Dentro do grupo estamos, não é?...divididos, mas em termos de arte, estamos...

L: Uns com mais jeito para umas coisas outros para outras.

E: Todos colaboram entre si, não é?

L: Exatamente.

E: Vamos fazer uma avaliação. Perdão ainda em relação à terra, digamos que esta associação presta um serviço social? Parece-te que sim?

L: Parece, acho que sim, claro.

E: Em que medida? Anima a terra...

L: Anima a terra. Para todos os eventos que se faça, é tudo bonito para a nossa terra. Porque a nossa terra vem habituada já a esse tipo de coisas, não é? Em revistas, em comédia. No centro cultural apresenta-se noite de fado, portanto há sempre coisas a apresentar

E: Também solicitam, querem.

L: Exatamente. Eu até nas noites de fado sou capaz de ir mais a uma Revista do que a uma noite de fado. Na Revista ainda pago um bocadinho. Na noite de fado é aberto e... Portanto, as pessoas não se habituam tanto a isso (à noite de fado). Habitaram-se mais ao tipo de revista, ao teatro.

E: Vamos fazer uma avaliação crítica deste grupo de teatro amador. Pontos fortes?

L: Pontos fortes, pontos fortes, acho que é o todo, em geral...

E: Estas aprendizagens...

L: Exatamente. Isto mesmo, o grupo em si, o que faz parte da administração é muito boa, preocupa-se sempre em fazer algo, portanto eu acho que está bem entregue o teatro a este grupo que está associado a ele. E, pronto, se mais não fazem é porque também não dá para tudo, não é? Mas eu penso que dentro em pouco...

E: Pouco e bom...

L: Exatamente. Mais vale pouco e bom do que muito e fraco.

E: A que a terra não está habituada.

L: A avaliação é boa.

E: E pontos fracos. Será que tem pontos fracos?

L: Pontos fracos... Pontos fracos é o seguinte: nós estamos a manter sempre um ritmo com aquelas pessoas mais antigas e o que eu gostaria é que aparecessem mais jovens, os jovens. Eu agora queria que as pessoas mais velhas descansassem um bocado...

E: Mas também faz falta elas estarem ativas.

L: Exatamente. A gente vai sempre buscá-las porque... Se entrarem, por exemplo, seis das mais velhas, era bom que aparecessem dez ou doze dos mais novos.

E: Para lubrificar...

L: Exatamente e para integrarem-se dentro do grupo que é para, depois os mais velhos, claro, não duram sempre. Quando estes saírem, o grupo continua sempre bom e forte. Era isso que era realmente... Inserir mais juventude

E: E diálgamos que, assim, no todo, parece-te bem estarmos associados, haver uma associação de teatro amador?

L: Muito bom.

E: Tu exerces, então, várias atividades nesta associação, cantas, danças, Revista, teatro, és o presidente da associação...

L: Da assembleia

E: Da assembleia, perdão. Estás ligado a outros grupos também e, na realidade, aquilo que posso resumir é que estás associado porque precisas de convívio, precisas de aprendizagens, precisas de partilhar...

L: E aprendi muito. Isto é um ensino, é praticamente a parte básica para a gente, durante a nossa vida, estarmos metidos nestas associações de teatro, de... Tudo.

E: Muito bem, Lando, muitíssimo obrigada pela tua participação.

L: Nada.

5.^a entrevista 13m 41s

E: Olá, Carina. Olha, vamos então falar da associação de teatro amador aqui da nossa terra. Eu gostava de primeiro falar contigo, de te perguntar, perdão, a idade, o teu nome completo.

C: Ora bem, o meu nome é Carina Lemos da Silva, tenho vinte e nove anos. Vivo em Luar.

E: E estado civil?

C: Estado civil, sou solteira, mas vivo com o meu companheiro já há dois anos.

E: Grau de escolaridade, que escolaridade...?

C: 12.º ano, mas estudei até ao 3.º ano de Licenciatura em Ciências da Educação, na Universidade do Porto.

E: Mas também sei que já fizeste umas formações em teatro.

C: Sim, já fiz vários workshops e fiz uma formação de uma maior envergadura com o Seivatrupo que é uma companhia profissional do Porto. Fiz um curso intensivo de seis meses e, depois, continuei a aperfeiçoar e a continuar a frequentar workshops sempre que tinha a possibilidade para isso.

E: Então terá essa tua experiência que te terá motivado a associar-te a este grupo associativo de teatro amador?

C: Sim, bastante. Depois de ter tirado este curso, tive o desejo de estar sempre ligada ao teatro e surgiu a oportunidade de entrar para esta associação.

E: Independentemente de ser amadora?

C: Sim, independentemente de ser amadora.

E: E que atividades é que exerces na associação? No grupo?

C: Neste momento, sou vice-presidente do grupo e sou atriz também, embora tenha feito também algumas pequenas coisas de encenação.

E: Certo. E também fizeste umas formações?

C: Sim, sim.

E: E há quanto tempo é que colaboras? Colaboras...

C: Há cinco anos...

E: Já há um tempinho, não é?

C: Já são dois mandatos e meio... Por aí.

E: Vamos para o terceiro, certo? Estiveste ligada a atividade artística, cultural, desportiva anteriormente ou ainda durante esta tua experiência no teatro amador?

C: Não, nunca fiz parte de associações. Em adolescente pratiquei desporto, mas estar numa direção de uma associação, não.

E: E não só ligada à Direção, fazer parte mesmo de um grupo desportivo, de um grupo cultural?...

C: Em muito nova, fiz parte do grupo desportivo de Esposende quando joguei andebol, mas é só essa experiência.

E: Outras pessoas entrevistadas, também a este nível, falaram de grupos como as marchas, a rusga, essas coisas.

C: Sim, das marchas também fiz parte, também até a uma idade muito... Até aos meus doze, treze anos, embora tivesse gostado muito, sim.

E: Já falamos da motivação para te associares a este grupo, mas... Outras motivações, houve? Simplesmente a experiência do teatro, o querer continuar o teatro?

C: Houve também a motivação de poder trazer para a minha terra, para a nossa terra, o teatro e atividades culturais e poder partilhar com as pessoas da minha terra as minhas experiências a nível do teatro. E achei que em Luar há uma grande lacuna nas atividades culturais e tinha

essa grande vontade de poder levar teatro e poesia que também já fizemos. Poder contribuir aqui para a gente da terra e também para os jovens da terra através dos workshops que fizemos para eles. Acho que aqui há poucas oportunidades e pouco acesso a atividades culturais.

E: Certo e...

C: Isso também me motivou bastante.

E: Muito bem, o que pensas obter quando te associas a este grupo? Que pensas obter?

C: Em primeiro lugar, quando me associei talvez fosse mais uma perspetiva pessoal de poder desenvolver as minhas capacidades e continuar a pô-las em prática como atriz. Mas, depois, ao longo do mandato, fui obtendo outras coisas que se calhar não estava à espera, não é? Experiência, a partilha com os mais jovens daqui da terra que se juntaram, poder ensinar-lhes algumas coisas... Poder ser significativa...

E: E os mais velhos?

C: E os mais velhos também, sim.

E: Vamos falar do teatro em si. Parece-te relevante na vida das pessoas o teatro?

C: Sim, parece-me bastante relevante porque acho que enquanto sociedade o teatro é uma forma das pessoas poderem olhar para elas próprias, poderem olhar para aquilo que as preocupa, aquilo que está mal...

E: Não é só o lado de entretenimento, é também o lado cultural...

C: O seu lado cultural, o seu lado social. E ao pormo-nos em palco, as pessoas vêm ao teatro e estão-se a ver a elas próprias e estão a pensar sobre si próprias.

E: Muito bem, falaste do lado social, parece-te que este grupo associativo faz um serviço social?

C: Sim, parece-me que sim.

E: As atividades que promove...

C: As atividades que promove, promoveu bastante formação, bastantes workshops, mais virados aqui para uma faixa etária mais jovem, claro. Acho que sim, que foi significativo para eles, onde eles puderam desenvolver... E também pelas peças que tem posto em cena, pela poesia que tem posto em cena. Tem feito essa função cultural e essa função social de trazer cultura a quem por, muitas vezes, estar numa terra mais pequena não tem tanto acesso a ela. A uma faixa etária, talvez os reformados, que não têm tanta mobilidade para ir ao teatro ao Porto ou a Braga... E aqui têm acesso a ver, se calhar, peças que nunca viram. Se calhar houve gente que nunca veio ao teatro e teve oportunidade na terra e com a associação de ter.

E: E já agora, que peças de teatro é que já foram desenvolvidas aqui por esta associação?

C: Em primeiro lugar, começámos com poesia, com espetáculos de poesia porque para trabalhar foi mais fácil. Depois, passámos então para peças propriamente ditas. Privilegiamos sempre os escritores portugueses, da nossa língua, autores dramaturgos portugueses.

E: Também tivemos o Tino a declamar poesia própria, dele.

C: Sim, sim, sim. Também era poesia de autoria própria, que também tivemos. E na poesia misturámos também a música. Tivemos o Tino a tocar, tivemos a Romina a cantar. Portanto tentámos aproveitar as capacidades de cada um e os talentos de cada um e juntá-los à poesia. E depois já pusemos em cena José Régio – O meu Caso. Já pusemos em cena Raúl Brandão...

E: O Gebo e a Sombra, não é?

C: O Gebo e a Sombra. Portanto, peças sempre com uma mensagem que é a nossa grande preocupação, uma mensagem social, que deixe as pessoas a pensar, que se ponham em questão a elas próprias e de autores portugueses que acho que é interessante levar os nossos dramaturgos a serem conhecidos.

E: Falaste do serviço social que a associação tem prestado com essas peças. E a nível pessoal, que contributos é que tu esperavas e conseguiste promover em ti?

C: Eu, a nível pessoal, desenvolvi-me imenso, a fazer parte desta associação, pois a partilha das experiências das pessoas com quem eu convivi... Temos um elemento que traz a poesia feita por ele, que traz a música, temos um elemento que é dançarina, que é bailarina, que nos traz toda essa parte da perceção do corpo. Depois a parte das relações humanas, também é

muito importante, porque acabamos por dirigir um bocado os mais jovens. Psicologicamente descobrimo-nos porque temos que dirigir os outros que não têm tantos conhecimentos, acabamos por fazer um bocado a função de encenador, entre aspas, e com isso vamos aprendendo também. Aprendi muito também emocionalmente, a gerir as emoções, a inteligência emocional, lidar com as emoções porque no teatro também, quando estamos a praticar pomos muito as nossas emoções em causa, as nossas inseguranças, os nossos medos, as nossas vulnerabilidades. No teatro estamos vulneráveis.

E: Exatamente. E diz-me, em termos coletivos, o grupo em si também promoveu, em si próprio...

C: Bastante porque eu fui bebendo um bocadinho do que cada um trazia. Somos todos muito heterogéneos, muito diferentes. Partilhámos todos as nossas experiências, os nossos talentos. Então fui bebendo a cada pessoa que entra no grupo. Cada pessoa dá o seu contributo para as outras, pelo menos falo por mim. Cada pessoa deu o seu contributo. Porque mesmo com os mais jovens, dos mais jovens até aos mais velhos vão sempre tirando alguma coisa, não só artisticamente porque isso vamos evoluindo; quanto mais peças vamos fazendo, quanto mais formações vamos fazendo, vamos evoluindo artisticamente. Mas pessoalmente, psicologicamente e emocionalmente, traz-nos muito.

E: É uma construção.

C: Sim, é uma construção.

E. Em termos de aperfeiçoamento... Houve muito aperfeiçoamento, por aquilo que acabaste de deizer...

C: Também a nível artístico porque a associação proporciona-nos poder fazer vários workshops, varias formações. Pudemos trazer aqui atores profissionais, pudemos trabalhar com eles e acho que todos pudemos crescer a nível de ferramentas artísticas, crescemos bastante.

E: Atores profissionais que fizeram cá workshops foram o Luciano Amarelo...

C: Da associação “Terra na Boca”.

E: E o Nuno Meireles.

C: E o Nuno Meireles.

E: Que foram uma mais valia para o grupo, também para a sociedade, na medida em que o grupo tendo aprendido com eles, nas peças que realizou, acabou por projetar esses conhecimentos.

C: Claro que sim, bastante. Acabou por projetar, pudemos todos melhorar e fazermos uma peça e um trabalho mais consistente, bem mais consistente.

E: Olha, Carina, em termos de avaliação crítica do grupo? Pontos fortes?

C: Pontos fortes: somos bastantes heterogéneos, bastante diferentes. Todos, através das suas formações e das suas histórias de vida e das suas profissões, trazem contributos bastante diferentes para o grupo. As personalidades também bastante diferentes. E depois trabalhamos todos com a mesma vontade, os mesmos objetivos.

E: E pontos fracos, Carina?

C: Pontos fracos: sermos poucos, ainda.

E: Também, não é?

C: Sim.

E: É uma menos valia...

C: Uma menos valia. E se calhar as circunstâncias da vida, o nosso trabalho, os nossos horários condicionam-nos um pouco.

E: Sim, uma peça, neste grupo, demora um ano a realmente ser ensaiada.

C: Bastante. Até porque as pessoas estão nos seus projetos, as pessoas têm o seu trabalho, e, às vezes, é complicado conciliar.

E: Não fazem do grupo um grupo secundário, mas fica sempre para depois da vida profissional, não é?

C: Claro. Tem que ser e acho que é um problema geral e comum a todos os grupos amadores. Ficam sempre limitados ao tempo que as pessoas depois disponibilizam depois do seu trabalho.

E: Falamos das peças de teatro, falamos da poesia, não falamos da Revista porque não passaste pela experiência da Revista. Mas também é algo que se faz no grupo, certo?

C: Certo.

E: Catarina, queres dizer alguma coisa mais sobre o grupo?

C: Sim, acho também muito interessante o grupo não ter abandonado as suas raízes e aquilo que já era feito para trás e antigamente. Acho muito interessante essa maneira de se conciliar os jovens que chegaram agora, estão a fazer coisas diferentes. Se darem bem e conviverem naturalmente com aquelas pessoas que já estavam no grupo, que faziam a Revista, continuarão no grupo. Conviverem as duas vertentes. Parece que são distintas, mas conseguem coabitar muito bem. Até porque a Revista tem uma função social também, já muito antiga aqui na nossa terra.

E: Certo, Carina, muito bem, foi um gosto falar contigo. Muito obrigada.

C: Também gostei muito.

6.^a entrevista 11m 54s

E: Olá, Tino. Infelizmente estou com a minha voz assim um bocadinho rouca, mas vamos lá tentar. Olha, dizes-me o teu nome, por favor?

T: Celestino da S. Pires Ruas.

E: E a tua idade?

T: 23 anos.

E: Estado civil? Solteiro...

T: Solteiro, muito solteiro.

E: Olha, o que é que fazes na vida, portanto, a tua profissão?

T: A minha profissão... São muitas ao mesmo tempo.

E: Discrimina.

T: Trabalho como músico, às vezes toco em bares ou em hotéis, em animações, trabalho também num negócio de família, na Pastelaria Luarense, passo a publicidade, e, lá está, vou mantendo ocupações a nível do associativismo também.

E: Vives cá em Luar?

T: Sim.

E: E que escolaridade é que tu tens, Tino?

T: Tenho o curso profissional em Técnico informático e gestão, tirado na Escola Profissional, em 2005-2008, que corresponde ao 12.º ano.

E: Mas continuaste? Também...

T: Não. Depois entrei para a Faculdade de Letras...

E: E suspendeste?

T: Suspendi porque a música estava a bater mais forte.

E: E talvez possas, ou vás retomar...

T: Talvez, um dia.

E: E nesta associação, nesta associação de teatro amador de Luar que atividades é que tu exerces? O que fazes concretamente?

T: Faço parte do corpo artístico e da direção também, na qualidade de vogal.

E: Como fazes parte do corpo artístico, fazes o quê concretamente? Não danças?

T: Não. Só se o papel em si pedir. Mas sou essencialmente ator.

E: E há quanto tempo é que colaboras nesta associação?

T: Já desde 2009.

E: Portanto há já uns cinco aninhos.

T: Sim.

E: Já há bastante tempo. Eras bem mais novinho, claro. Mas já estavas ligado a estas andanças.

E: E Estás ligado a outras atividades culturais, desportivas, outros grupos?

T: A Comissão de Festas do Sr. Bom Jesus de Luar, e não faço grande coisa sinceramente...

E: Participas naquilo que te pedirem...

T: Exato. No que for preciso basicamente.

E: Também ensaias as marchas?

T: Exatamente. Este ano está suspenso, para já.

E: Estás ligado de alguma maneira a associações e a grupos associativos. E porquê que te associaste a este grupo? O que te motivou a associar-te?

T: Em primeiro lugar foi o convite do Helder Carreira. E depois... E depois... Inicialmente o Helder falou-me que contava com a minha colaboração na área da dança. Na altura eu dançava, agora já não. Mas depois acabou por desaparecer (o Helder). E eu descobri com este grupo, com a ajuda da Carina, e a tua ajuda, e do Igor principalmente, uma grande paixão pela representação e é mais isso que me tem prendido aqui. E também as amizades que criei com todos.

E: Exatamente. Olha, e o que é que tu pensas obter estando associado a este grupo?

T: Obter?

E: Essas amizades, desenvolver alguma capacidade específica?

T: Não procuro obter... Eu gosto de aprender com todas as minhas experiências, mas não procuro obter nada.

E: A nível pessoal, digamos que é um entretenimento, é uma forma de estar?

T: Exato, mas também. lá está, a nível técnico, de estar em palco e a questão da colocação da voz... essas coisas, também aprendi bastante, não é?

E: Digamos que é esse o contributo que esta associação te dá a nível pessoal? Essas aprendizagens... E achas que têm repercursão extra associação?

T: Acho que sim. Ajuda-me a lidar melhor com o público, também a nível da música. Com o público e noutras situações em que tiver que falar, em que se calhar não estava tão à vontade para falar para tanta gente. As sessões de poesia também ajudaram bastante.

E: E também (essas sessões) neste grupo, não é assim? E então consideras que o teatro é relevante na vida das pessoas?

T: Muito relevante, muito.

E: Queres explorar um bocadinho? Porquê?

T: Precisamente por causa disto que referia agora: dá-nos mais à vontade, o facto de estarmos ali num palco, e depois aprendemos a confiar nas outras pessoas com os exercícios que existem no teatro...

E: Que são intrínsecos a esta atividade.

T: Existem exercícios de confiança que ajudam também muito nas relações humanas e pessoais.

E: Então consideras que este tipo de grupo associativo promove aprendizagens?

T: Sim. Bastante. Estas pessoas em particular, talvez se fossem outras não promovessem tanto, mas...

E: Gostas do grupo porque é um grupo coeso, que partilha?

T: Exatamente.

E: E partilha só coisas desta área, da área do teatro ou achas que partilha também outras coisas? E isso é importante, ou não é?

T: Acho que também... Já chegamos muitas vezes a falar sobre literatura e sobre a música e pintura e sobre tudo. É muito bom, acho que também não há muita gente no café com quem falar sobre isto, não é?

E: Exatamente. É uma mais valia, não é, a esse nível? Pode-se discutir outros assuntos que, como tu dizes, nem em todos os lados, nem em todos os sítios se consegue partilhar. Então consideras estas aprendizagens todas elas importantes?

T: Sim.

E. Consequiste aperfeiçoar, disseste há um bocadinho, em ti algumas coisas, particularmente a voz, o saber estar em palco...

T: Exato.

E: Esse convívio com... O saber estar em grupo, saber estar com os outros. Alguma coisa mais?

T: Essencialmente.

E: E achas que o grupo foi aperfeiçoando alguma coisa em si? Foi melhorando?

T: Sim, sim, sem dúvida nenhuma.

E: Melhorando a sua forma de estar com os outros...

T: Não só a sua representação, o teatro em si, mas também as relações uns com os outros e a amizade em si. Tudo foi crescendo, não é?

E: E esta associação de teatro amador parece-te que presta um serviço social à freguesia, à terra?

T: Sim, creio que sim. Primeiro porque essa é a grande função do teatro. É pena é que passe despercebido a muita gente, não é? Porque nunca enchemos a sala.

E: Mas não é por falta de informação, é mais...

T: É um povo um bocado desinteressado. Mas (o teatro) tem sempre o seu papel intervencionista e qualquer pessoa que vá ao teatro caba de sair influenciado de alguma forma.

E: Dizias há um bocadinho que eras ator, uma das atividades que exerces na associação é ser ator. Que peças é que já fizeste? Em que peças é que participaste?

T: Ora, participei na escola secundária.

E: No grupo, de preferência no grupo.

T: Ok. No grupo fizemos várias sessões de poesia já, uma delas com um poeta luarense – Abel Vinha dos Santos.

E: Mas também já declamaste poesia tua?

T: Também. E “O Meu caso” de José Régio. Uma farsa deliciosa.

E: Eras o ator principal.

T: Exato. E depois “O Gebo e a Sombra” de Raúl Brandão.

E: Em que também eras, se não eras o principal, eras um dos principais.

T: Era o Gebo. A sombra, se calhar, era mais principal (risos).

E: Talvez, considerando a peça, não é? Queres dizer alguma particular em relação ao grupo?

T: Não, a não ser aproveitar para agradecer aqui a todos pelo que aprendi.

E: Faz uma avaliação crítica. Pontos fortes?

T: Pontos fortes neste grupo: primeiro, o facto de sermos todos amigos, mesmo antes já sabíamos quem era quem...

E: Mas criaram-se laços maiores...

T: Exatamente. Os laços reforçaram-se com isto. E depois o facto de sermos todos pessoas muito inteligentes, acho...

E: Muito obrigada pelo que me toca. Sim, mas compreendo-te...

T: E informadas e pessoas com quem dá para ter uma conversa...

E: Uma discussão, não é?

T: Acho que é por aí.

E: É uma grande aprendizagem. E ponto fracos?

T: Pontos fracos: não cobrar as cotas, há um ano.

E: Também tens culpas nisso.

T: Exatamente. Mas é a cabeça estar mais preocupada com o teatro em si do que com burocracias. As burocracias estão a resolver-se agora e...

E: Vão-se resolvendo...

T: Ao seu ritmo, não é?

E: Essencialmente isso. E quanto ao número de peças por ano?

T: Tivemos aí um ano – 2012 – em que não saiu peça nenhuma, mas também estávamos a trabalhar numa peça muito difícil “O gebo e a Sombra”; é muito profunda, muito dramática e tivemos que trabalhar bem isso.

E: E portanto o número de peças que estamos a lançar por ano, não achas que seja pouco?

T: Não, até porque somos poucos membros e cada um tem a sua vida, o seu trabalho. E as suas coisas para fazer...

E: O tempo que gastas na associação, é um tempo que roubas a outras atividades ou é um tempo que dispões?...

T: Não, é um tempo que dedico com todo o gosto.

E: Muito obrigada, Tino.

T: Obrigado eu.

7.^a entrevista 8m 45s

E: Olá, Lica. Vamos falar um bocadinho deste grupo associativo de teatro amador...

L: Vamos.

E: Do qual também faz parte...

L: Sim...

E: Gostaria que começasse primeiro por dizer o seu nome.

L: Helena (Lica) Pedras do Vale Cepa.

E: Qual é a sua idade, Lica?

L: 64. Vou fazer 64 anos este mês, no 26 de abril.

E: Muito bem, ainda é nova.

L: Relativamente.

E: É casada?

L: Sim.

E: E vive cá em Luar?

L: Sim.

E: E escolaridade?

L: 4.^a classe.

E: Estava a dizer que nasceu e viveu sempre em Luar.

L: Sempre em Luar.

E: Muito bem. E relativamente ao grupo associativo de teatro amador, que atividades é que exerce?

L: Canto, danço, faço...

E: Teatro?

L: Teatro, Revistas, tudo.

E: E há quanto tempo colabora nesta associação?

L: Tinha eu... catorze anos. A primeira canção que fui cantar foi “A Luarinha”, foi feita pelo Sr. Mário Belo, falecido, e o Nené Glória, falecido também, que fez este papel da luarinha precisamente para mim e o Inocência que também já faleceu. Foi em 68 mais ou menos; 67, 68.

E: Digamos que...

L: Tinha eu dezassete anos, na revista do Sr. Maia, na revista que o Sr. Maia fez.

E: E foi o início deste grupo de teatro amador...

L: Não, já houve um antes, muito antes de eu ter participado. Eu também já tinha iniciado outras Revistas, mas eram umas Revistas mais pequeninas que eram do caterpila.

E: Sim, sim, que era outro sr. que...

L: Outro sr. que foi para França, mas era da JOC. E depois então é que fui fazer Revista com o sr. José falecido Maia e onde fui cantar “A luarinha”, o “Luar antigo” com as saias pela cabeça, aquele tom (catarola) “Olhai, srs. e como Luar antigamente...”

E: Boa voz...

L: E fui cantar, então, e “Os pregões”. Depois daí, nunca parei até hoje.

E: Então digamos que este início, de jovem, foi o que a levou até hoje ainda a estar ligada...

L: Sim, até hoje. Adoro estar em palco, adoro cantar, adoro estar com o micro a cantar. Adoro, adoro, gosto muito.

E: É isso que a motiva a estar nesta associação?

L: É.

E: Nada mais? O convívio com as outras pessoas

L: Sim, conviver com as outras pessoas, ganhar amizades, novas amizades.

E: O que pensava obter quando veio para o grupo? Desde pequena? Essas amizades?...

L: Sim, sim, sempre gostei muito.

E: De poder estar em palco...

L: De estar em palco... É isso.

E: Ser prestável...

L: Sim, é isso.

E: Desenvolver a voz?

L: Sim, desenvolver a voz.

E: E que outras aprendizagens? Que aprendizagens é que tem feito? O estar em palco... Aprendeu a estar em palco?

L: Sim, aprendi a estar em palco, ver o público, ter...

E: Ter à vontade...

L: É isso mesmo.

E: E no grupo, sente que criou essas amizades de que falava há um bocadinho, e foi importante?

L: Muito importante.

E: Ainda hoje as mantém?

L: Ainda hoje as mantenho. São sempre as mesmas.

E: Que bem. E alguma vez esteve ligada a outra atividade, outro grupo associativo ou outro?

L: Estou na ginástica, na ginástica que é um dia por semana, à quarta feira.

E: E do coro da igreja também faz parte?

L: Faço parte do coro da igreja já há muitos anos. Da igreja já faço parte... Depois da Comunhão Solene, tinha eu 12 anos, fiz a Comunhão Solene, nunca mais parei de cantar, a não ser cinco anos que fui a França ou seis anos.

E: São estes convívios que lhe dão essa juventude toda!

L: Essa juventude, isso mesmo.

E: E considera o teatro importante?

L: Muito importante, muito importante.

E: Na sua vida e na vida das outras pessoas?

L: É a coisa mais importante. É pena realmente não se fazer mais porque Luar está um bocadinho parado...

E: Parado... Precisa de mais...

L: Mais atividade.

E: Mais atividade cultural, não é isso, essencialmente cultural?

L: É isso.

E: Esta associação desenvolve atividades nesse âmbito, não é?

L: É isso mesmo.

E: Teatro, Revista...

L: Teatro, Revista...

E: Dança...

L: É.

E: Poesia...

L: É sim, sr..

E: De que faz parte quando faz falta, não é assim?

L: Quando faz falta.

E: Quando é convocada, quando quer...

L: Pois claro.

E: E a nível pessoal que contributos é que este grupo lhe veio trazer, lhe desenvolveram? Que aprendizagens concretamente? Fale de si mesmo.

L: Não sei...

E: Vamos lá...

L: Diga, Belita.

E: Teve a oportunidade de conviver, já falamos.

L: Criar umas amizades.

E: As aprendizagens que fez foi a nível de posição de voz?

L: Isso mesmo.

E: E o estar em palco?

L: O estar em palco.

E: Então considera essas aprendizagens...

L: Muito importantes.

E: Muito bem. Conseguiu aperfeiçoar...

L: A voz.

E: A voz... E como pessoa, cresceu?

L: Sim, cresci.

E: Foi relevante?

L: Foi fundamental. Gosto muito, sempre gostei de participar nessas atividades.

E: Culturais?

L: Tudo, tudo.

E: Seja a cantar, seja a dançar...

L: Isso mesmo. Ainda este ano andámos nas Janeiras, o mês de janeiro todo.

E: Sempre em associação.

L: Sempre. Depois fomos cantar a Palmeira de Faro, foi um encontro de coros de janeiras. Foi muito importante.

E: Gosta do convívio?

L: Gosto, muito.

E: Sente-se mais jovem, mais presente, ajuda mais a sociedade.

L: Ajudo mais a sociedade, isso mesmo.

E: Então esta atividade...

L: Faço-me feliz a mim.

E: Ora. Muito bem. Estas atividade que o grupo vai desenvolvendo, parece-lhe que desenvolvem um serviço social?

L: Sim.

E: Em que medida? As pessoas gostam?

L: Gostam, as pessoas gostam e...

E: E precisam?

L: Precisam mesmo. E nos anos anteriores era sempre, quando se fazia alguma Revista era sempre em função de alguma coisa. Ou que fosse para ajudar os bombeiros ou o salão paroquial ou a Igreja ou o futebol. Já participei, já entrei em Revistas que foi para isso. Portanto, o que rendia, era para benemérito daquelas associações.

E: Além de que as pessoas também aprendem quando vão ao teatro?

L: Quando vão ao teatro... Isso mesmo.

E: Aprendem o que lá se passa, a mensagem?

L: Tudo.

E: E quando está no grupo a ensaiar também aprende?

L: Sim.

E: Com essas mensagens que vai transmitir...

L: Dos outros, muito bem.

E: Lica, vamos fazer uma avaliação crítica do grupo de teatro amador. Pontos fortes? Vamos lá pensar... Achas que é importante pelo convívio, achas que presta esse serviço social...

L: É importante pelo convívio e para... que me sinto feliz, sinto-me... Sei lá, com vinte anos quando estou em Revista, quando estou no palco, quando estou com o micro. Sinto-me outra pessoa.

E: Cresce, desenvolve...

L: Tudo.

E: Muito bem. E pontos fracos? Mais atividade, mais representação? Não é que esteja parado, mas tem sido só uma peça por ano...

L: É, tem sido muito pouca coisa.

E: E como disse há bocadinho, precisamos de mais.

L: De mais.

E: Para se motivarem?

L: Está um bocadinho paradinho.

E: Tristonho, não é? E há que animar...

L: E há que animar mais um bocadinho.

E: Muito bem, Lica. Gostei muito de falar consigo.

L: E eu também, Belita.

E: E como é que caracteriza este grupo? É um grupo dinâmico?

L: Dinâmico.

E: Jovem, só?

L: Mas também tem muita gente com muito boas ideias.

E: E idades?

L: Sim.

E: Mais uma vez muito obrigada, Lica.

L: Obrigada, eu, Belita. Tudo de bom.

8.^a entrevista 17m 40s

Eu: Olá, Mina.

M: Olá.

E: Vamos então falar da associação da nossa terra, a associação de teatro amador. Gostaria de começar por lhe perguntar a idade.

M: 60 anos.

E: Muito bem. E o nome completo, por favor.

M: Maria Hermínia do Monte Ferreira.

E: Está casada, é casada?

M: Sim, tenho dois filhos.

E: Estão os dois formados, sei que sim.

M: Sim.

E: E o que faz? Qual é a sua profissão?

M: Eu sou ajudante de Lar/Centro de dia.

E: Na Misericórdia...

M: Na Santa Casa da Misericórdia de Luar.

E: Vive em Luar?

M: Vivo em Luar, pois.

E: E fez que escolaridade?

M: Fiz a 4.^a classe e para mais tarde fiz o 9.^o ano de escolaridade. 6.^o e 9.^o.

E. De adulta, portanto?

M: Sim, nas Novas Oportunidades.

E: Certo. Em relação à associação de que estamos a falar: que atividade é que exerce nesta associação?

M: Um pouco de tudo. Portanto, solista, faço contradança, pronto, represento o que for programado para fazer.

E: O que o Lando disser que tem jeito para fazer...

M: Naturalmente. Ele escolhe.

E: Muito bem. E há quanto tempo colabora na associação?

M: Já desde 73. Ainda não havia esta associação já eu participava, antigamente, nos primeiros... desde os meus dezoito anos. E desde aí continuou-se

E: E esta associação vem de trás, desses outros grupos?

M: Sim, foi-se buscar esses apanhados dessa altura. E já muito antes de mim, muito antes.

E: Haa, então vem... É anterior?

M: Do tempo do sr. Ernestino Glória que eu nunca conheci.

E: Portanto já tem uma grande... O teatro em Luar tem uma grande tradição.

M: Ui, tem uma senhora lá no lar com 91 anos que já representava nessa altura. Que eu canto agora e ela lembra-se perfeitamente.

E: E já esteve ligada a outras atividades, a outras associações?

M: Não.

E: Não, só mesmo representação? Podia ter estado a alguma associação desportiva...

M: Não, não, que não tinha tempo para isso. Não é que não gostasse, mas não tinha disponibilidade.

E: Era essencialmente esta, não é? E porquê que... O que é que a motivou a associar-se a esta associação, a este grupo de teatro amador?

M: É o gostar de cantar, o gostar de cantar e depois participar. No tempo da juventude já havia as marchas, em 1970, andava eu com quinze anos.

E: Começou nas marchas...

M: Quando começaram as marchas em 1970, depois, a seguir, não é? Com doze anos já tinha visto um espetáculo. E apanhei muitas cantigas dessa altura. No tempo da Laia.

E: Também já foi entrevistada.

M: Lembro-me perfeitamente da Laia a cantar. Tinha eu doze anos. Depois, à noite, ao fazer o serão em casa, fazia os trapinhos com a minha irmã, fazia as cantigas aquelas com que eu fiquei no ouvido.

E: Digamos que se associou a este grupo por influência de...

M: Na altura, foram pedir ao meu pai para me deixar ir, que não deixava, o meu pai não deixava, claro. Aquilo para nós, para mim e para a minha irmã foi uma... Para nós sairmos...

E: Instante de liberdade.

M: Ora. À noite tinha que vir o nosso irmão connosco e depois acabou por participar também. tinha poucos rapazes e ele participou também. Vínhamos todos os dias. Aquilo para nós era a loucura porque nós queríamos entrar noutra mundo, noutra meio.

E: E o teatro permitia-lhe essa...

M: Depois nós vínhamos à noite e era a aquela convivência com colegas. Com colegas que eu já tinha de escola. Havia uma diferença, que éramos diferentes, temos que dizer que éramos diferentes, portanto, éramos mais acanhadas.

E: Está a referir-se às pessoas das Pedreiras (lugar de Luar)?

M: Sim, e não só das Pedreiras. Havia lá pessoas que tinham outra maneira de viver. Nós éramos... As pessoas aqui achavam que nós, por sermos... Por trabalharmos no campo, que éramos diferentes. E mesmo também, eu tenho dito e é verdade, nós não nos vestíamos como se vestiam aqui no centro.

E: Hã, que engraçado.

M: Nós começamos a usar calças quando entrámos, já em 74, porque fizemos um espetáculo que era “O Rifo” e tínhamos que levar calças. E depois arranjámos pessoas que tinham calças, não é, umas eram vermelhas, outras azuis, outras brancas, portanto, pretas e a camisola a contrastar e entrámos para fazer o número do “Rifo”. E aí, claro, nós sentíamos-nos bem com as calças. entregamos novamente as calças e foi aí que nós pedimos à minha mãe e a minha mãe, claro que nos estava a ver e achava que nos ficava tão bem como ficava às outras pessoas e eram quentinhas para inverno, e tudo, lá convenceu o meu pai a deixar-nos fazer calças, porque dizia que as calças eram só para os homens, não eram para as mulheres.

E: Então, nessa altura, o teatro, quer dizer, serviu para, de alguma maneira modernizarem-se e nesse convívio...

M: Associamo-nos mais à sociedade porque nós éramos... Estávamos ali naquele canto e não tínhamos aquela assiduidade de convívio com as nossas colegas, que é mesmo assim. Eu andei na escola aqui (centro) e não havia mais escolas e tínhamos as colegas: a Jacinta...

E: E depois foram-se separando devido à...

M: A Dr.^a Noémia, a D. Isabel, a mulher do Zé Maria, andámos juntas na escola, eu era colega delas de escola. E a gente encontrava-se lá. Era isso, nada mais nos associava. Elas, claro, foram estudar. Eu não fui porque o meu pai não deixou e, alaro...

E: Uma forma de continuar ligada às antigas colegas era associarem-se nestes meios culturais ligados ao teatro?

M: Viam-nos diferentes, as pessoas do centro já nos começaram a ver diferentes. Foi bom.

E: E o que pensa, ao continuar como está agora ainda associada, obter?

M: Olha, mais amizades, mais... Outros convívios. Faz parte. Nós tiramos aquele bocadinho, distrai-nos, fazemos uma coisa de que gostamos.

E: Fazer o que gosta que é muito importante.

M: Dá-nos alegria...

E: Enfrentar adversidades.

M: Ora. A vida, que é difícil e vamos esquecendo as coisas más que nos aparecem na vida.

E: Considera, portanto, o teatro importante na vida das pessoas?

M: Sim, muito.

E: De quem participa e de quem assiste.

E: Aprende...

M: Era bom aparecerem mais.

E: Mais pessoas.

M: Mais pessoas. Que nós até temos muitos talentos cá, dos novos, com boas vozes. Acho que devem acanhar-se, ter vergonha. Mas eu acho que devia de haver como no nosso tempo: fomos aquela geração daquelas idades...

E: Acha que se devia fazer nova captação?

M: Captação destas idades. Haver aquelas idades, não tão de mais idade. Haver de mais idade e um grupo mais novo que era para aqueles mais novos se sentirem mais à vontade.

E: E irem aprendendo com os mais velhos também. Digamos que é o ponto fraco da associação é ter menos gente nova? E mais, não é antiga, mas...

M: Eles vontade têm de ter os novos...

E: É uma questão de captação. Digamos que o grupo tem que fazer uma boa captação, e com sentido para que o jovem participe.

M: Para ver se eles querem participar. O que se vê é que as universidades também prendem muito tempo. Antigamente não havia as universidades, que as pessoas não iam estudar como agora têm...

E: Os estudos prendem as pessoas...

M: Têm que estudar. Parece que não, mas tira um bocadinho... A pessoa que seja interessada no estudo e que goste de representar, dá tempo para tudo.

E: Arranja sempre... Parece-me que... Concordo com o que disse. A participação neste grupo permitiu-lhe fazer aprendizagens?

M: Sim, muitas. Por exemplo, vai-se aprendendo umas com as outras.

E: E só a nível do que faz dentro do grupo ou?...

M: No global.

E: Portanto, em conversa umas com as outras, uns com os outros, aprendem sempre além da dança, do canto, da representação, outras coisas também, a nível individual enriquece-se.

M: Muito.

E: E a nível coletivo, acha que é um grupo unido, que também aprende?

M: Aprende. E estão interessadas e gostam de participar e que até é um engradecimento até para a terra.

E: Digamos que este grupo, esta associação presta um serviço social, então?

M: Sim. Acho que nunca disseram que não e estão sempre a pedir. Estão sempre prontos.

E: Parece-lhe que conseguiu aperfeiçoar alguma coisa em si?

M: Muito.

E: Além da voz. Como pessoa...

M: Mesmo agora, eu acho que localizo (coloco) mais a voz do que antigamente. Consigo.

E: Faz essa aprendizagem no grupo.

M: Vocal. Acho que se faz essa aprendizagem. E cada vez vai-se a prendendo cada vez mais. Embora agora a voz não tem a força que tinha naquele tempo.

E: Mas continua a fazer essa aprendizagem de posicionar a voz. E o grupo também aperfeiçoou ao longo dos tempos?

M: Ao longo dos tempos, vai aperfeiçoando, umas mais que outras, mas cada um tem a sua capacidade; umas têm uma capacidade, outras têm outra, mas é normal, que nós não somos todas iguais.

E: E consegue falar de alguma experiência além daquilo que faz na realidade na associação, alguma experiência que teve de âmbito extra-associação? Se aprendeu alguma coisa diferente daquilo que faz mesmo no grupo?

M: Quer-se dizer, aprende-se sempre, para a gente conseguir lidar com as coisas da vida, conciliar os nossos trabalhos em casa, conciliar o ensaio, conciliar outras modalidades. Temos que preparar tudo e dá-nos tempo para tudo.

E: Querendo, gostando.

M: O trabalho, tudo. No seu sítio certo, dá...

E: Vamos fazer uma avaliação crítica. Já falamos de pontos fracos. Digamos que a questão de haver menos jovens, temos um núcleo duro de pessoas entre os 40 e muitos e os 60, mas... Falando de pontos fortes. Que avaliação faz do grupo?

M: A avaliação que eu faço é a seguinte: é que umas têm um ponto mais forte do que outras, muitas vezes a própria saúde o permite e mesmo há pessoas que vão abaixo um pouco, perdem a vontade de se expandir mais. Eu acho que a pessoa se se expandisse mais e tivesse mais vontade... Às vezes há pessoas que não têm aquela força, vão abaixo, dizem “Eu não consigo” e conseguem.

E: É preciso um trabalho bastante moroso para conseguir...

M: Tirar força de vontade e com a ajuda dos outros tudo se resolve. mas muitas vezes deita-se assim para baixo, mas tem que se deitar para cima.

E: O grupo em si ajuda, como uma família? Ajudam-se, interajudam-se.

M: E depois conversa-se um bocadinho, parece que dá outro ânimo. Aquele bocadinho que se vai e se conversa, parece que já... Uma diz isto, outra diz aquilo. Só naquele bocadinho dá uma vontade de ao oiutro dia ter outro ensaio.

E. Exatamente.

M: Estas coisas são assim. E sai-se da rotina do trabalho e da vida de casa.

E: O que é muito importante.

M: Areja-se a cabeça, e é assim que se tem que fazer..

E: Muito obrigada pelas suas palavras.

M: Sempre ao dispor. Foi um prazer.

E: Muito obrigada, Mina.

M: Gosto e faço votos que isto continue a ir mais longe, com mais mocidade nova, porque faz falta a mocidade nova dar o seu contributo, mostrar o seu talento, que temos muitos talentos que muitas vezes sentem-se acanhados e querem participar...

E: E é também uma forma do jovem estar em grupo, em companhia, a partilhar, sem fazer coisas que serão menos benéficas para eles e para a sociedade.

M: Fugindo dos jogos, o que é muito importante. Os jogos que dão cabo da cabeça.

E: De computador, não é?

M: Isso (associativismo) costuma-se dizer que é uma terapia. É uma terapia. Aprender as letras, depois o ensaio, o tom da música, tudo isso, a pessoa vai começando a gostar e vai ganhando vontade. No nosso tempo era assim, a gente apontava a letra hoje, amanhã, vou dizer por mim, amanhã já sabia a letra, a letra na cabeça. Já não olhava para o papel. É a tal vontade. Umas já não aprendiam tão depressa, aí está.

E: Era um momento de partilha com os outros, de descanso, davam o seu melhor exatamente para conseguir ter...

M: Concerteza hoje já não tenho tanta facilidade de memória de poder encaixar algumas coisas assim tão rápido.

E: No entanto, quando é chamada, vai logo.

M: Mas quando tenho de encaixar alguma coisa, faço o esforço. Mas sinto que agora é diferente.

E: Diferente, mas não desiste?

M: Não, não. E ainda escrevo nas mãos.

E: Muito bem, para fixar melhor. É sempre uma forma de estar sempre ativa.

M: Ora. Ativa. Que tudo nos faz falta. Costuma-se dizer que parar é morrer. O que é bom para nós, é bom para todos.

E: Maria, obrigada mais uma vez.

M: Tudo de bom para vocês e para todos que tudo é bom.

E: Muito obrigada.

9.^a entrevista 12m 1s

E: Olá, Igor. Vamos falar um bocadinho da associação de teatro amador aqui da nossa terra, de Luar? Gostava primeiro que me disseses o teu nome completo, a idade, estado civil.

I: Sou Igor Mendes. Tenho 31 anos e sou solteiro.

E: Profissão?

I: Neste momento não tenho.

E: Estás no desemprego?

I: Também já não estou no desemprego, porque é assim...

E: Digamos que estás à espera de uma oportunidade?...

I: Já nem estou. Nós (ele e a namorada vão emigrar dentro de um mês) já assinamos o contrato de formação. Fomos à Alemanha fazer isso. Mas também não tenho emprego. Vou agora tirar um curso de três anos e meio.

E: E que grau de escolaridade? Fizeste uma formação superior?

I: A mim faltam-me duas cadeiras para acabar a licenciatura, mas não está acabado, para todos os efeitos tenho o 12.º segundo.

E: E a formação é em quê?

I: Em Gestão de Recursos Humanos.

E: Gestão de Recursos Humanos. Vives cá em Fão, portanto, não é? É uma das coisas também que te leva a estares associado a esta associação, seres da terra, não é? E na associação, que atividade é que tu exerces?

I: Encenador.

E: Encenador. E há quanto tempo é que colaboras? Dois, três anos?

I: É, sim, dois, três anos.

E: E antes desta associação, ou mesmo agora, está ligado a alguma atividade de índole cultural, desportiva ou de outra natureza?

I: Sim, eu estive ligado... Não gosto muito desta palavra ligado... Sempre estive ligado à música, e portanto continuo a produzir música eletrónica. Também estive no Conservatório. Cheguei a ter bandas, a tocar guitarra.

E: Mas em termos de associação?

I: Não.

E: Não, propriamente. Mas grupos?

I: Joguei futebol federado, toda a minha infância, e era em associações.

E: E ainda hoje jogas, num grupo...?

I: Com amigos.

E: Ok. Digamos que estás ligado a atividades de índole cultural, e até desportiva, mas não um grupo (associativo), concretamente.

E: E particularmente a esta associação de teatro amador, o que te motivou a associar-te?

I: O teatro.

E: O teatro em si: porque na realidade a associação faz (também) outras coisas... Mas o teatro em si. E o teatro... Parece-te que presta um serviço social?

I: Social?

E: Sim, através das atividades que desenvolve...

I: Sim, percebo a pergunta, mas tenho muitas dúvidas que o teatro tenha essa função. Seria um bocado mutilador para o teatro ter... O teatro deve ter funções artísticas. Sociais é se as pessoas quiserem, mas isso está mais nas mãos das pessoas do que no teatro. Na minha opinião...

E: Mas as pessoas querendo participar, querendo ir assistir, estão, de alguma maneira...

I: Estão imbuídas num ambiente artístico, que é assim mesmo, é formador. Mas dizer que é formador socialmente não sei. Terias primeiro que definir o que é que socialmente queria dizer, porque é muito complicado... Prefiro dizer que o teatro tem um ambiente artístico e as

peessoas ficam imbuídas nesse ambiente e isso acaba por as transformar, mais ou menos, dependendo das pessoas, mas... É isso. Elas verem-se de uma forma diferente, serem um espelho diferente. Que é isso, não é?

E: E essa transformação consideras que seja uma aprendizagem?

I: Claro. Aliás, nós tivemos no grupo exemplos gritantes. Pessoas que eram muito tímidas, como as gémeas, pessoas muito encismadas, e que no fim, depois de estarem connosco, estavam muito diferentes, mesmo. As pessoas que as conheciam notaram uma transformação.

E: Sofreram transformação. Sem dúvida.

I: Em termos de relacionamento humano, fundamentalmente.

E: E tu, particularmente? Fizeste aprendizagens? Sentes que...

I: Sim, claro.

E: A nível de relações humanas?

I: Sim, também. Eu, antes disso, para começar a fazer a encenação tive que pesquisar um bocado, de uma forma autodidata, tentar colecionar algumas ferramentas que me ajudassem para além da minha intuição. Li o manual de encenação, não me estou a lembrar do nome do escritor, Mas um manual muito...

E: Como autodidata, fizeste leitura...

I: Eu li, isso ajudou-me imenso a perceber a metodologia, a perceber a os timings...

E: Para a encenação?

I: Sim.

E: Desconhecia que tivesses feito tanto, mas senti que havia um qualquer trabalho... pelo menos uma...

I: Sim. Não passei noites... mas portanto, fiz o meu trabalho. Não ia para lá só com a minha intuição.

E: E tudo gratuitamente?

I: Sim. Quer dizer, nada é gratuito. Eu dei, recebi, é por aí... sem dinheiro envolvido.

E: Portanto, o teatro é relevante de alguma maneira na vida das pessoas? Porque, não querendo as pessoas envolvidas nele, obter nada especificamente, conseguem sempre...

I: Claro, como em qualquer atividade, não é? Mas no caso do teatro, especificamente, é quase impossível. Estando envolvido, recebe-se sempre. Recebe-se sempre, porque entra-se num imaginário diferente; quer dizer, psicologicamente há coisas que se passam e não se passam dessa forma no teatro senão não tinham interesse nenhum. É isso que faz o teatro especial - o facto de se estar meses e meses a preparar duas horas de espetáculo. E não é como um filme, ou uma montagem, onde faz, cola-se, recola-se. Não. O que acontece, acontece num tempo real, e isso é muito interessante. Numa época tão multimédia e tão pouco tempo real, apesar das pessoas acharem que se passa tudo em tempo real, o teatro é verdadeiramente em tempo real. O que é estranho, porque é analógico, não é digital, mas é em tempo real.

E: Digamos que já falaste de contributos pessoais, a nível pessoal, que obtiveste. Portanto, essa aprendizagem, essa relação, até essa formação autodidática que tu fizeste... E se falássemos atividades desenvolvidas nesta associação? Temos o teatro, certo?

I: Eu só estive envolvido no teatro, não posso falar daquilo que... Eu não estive muito envolvido com a associação em termos de associação, é mais encenação de teatro, ponto. Era o meu caso. E isso fez-me envolver com todas as pessoas; pelo menos todas pessoas que estavam relacionadas com o teatro em si: os atores, as pessoas que vieram colaborar na encenação, como o Tino, ou na caracterização, como o João, o namorado da Joana. E é importante, porque isso depois traz outras pessoas com outros *know hows*, outros conhecimentos e isso é sempre bom.

Eu: Repetindo: a participação nesta associação de teatro amador promove-te aprendizagens. Concretiza melhor, talvez seja...

I: Que tipo de aprendizagens?

E: E caracteriza-as.

I: Como assim? Caracteriza-as em que...?

E: Fizeste aprendizagens, certo?

I: Sim, eu sinto que sou uma pessoa mais crescida. É complicado dizer nisto ou naquilo, mas fiz. Fez-me amadurecer. Fez-me lidar com pessoas de faixas etárias completamente diferentes, principalmente as mais novas, gerações diferentes, e isso é sempre... E tinha uma posição, ainda que seja teatro amador, de liderança, quer dizer, elas faziam aquilo que eu lhes pedia, portanto é sempre um desafio imenso.

E: Conseguiu aperfeiçoar algo em ti?

I: Eu acho que sim, eu acho que... pelo menos consegui ver algo em mim que não teria visto se não tivesse feito teatro.

E: Se não tivesses tido esta oportunidade?

I: Que é exatamente o que acontece com os atores. Eles veem-se em posições que não se veriam, se não fosse o teatro. É isso que se espera, faz com que essas pessoas cresçam e sejam mais do que antes de entrar no teatro.

E: Então o grupo também aprendeu, também se aperfeiçoou, não é assim?

I: Sim, o grupo é muito diferente no início do que é agora.

E: Quando acaba uma peça ou as várias peças, não é?

I: Sim.

E: E se te pedisse uma avaliação crítica deste grupo? Pontos fortes, por exemplo?

I: Os pontos fortes eram as pessoas do próprio grupo. Não era a estrutura, não era o que se passa à nossa volta, porque isso é um ponto fraco imenso. O único ponto forte eram as pessoas e os seus interesses, como sempre. Porque em termos estrutural é tudo muito fraco aqui, muito ténue, muito rarefeito...

E: Porque isto é uma vila?

I: Não, o país inteiro. E por maioria de razão, o norte do país. Aliás, fora dos grandes centros do porto e de Lisboa, passa-se muito pouco. É simplesmente assim.

E: Pontos fracos?

I: Os pontos fracos... Quer dizer não podemos dissociar do que se passa no país, não é? E o teatro, como todas as atividades, implica custos; e numa altura em que toda a gente só fala em dinheiro, só fala em... Não é que na altura das vacas gordas, nos anos noventa, houvesse muito teatro, não havia; quer dizer, o povo português não é um povo culturalmente muito evoluído, nem prevejo que o vá ser nos próximos tempos, enquanto as prioridades das pessoas forem associações desportivas, associações disto e daquilo e o teatro for visto, lá está... Aqui em Portugal, quando se fala em teatro amador é quase como teatro de segunda, é um conceito que, por exemplo, no estrangeiro não se fala muito, teatro é teatro. Muitas vezes é amador e eles não fazem questão de o dizer. Fazem teatro. Aqui existe o teatro subsidiado e o teatro amador.

E: Exato. Relativamente a esta associação, ainda, queres dizer alguma coisa em particular, daquilo que aprendeste, mais uma vez, daquilo que o grupo te deu, daquilo que o grupo é?

I: O grupo mostra, permite sempre mostrar que as pessoas têm mais talentos do que aquilo que a maior parte das vezes não imaginam. E isso é geral.

E: E portanto para formação, para o desenvolvimento...

I: Para o desenvolvimento pessoal. Quer dizer, em termos de grupo, é complicado, porque as coisas acabam por se espalhar, as pessoas depois acabam por seguir percursos diferentes. O teatro amador é mesmo assim. As pessoas circulam. Se a estrutura se mantiver minimamente coesa, acredito que, com mais ou menos dificuldades, continuem.

E: Vai ser um bocadinho difícil. Tu vais-te embora, a Carina vai embora. A Joana já foi (emigraram ou vão emigrar). Os grandes mentores...

I: E olhando para a terra, para aquilo que ela tem, sendo realista, não vejo grande futuro. Até porque o Tino é um bocado preguiçoso, tem uma metodologia... Apesar de ter muito talento.

E: Mas pode ser que o teatro em si, uma peça, possa desenvolver... Vamos ser um bocadinho mais positivos.

I: Sim. Estava a tentar ser realista. Provavelmente vai ser absovido por tendências tipo Revista e coisas assim que não tem interesse nenhum, pelo menos para mim.

E: Certo. Fazes a distinção...

I: Até certo ponto esta associação só fazia Revista, só fez teatro connosco.

E: Exatamente. Fizemos, portanto, “O Meu Caso”, fez “O Gebo e a Sombra” e depois também fizemos sessões de poesia. Igor, muito obrigada pela tua disponibilidade.

I: Nada, obrigada eu e boa sorte.

E: Obrigada.

Apêndice 4 – Quadro das entrevistas por categorias

Categorias	Entrevista 1	Entrevista 2
Perfil sócio-profissional	<p>“57 anos. Casada, tenho dois filhos, já adultos, claro, já estão independentes. Reformada. Luar, certo Aqui na Sta Bárbara, precisamente, em frente ao infantário. Eu tenha a 6.^a... Não, agora tenho o 9.^o ano das Novas Oportunidades. Fiz a 6.^a classe do primário, antigamente, e com o desemprego deram-me a oportunidade de eu conseguir ter o 9.^o ano.</p>	<p>65. Reformada da hotelaria. 4.^o.</p>
Percurso na associação	<p>Olha, canto, danço, adoro dançar quando é “As peixeirinhas” com a gamelinha à cabeça... Eu já estou lá desde que a Gata... Entrevistadora: Se fundou?</p>	<p>Canto Quando faz falta, quando faz falta, canto e danço. Desde que ela existe. Sim, um bom par de anos.</p>
Experiências anteriores	<p>Nas marchas de Luar, sempre, desde os meus doze anos que ando, quando há. Mas antes disso havia uma rusga. Nós íamos atuar fora da terra, a várias terras. Era a rusga de Luar, cantávamos, dançávamos, era tipo os “Sargaceiros”, era assim, e então eu desde os catorze anos... Até casar andei na rusga, até que acabou. Fui diretora do Futebol Clube de Luar dois anos. Desde... 2002 e 2003. Adorei</p>	<p>Desportiva, não, mas sempre a cantar. Marchas, marchas, Revista, tudo o que se faz em cima do palco, nas ruas, eu colaboro. Para mim é importante, é o que me dá vida.</p>
Motivações, interesses e objetivos	<p>Olha, à uma, encontramos pessoas e umas dizem a outras. Tem uma amiga que vai, (e diz) anda porque até vais gostar, e depois outra, outra... E eu quando cheguei lá, achei que o grupinho dizia comigo. Então continuo ali. Chegar lá e gostar de quem encontro à minha volta, pessoas que, uma ou outra vai nos deixando, vai morrendo, e eu sentir que de uma certa maneira eu vou dar o meu contributo ao público. Que eu estou no palco e olho para eles (público). E aquelas palminhas e aquele olhar nos olhos de sentir as nossas pecinhas, sim, nós cantamos, e... Representar e eles, pronto, gostarem. Eu gosto de sentir o que o nosso público...</p>	<p>É que toda a gente esteja bem, para que não haja tristeza, para que haja alegria, e para elevar a terra. Principalmente a mim. Pessoalmente, eu estou bem. Esqueço as doenças, esqueço tudo. P a r a b e m d a t e r r a , m a s principalmente para mim. O meu bem estar. O meu cérebro, eu esqueço as tristezas, esqueço tudo o que passei na vida, quando estou a cantar ou quando estou a fazer alguma coisa em prol de alguma coisa ou alguém.</p>

Perceções e opiniões	Claro, acho que sim. Todos os dias, a nossa vida é uma representação...	Sim, sim, faz muita falta, como comer.
Tipo de atividades educativas	Revista, teatro, poesia	O teatro, a poesia.
Contributos	<p>A nível pessoal é mais o convívio, porque nós não vamos lá usufruir de nada, pelo contrário, eu ainda gasto dinheiro para andar lá, não é? Porque nós somos vaidosas, gostamos que as pessoas olhem para nós com os trajezinhos a brilhar, não é? A dar assim um brilhaquinho e é isso.</p> <p>Olha, é saber estar, porque muitas das vezes a gente pensa que subir a um palco é fácil, mas não, há aquele nervosismo porque estamos em contacto com o público. Isto quando é a abrir a peça, isto é dar de nós... O teatro, a Revista e a poesia</p>	<p>Ai, aprendo, então aprende-se, aprende-se principalmente a conviver com os outros, a respeitar os outros.</p> <p>Sim, sim. Aprendo coisas que não sei e ensino coisas que sei.</p> <p>Ensino...</p> <p>Nas convivências, “não deve ser assim, faz-se assim. Para a minha ideia é assim. Não é assim”. Os mais jovens aprendem.</p> <p>Eu aprendo também, sim, senhora.</p> <p>De fora, sim senhora.</p> <p>Sempre (positivas), que (porque) eu comunico com jovens e com toda a gente.</p> <p>Entrevistadora: Isso ajuda a rejuvenescer...</p> <p>Sim, sim. Para mim é, para mim é.</p>

<p>Efeitos educativos</p>	<p>Nós vamos sempre buscar. Já há muito tempo que muitas vezes o ensaiador diz “é porque esta (canção) já cantou uma senhora que já morreu há vários anos” ou o Sr. Mais que foi uma referência na nossa terra e vamos sempre recordar aquele bocadinho que ele arranjou. Foi através dele que nós entrámos na Revista...</p> <p>Muitas das vezes, de como é que vamos fazer a contradança, quando é na Revista que fazemos aquele bailinho das varinas ou da ceifeira. Somos nós que dizemos “olha, assim talvez ficasse melhor”, muitas das vezes também temos que nos basear ao palco, por causa do tamanho dele. Já me aconteceu eu querer estar mais um bocadinho e estar a incomodar a minha colega que ela estava sem se poder mexer.</p> <p>Sim, estamos sempre a aprender entre todas, umas com as outras...</p> <p>Sem dúvida que sim.</p> <p>Talvez o que eu aprendi, em mim, foi sentir-me mais liberta, libertar-me mais e o convívio com as colegas também...</p> <p>Ai então eu que... As colegas estão sempre a dizer: “Ai a Elisa entrou, até que enfim, porque ela vai nos fazer-nos uma roupinha especial, dar umas dicas dacolá e tal...” E eu estou sempre em ação.</p>	<p>Quem me dera seguir mais.</p> <p>Entrevistadora: Além de poderes também aperfeiçoar a voz...</p> <p>Sim, sim.</p> <p>Entrevistadora: É importante essa partilha?</p> <p>Sim.</p>
<p>Impacto na comunidade</p>	<p>Claro que sim. As pessoas estão sempre a dizer: “Ai não vêm, não sai nada este ano? Ou vai sair.</p> <p>Anima, sem dúvida que anima. Ainda mais isto é verdade o que vou dizer, muitas vezes elas diziam: “Via muitas vezes a mesma coisa que não me cansava!”.</p> <p>Estão a prestar um serviço social. E as pessoas dizem: “Sim, senhora,, venho as vezes que for preciso porque adoro ver”.</p>	<p>Sim, o povo de Luar está habituado a isto.</p> <p>O que o povo de Luar quer é teatro e revistas e música, porque toda a vida viveu assim. Toda a vida Fão viveu de...</p> <p>Faz parte da cultura da nossa terra</p> <p>Tudo, para criticar, para aprender, para tudo, para rir, para tudo.</p>

<p>Avaliação crítica</p>	<p>Coisas positivas tem sempre porque: há uma, o grupo em si é uma família.</p> <p>Quando nós vamos para um ensaio e o grupo aparece, mais uma e outra, aquilo é como mais uma irmã que chegou e isto para mim é positivo. Quando falha alguma que por vezes está doente ou assim já ficamos tristes.</p> <p>Eu acho positivo parte de nós irmos ao ensaio, à noite, muitas vezes com sacrificio, não é? Há dias em que está frio, não apetece sair de casa, mas temos um ensaio e por vezes preocupamo-nos porque é que a minha amiga não veio. E depois já vamos dar a voltinha e bater à porta da amiga e perguntar como é, (dizer) estás em falta, e pronto, percebemos o que isto traz de bom.</p> <p>Os pontos fracos talvez faltas de ajuda, de apoios financeiros porque nós devemos embelezar mais a nossa cultura, não é? Claro que nós somos amadores, vamos por amor à camisola, mas se houvesse uns apoiozinhos, talvez fizessemos melhores cenários, melhorássemos o palco, até as próprias roupinhas que muitas vezes estamos a reciclar uma saia já muito antiga. É nessa parte que eu acho que deveria melhorar.</p> <p>Devia ser mais, mais (atividades). É pouquinho.</p>	<p>Sim, sim. E faz falta, faz muita falta. Não deve acabar, não deve, nada deve acabar na terra, que é tudo para bem da terra e se houvesse mais, melhor.</p> <p>Acho que se faz poucas coisas. Devia-se fazer mais.</p> <p>Acho que se devia fazer mais.</p>
--------------------------	--	---

Categorias	Entrevista 3	Entrevista 4
Perfil socio-profissional	<p>Chamo-me joana. Tenho 60 anos.</p> <p>Sou casada, tenho dois filhos, dois netos.</p> <p>Aposentada. Neste momento estou aposentada.</p> <p>Entrevistada: Vives aqui em Luar.</p> <p>Sim. Na rua do Ramalhão, 22. 12.º ano.</p> <p>Sim, primeiro fiz 6.º ano, já tinha dezanove anos, depois, mais tarde, para aí aos quarenta e tal fiz o nono ano e, depois, aos cinquenta e qualquer coisa fiz o 12.º.</p>	<p>Eu sou Lando. Filho de... pessoas humildes. O meu pai era pedreiro, trabalhava na construção civil, assim como eu trabalhei toda a minha vida. E a minha mãe era doméstica, portanto, sou filho de pessoas humildes.</p> <p>Trabalhadores... tenho 63 anos. Trabalhei praticamente 53 anos.</p> <p>Ainda me encontro de baixa. Estou no ativo, estou de baixa porque meti uma próteses no joelho e de forma que, pronto, ainda estou a aguardar os tempos: se irei para a reforma ou se continuarei a trabalhar que possivelmente isso não será, não deve ser verdade.</p> <p>Na terra.</p>

<p>Percurso na associação</p>	<p>Portanto faço parte do elenco e faço parte do coro. Exatamente. Um bocadinho de tudo. Há muito tempo, há vários anos.</p>	<p>Estive sempre colocado em coisas culturais, em tudo que se diz da terra. Na terra, tudo o que for preciso a gente está sempre à altura. Fui jogador de futebol, na terra, também. joguei muitos anos aqui no Luar. E depois também tivemos uma experiência muito bonita que foi a JOC dos meus tempos ainda de adolescente, até aos meus vinte anos. Estive inserido na JOC que era a Juventude Operária Católica onde aprendemos muito que praticamente foi... Foi uma formação. Isto ao nível de teatro, a nível de encontros. Todos os domingos a gente se encontrava, fazíamos reuniões pastorais; praticamente aquilo era... Estávamos inseridos em coisas religiosas e, ao mesmo tempo, formámo-nos homens a conversar uns com os outros, homens e mulheres. Fazíamos teatro, jogávamos ping-pong, ouvíamos rádio, os desafios de futebol que, na altura, era muito engraçado, que não havia televisão...</p> <p>já vem de longa data. Na JOC foi praticamente onde a gente começou porque fazíamos aquelas revistas e teatros amadores em que participava muita gente, as pessoas adreiam muito, iam lá ouvir e ver-nos. E depois mais tarde, começou praticamente aquele teatro mais profissional. Era o Zé Maia que apresentava e nós saíamos da JOC e entrávamos logo nessa parte que já era mais profissional. Aquilo era, era um estágio, era ali onde a gente começava a aprender, aprendia e depois entrávamos no mundo da revista fangueira.</p> <p>Desta associação eu sou dos alicerces. Fui eu, mais o amigo, um amigo. Posso dizer</p>
-------------------------------	--	--

Experiências anteriores	<p>Sim, já estive. Estiveste, portanto, ligada a este grupo e ao anterior, é isso? Exato. Concerteza.</p>	<p>Cooperativa cultural, sou Juíz das Almas. Faço parte... Aqui em Luar, é tudo, ensaiador de marchas...</p>
<p>Motivações, interesses e objetivos</p>	<p>Porque é uma coisa que eu gosto e sinto-me bem e sempre gostei deste tipo de revista, canção e... Atividade, pronto, não sei se as marchas também faz parte?... Tudo isso, na altura, eu... Portanto, ainda neste momento ainda participo.</p> <p>Tento dar o melhor e, pronto, e fazer o meu melhor possível.</p> <p>Capacidades.</p>	<p>É o gosto que tenho por estas coisas, não é? Além do mais, como mais velho, tendo mais novos ao lado deles, eles sentem-se mais à vontade, não é, sentem-se mais à vontade comigo a fazer seja o que for porque eles ao meu lado estão mais à vontade a fazer qualquer coisas que seja.</p> <p>Entrevistadora: sentem-te como um mestre...</p> <p>Exatamente, como uma espécie disso, vá. Não me quero engrandecer assim tanto, mas pronto, se é esse nome que se dá, aceito.</p> <p>Ganho experiência, ganho, por exemplo... No dia a dia, a gente ao fim do dia de trabalho vai para o sítio onde vamos fazer o ensaio, aí todos a conversar, todos a ensaiar, faz esquecer os momentos que a gente passou durante o dia de trabalho e praticamente é um desabafo, é, enfim...</p> <p>É, é uma forma de a gente passar um tempo bom e esquecer se calhar os maus, algum bocado que passasse durante o dia e o cansaço que a gente ali não se cansa</p>

<p>Perceções e opiniões</p>	<p>Eu acho que sim. Acho que sim. Sim, aprendem e é uma maneira também das pessoas passarem o tempo e se divertirem um bocadinho. Sim, favorece e as pessoas, em princípio gostam também deste tipo de convívio e também convivo e também Luar, como é uma terra de tradição, e gosta muito deste tipo de eventos convinha que nunca acabasse, que é uma coisa que, enfim, que as pessoas gostam.</p> <p>Claro, sim. Claro. Aprende-se muito. Desenvolvo a nível de tudo, a nível de capacidade, vital... porque a idade... (risos) é chato!</p>	<p>Muita importância. Se calhar o teatro é das coisas mais fabulosas que podem existir ao cimo da terra. Além de se aprender, a gente ganha uma forma de estar juntamente com a sociedade, a prende a conversar com uns e com outros. Isto porque se a gente não sair do buraco e se enfiar em casa, a gente chega cá fora e nem sabe conversar com as pessoas. E é uma parte de cidadania, não é? Que a gente desenvolve. Mesmo para o cérebro, para nós próprios, a gente sente-se muito melhor. O teatro é talvez a parte cultural mais forte que existe.</p>
<p>Tipo de atividades educativas</p>		<p>Teatro, tudo. Nós antigamente fazíamos muita Comédia, aqui em Luar. Aqui em Luar há... ainda há pouco tempo assisti, aqui em Luar, a uma comédia que se chamava... Uma comédia feita pelo povo fagueiro, pelo grupo. Era tudo comédia. Portanto, há grupos que se adaptam mais à comédia, há outros que se adaptam mais à Revista. Uns com mais jeito para umas coisas outros para outras.</p>

<p>Contributos</p>	<p>Eu, neste momento, gostaria que houvesse mais, mais Revistas, mais teatro porque há pouca coisa. E as pessoas, principalmente os emigrantes, no verão, adoravam ver esse tipo de evento. E já não é a primeira vez que pedem, não é'... E geralmente não acontece nada... Porque, claro, eles estão longe e chegam cá e gostam também de reviver o passado, não é? E eu também gosto.</p> <p>Ativa</p>	<p>A experiência, o convívio, essa parte é a parte mais... A parte melhor, uma parte muito forte para a gente ficar aliviada, para a gente aprender e ensinar os outros, os mais novos que vêm. Sentimo-nos mais à vontade de estarmos num meio de qual for a sociedade, não interessa que seja rico, seja pobre, seja engenheiro, seja... Para estarmos à vontade, na frente seja de quem for.</p> <p>Também, toda a gente aprende, ali toda a gente aprende. A gente... O que nós aprendemos, ensinamos naquilo que for preciso e nós também estamos a aprender precisamente com aquelas pessoas porque os mais novos trazem-nos ideias completas. Ao mesmo tempo eles estão a aprender, nós estamos a aprender e, no fundo, aprendemos todos. É uma partilha entre todos. Faz parte da vida.</p>
--------------------	---	---

<p>Efeitos educativos</p>	<p>Exato. A dança Porque isso tudo faz bem, pronto.</p> <p>Eu acho que é importante, portanto, as pessoas se unam como se costumam unir e partilhar também, não é? E pronto...</p> <p>Geralmente é mais (partilha de coisas) do teatro, mas também se conversa outras coisas.</p> <p>São positivas. Entrevistadora: Achas então, já falamos há um bocadinho, achas que consegues aperfeiçoar em ti, na associação, esta associação consegue aperfeiçoar características. Sim, concerteza, a voz, o gosto.</p> <p>Em todas as apresentações temos uma roupa diferente, combinamos as coisas para que, pronto... Exatamente. E que as pessoas também gostem</p> <p>Sinto-me bem, não... Não, nada. Exatamente. Esquecesse-se tudo, estou a ali a viver aquilo e... até ao fim. Faz muito bem, faz muito bem, mesmo.</p>	<p>Muito. A minha vida foi toda aperfeiçoada mesmo para educação dos filhos, para tudo. A gente... Convivendo. Os nossos filhos, vendo que estamos numa sociedade e a convivermos uns com os outros, eles praticamente seguem os mesmos passos. Eles vão junto, conosco. A serem... Instruam-se, a estarem, a saberem estar no meio da sociedade. Enfim, é uma aprendizagem para toda a gente. Isso, teatro é das coisas mais importantes que existe no mundo. Acho. Ganha. Aliás, esta freguesia de Luar é uma freguesia que aprendeu muito com as revistas fangueiras, com o teatro fangueiro. Os antigos iam de propósito ao Porto e a Lisboa verem revistas, traziam-nas gravadas e, depois, em Luar... Traziam as músicas, as letras das revistas e passavam a letra para as revistas de Luar, falando de tudo o que se passava em Luar.</p> <p>E aprendi muito. Isto é um ensino, é praticamente a parte básica para a gente, durante a nossa vida estarmos metidos nestas associações de teatro, de... Tudo.</p>
---------------------------	---	---

<p>Impacto na comunidade</p>	<p>Julgo que sim. Luar, geralmente, quando há este tipo de evento, Luar une-se todo e... Adere bem, vem tudo à revista e ao teatro.</p>	<p>Parece, acho que sim, claro. Anima a terra. Para todos os eventos que se faça, é tudo bonito para a nossa terra. Poruqe a nossa terra vem habituada já a esse tipo de coisas, não é? Em revistas, em comédia. No centro cultural apresenta-se noite de fado, portanto há sempre coisas a apresentar Entrevistadra: também solicitam, querem. Exatamente. Eu até nas noites de fado sou capaz de ir mais a uma Revista do que a uma noite de fado. Na Revista ainda pago um bocadinho. Na noite de fado é aberto e... portanto, as pessoas não se habituam tanto a isso (à noite de fado). Habitaram-se mais ao tipo de revista, ao teatro.</p>
------------------------------	---	---

<p>Avaliação crítica</p>	<p>Para mim é o melhor, portanto... Presta um serviço social. Eu: À freguesia, aos que vão assistir, mas também aos que participam no grupo...</p> <p>Eu, neste momento, gostaria que houvesse mais, mais Revistas, mais teatro porque há pouca coisa. E as pessoas, principalmente os emigrantes, no verão, adoravam ver esse tipo de evento. E já não é a primeira vez que pedem, não é'... E geralmente não acontece nada... Porque, claro, eles estão longe e chegam cá e gostam também de reviver o passado, não é? E eu também gosto.</p>	<p>Estas aprendizagens... Exatamente. Isto mesmo o grupo em si, o que faz parte da administração é muito boa, preocupa-se sempre em fazer algo, portanto eu acho que está bem entregue o teatro a este grupo que está associado a ele. E, pronto, se mais não fazemé porque também não dá para tudo, não é? Mas eu penso que dentro em pouco... Mais vale pouco e bom do que muito e fraco. A avaliação é boa. Pontos fracos... Pontos fracos é o seguinte: nós estamos a manter sempre um ritmo com aquelas pessoas mais antigas e o que eu gostaria é que aparecessem mais jovens , os jovens. Eu agora queria que as pessoas mais velhas descansassem um bocado... Entrevistadora: Mas também faz falta elas estarem ativas. Exatamente. A gente vai sempre buscá-las porque... se entrarem, por exemplo, seis das mais velhas, era bom que aparecessem dez ou doze dos mais novos. Exatamente e para integrarem-se dentro do grupo que é para, depois os mais velhos, claro, não duram sempre. Quando estes saírem, o grupo continua sempre bom e forte. Era isso que era realmente... Inserir mais juventude</p>
--------------------------	---	--

bCategorias	Entrevista 5	Entrevista 6
Perfil socio-profissional	<p>O meu nome é Carinatenho vinte e nove anos. Vivo em Luar.</p> <p>Estado civil, sou solteira, mas vivo com o meu companheiro já há dois anos.</p> <p>12.º ano, mas estudei até ao 3.º ano de Licenciatura em Ciências da Educação, na Universidade do Porto.</p> <p>Sim, já fiz vários workshops e fiz uma formação de uma maior envergadura com o Seiva trupe que é uma companhia profissional do Porto. Fiz um curso intensivo de seis meses e, depois, continuei a aperfeiçoar e a continuar a frequentar workshops sempre que tinha a possibilidade para isso.</p>	<p>Celestino Ruas.</p> <p>23 anos.</p> <p>Solteiro, muito solteiro.</p> <p>A minha profissão... São muitas ao mesmo tempo.</p> <p>Às vezes toco em bares ou em hotéis, em animações, trabalho também num negócio de família, na Pastelaria Luarense, passo a publicidade, e, lá está, vou mantendo ocupações a nível do associativismo também.</p> <p>Sim.</p> <p>Tenho o curso profissional em Técnico informático e gestão, tirado na Escola Profissional, em 2005-2008, que corresponde ao 12.º ano.</p> <p>Não. Depois entrei para a Faculdade de Letras...</p> <p>Suspendi porque a música estava a bater mais forte.</p>
Percurso na associação	<p>Neste momento, sou vice-presidente do grupo e sou atriz também, embora tenha feito também algumas pequenas coisas de encenação.</p> <p>Há cinco anos...</p> <p>Já são dois mandatos e meio... Por aí.</p>	<p>Faço parte do corpo artístico e da direção também, na qualidade de vogal.</p> <p>Mas sou essencialmente ator.</p> <p>Já desde 2009.</p> <p>Ok. No grupo fizemos várias sessões de poesia já, uma delas com um poeta fãgueiro – Abel Vinha dos Santos.</p> <p>Entrevistadora: Mas também já declamaste poesia tua?</p> <p>Também. e “O Meu caso” de José Régio. Uma farsa deliciosa.</p> <p>E depois “O Gebo e a Sombra” de Raúl Brandão.</p> <p>Era o Gebo. A sombra, se calhar, era mais principal (risos)</p>

<p>Experiências anteriores</p>	<p>Não, nunca fiz parte de associações. Em adolescente pratiquei desporto, mas estar numa direção de uma associação, não.</p> <p>Em muito nova, fiz parte do grupo desportivo de Esposende quando joguei andebol, mas é só essa experiência.</p> <p>Sim, das marchas também fiz parte, também até a uma idade muito... Até aos meus doze, treze anos, embora tivesse gostado muito, sim.</p>	<p>A Comissão de Festas do Sr. Bom Jesus de Luar, em não faço grande coisa sinceramente... Exatamente. Este ano está suspenso, para já.</p>
<p>Motivações, interesses e objetivos</p>	<p>Depois de ter tirado este curso, tive o desejo de estar sempre ligada ao teatro e surgiu a oportunidade de entrar para esta associação.</p> <p>Houve também a motivação de poder trazer para a minha terra, para a nossa terra, o teatro e atividades culturais e poder partilhar com as pessoas da minha terra as minhas experiências a nível do teatro. E achei que em Luar há uma grande lacuna nas atividades culturais e tinha essa grande vontade de poder levar teatro e poesia que também já fizemos. Poder contribuir aqui para a gente da terra e também para os jovens da terra através dos workshops que fizemos para eles. Acho que aqui há poucas oportunidades e pouco acesso a atividades culturais.</p> <p>Em primeiro lugar, quando me associei talvez fosse mais uma perspetiva pessoal de poder desenvolver as minhas capacidades e continuar a pô-las em prática como atriz. Mas, depois, ao longo do mandato, fui obtendo outras coisas que se calhar não estava à espera, não é? Experiência, a partilha com os mais jovens daqui da terra que se juntaram, poder ensinar-lhes algumas coisas... Poder ser significativa...</p>	<p>Em primeiro lugar foi o convite do Helder Carreira. E depois... e depois... Inicialmente o Helder falou-me que contava com a minha colaboração na área da dança. Na altura eu dançava, agora já não. Mas depois acabou por desaparecer (o Helder). E eu descobri com este grupo, com a ajuda da Carina, e a tua ajuda, e do Ivo principalmente, uma grande paixão pela representação e é mais isso que me tem prendido aqui. E também as amizades que criei com todos.</p> <p>Não procuro obter... Eu gosto de aprender com todas as minhas experiências, mas não procuro obter nada.</p>

<p>Percepções e opiniões</p>	<p>Sim, parece-me bastante relevante porque acho que enquanto sociedade o teatro é uma forma das pessoas poderem olhar para elas próprias, poderem olhar para aquilo que as preocupa, aquilo que está mal... O seu lado cultural, o seu lado social. E ao pormo-nos em palco, as pessoas vêm ao teatro e estão-se a ver a elas próprias e estão a pensar sobre si próprias.</p>	<p>Não, é um tempo que dedico com todo o gosto.</p>
------------------------------	--	---

<p>Tipo de atividades educativas</p>	<p>As atividades que promove, promoveu bastante formação, bastantes workshops, mais virados aqui para uma faixa etária mais jovem, claro. Acho que sim, que foi significativo para eles, onde eles puderam desenvolver... E também pelas peças que tem posto em cena, pela poesia que tem posto em cena. Tem feito essa função cultural e essa função social de trazer também de trazer cultura a quem por, muitas vezes, estar numa terra mais pequena não tem tanto acesso a ela. A uma faixa etária, talvez os reformados, que não têm tanta mobilidade para ir ao teatro ao Porto ou a Braga... E aqui têm acesso a ver, se calhar, peças que nunca viram. Se calhar houve gente que nunca veioi ao teatro e teve oportunidade na terra e com a associação de ter.</p> <p>Em primeiro lugar, começámos com poesia, com espetáculos de poesia porque para trabalhar foi mais fácil. Depois, passámos então para peças propriamente ditas. Privilegiamos sempre os escritores portugueses, da nossa língua, autores dramaturgos portugueses.</p> <p>Também era poesia de autoria própria, que também tivemos. E na poesia misturámos também a música. Tivemos o Tino a tocar, tivemos a Romina a cantar. Portanto tentámos aproveitar as capacidades de cada um e os talentos de cada um e juntá-los à poesia. E depois já pusemos em cena José Régio – O meu Caso. Já pusemos em cena Raúl Brandão...</p> <p>O Gebo e a Sombra. Portanto, peças sempre com uma mensagem que é a nossa grande preocupação, uma mensagem social, que deixe as pessoas a pensar, que se ponham em questão a elas próprias e de autores portugueses que acho que é</p>	
--------------------------------------	---	--

<p>Contributos</p>	<p>Bastante porque eu fui bebendo um bocadinho do que cada um trazia. Somos todos muito heterogéneos, muito diferentes. Partilhámos todos as nossas experiências, os nossos talentos. Então fui bebendo a cada pessoa que entra no grupo. Cada pessoa dá o seu contributo para as outras, pelo menos falo por mim. Cada pessoa deu o seu contributo. Porque mesmo com os mais jovens, dos mais jovens até aos mais velhos vão sempre tirando alguma coisa não só artisticamente porque isso vamos evoluindo; quanto mais peças vamos fazendo, quanto mais formações vamos fazendo, vamos evoluindo artisticamente. Mas pessoalmente, psicologicamente e emocionalmente, traz-nos muito.</p> <p>Sim, é uma construção. Também a nível artístico porque a associação proporciona-nos poder fazer vários workshops, varias formações. Pudemos trazer aqui atores profissionais, pudemos trabalhar com eles e acho que todos pudemos crescer a nível de ferramentas artísticas, crescemos bastante. Pudemos todos melhorar e fazermos uma peça e um trabalho mais consistente, bem mais consistente.</p>	<p>Exato, mas também. lá está, a nível técnico, de estar em palco e a questão da colocação da voz... essas coisas, também aprendi bastante, não é?</p> <p>Ajuda-me a lidar melhor com o público, também a nível da música. Com o público e noutras situações em que tiver que falar, em que se calhar não estava tão à vontade para falar para tanta gente. As sessões de poesia também ajudaram bastante.</p> <p>Muito relevante, muito. Precisamente por causa disto que referia agora: dá-nos mais à vontade, o facto de estarmos ali num palco, e depois aprendemos a confiar nas outras pessoas com os exercícios que existem no teatro... Existem exercícios de confiança que ajudam também muito nas relações humanas e pessoais.</p> <p>Sim. Bastante. Estas pessoas em particular, talvez se fossem outras não promovessem tanto, mas...</p>
--------------------	--	---

<p>Efeitos educativos</p>	<p>Eu, a nível pessoal, desenvolvi-me imenso, a fazer aprte desta associação, pois a partilha das experiências das pessoas com quem eu convivi... Temos um elemento que traz a poesia feita por ele, que traz a música, temos um elemento que é dançarina, que é bailarina, que nos traz toda essa parte da perceção do corpo. Depois a parte das relações humanas, também é muito importante, porque acabamos por dirigir um bocado os mais jovens. Psicologicamente descbrimos porque temos que dirigir os outros que não têm tantos conhecimentos, acabamos por fazer um bocado a função de encenador, entre aspas, e com isso vamos aprendendo também. Aprendi muito também emocionalmente, o gerir as emoções, a inteligência emocional, lidar com as emoções porque no teatro também, quando estamos a praticar pomos muito as nossas emoções em causa, as nossas inseguranças, os nossos medos, as nossas vulnerabilidades. No teatro estamos vulneráveis.</p>	<p>Já chegamos muitas vezes a falar sobre literatura e sobre a música e pintura e sobre tudo. É muito bom, acho que também não há muita gente no café com quem falar sobre isto, não é?</p> <p>Sim. Exato. Alguma coisa mais? Essencialmente.</p> <p>Sim, sim, sem dúvida nenhuma. Não só a sua representação, o teatro em si, mas também as relações uns com os outros e a amizade em si. Tudo foi crescendo, não é?</p>
---------------------------	---	---

<p>Impacto na comunidade</p>	<p>Sim, acho também muito interessante o grupo não ter abandonado as suas raízes e aquilo que já era feito para trás e antigamente. Acho muito interessante essa maneira de se conciliar os jovens que chegaram agora, estão a fazer coisas diferentes. Se darem bem e conviverem naturalmente com aquelas pessoas que já estavam no grupo, que faziam a revista, continuarem no grupo. Conviverem as duas vertentes. Parece que são distintas, mas conseguem coabitar muito bem. Até porque a revista tem uma função social também, já muito antiga aqui na nossa terra.</p> <p>Sim, parece-me bastante relevante porque acho que enquanto sociedade o teatro é uma forma das pessoas poderem olhar para elas próprias, poderem olhar para aquilo que as preocupa, aquilo que está mal...</p> <p>O seu lado cultural, o seu lado social. E ao pormo-nos em palco, as pessoas vêm ao teatro e estão-se a ver a elas próprias e estão a pensar sobre si próprias.</p> <p>Sim, parece-me que sim.</p> <p>As atividades que promove, promoveu bastante formação, bastantes workshops, mais virados aqui para uma faixa etária mais jovem, claro. Acho que sim, que foi significativo para eles, onde eles puderam desenvolver... E também pelas peças que tem posto em cena, pela poesia que tem posto em cena. Tem feito essa função cultural e essa função social de trazer também de trazer cultura a quem por, muitas vezes, estar numa terra mais pequena não tem tanto acesso a ela. A uma faixa etária, talvez os reformados, que não têm tanta mobilidade para ir ao teatro ao Porto ou a Braga... E aqui têm acesso a ver, se calhar, peças</p>	<p>Muito relevante, muito.</p> <p>Sim, creio que sim. Primeiro porque essa é a grande função do teatro. É pena é que passe despercebido a muita gente, não é? Porque nunca enchemos a sala.</p> <p>É um povo um bocado desinteressado. Mas (o teatro) tem sempre o seu papel intervencionista e qualquer pessoa que vá ao teatro caba de sair influenciado de alguma forma.</p>
------------------------------	---	---

<p>Avaliação crítica</p>	<p>Pontos fortes: somos bastantes heterogéneos, bastante diferentes. Todos, através das suas formações e das suas histórias de vida e das suas profissões, trazem contributos bastante diferentes para o grupo. As personalidades também bastante diferentes. E depois trabalhamos todos com a mesma vontade, os mesmos objetivos.</p> <p>Pontos fracos: sermos poucos, ainda Uma menos valia. E se calhar as circunstâncias da vida, o nosso trabalho, os nossos horários condicionam-nos um pouco.</p> <p>Até porque as pessoas estão nos seus projetos, as pessoas têm o seu trabalho, e, às vezes, é complicado conciliar</p> <p>Entrevistadora: não fazem do grupo um grupo secundário, mas fica sempre para depois da vida profissional, não é?</p> <p>Claro. Tem que ser e acho que é um problema geral e comum a todos os grupos amadores. Ficam sempre limitados ao tempo que as pessoas depois disponibilizam depois do seu trabalho.</p>	<p>Pontos fortes neste grupo: primeiro, o facto de sermos todos amigos, mesmo antes já sabíamos quem era quem...</p> <p>Os laços reforçaram-se com isto. E depois o facto de sermos todos pessoas muito inteligentes, acho... E informadas e pessoas com quem dá para ter uma conversa...</p> <p>Pontos fracos: não cobrar as cotas, há um ano.</p> <p>Tivemos aí um ano – 2012 – em que não saiu peça nenhuma, mas também estávamos a trabalhar numa peça muito difícil “O Gebo e a Sombra”; é muito profunda, muito dramática e tivemos que trabalhar bem isso.</p> <p>Até porque somos poucos membros e cada um tem a sua vida, o seu trabalho. E as suas coisas para fazer...</p>
<p>Categorias</p>	<p>Entrevista 7</p>	<p>Entrevista 8</p>
<p>Perfil socio-profissional</p>	<p>Lica. 64. Vou fazer 64 anos este mês, no 26 de abril. Entrevistadora: É casada? Sim. Entrevistadora: e vive cá em Luar? Sim. 4.ª classe.</p>	<p>Mina. Entrevistadora: Está casada, é casada? Sim, tenho dois filhos. Eu: estão os dois formados, sei que sim. M: sim. Eu sou ajudante de Lar/Centro de dia. Na Santa Casa da Misericórdia de Luar. Vivo em Luar, pois. Fiz a 4.ª classe e para mais tarde fiz o 9.º ano de escolaridade. 6.º e 9.º. Sim, nas Novas Oportunidades.</p>

<p>Percurso na associação</p>	<p>canto, danço, faço... Teatro, revistas, tudo.</p> <p>Tinha eu... catorze anos. A primeira canção que fui cantar foi “A Luarinha”, foi feita pelo Sr. Mário Belo, falecido, e o Nené Glória, falecido também, que fez este papel da luarinha precisamente para mim e o Inocêncio que também já faleceu. Foi em 68 mais ou menos; 67, 68.</p>	<p>Um pouco de tudo. Portanto, solista, faço contradança, pronto, represento o que for programado para fazer.</p> <p>Já desde 73. Ainda não havia esta associação já eu participava, antigamente, nos primeiros... desde os meus dezoito anos. E desde aí continuou-se Sim, foi-se buscar esses apanhados dessa altura. E já muito antes de mim, muito antes. Entrevistadora: haa, então vem... é anterior? Do tempo do sr. Ernestino Glória que eu nunca conheci.</p>
<p>Experiências anteriores</p>	<p>Tinha eu dezassete anos, na revista do Sr. Mais, na revista que o Sr. Maia fez. Eu também já tinha iniciado outras revistas, mas eram umas revistas mais pequeninas que eram do Caterpila. E depois então é que fui fazer revista com o sr. José falecido Maia e onde fui cantar “A Luarinha”, o “Luar antigo” com as saias pela cabeça, aquele tom (catarola) “Olhai, srs. e como Fão antigamente...” L: E fui cantar, então, e “Os pregões”. Depois daí, nunca parei até hoje. Entrevistadora: Então digamos que este início, de jovem, foi o que a levou até hoje ainda a estar ligada... Sim, até hoje. Adoro estar em palco, adoro cantar, adoro estar com o micro a cantar. Adoro, adoro, gosto muito.</p> <p>Estou na ginástica, na ginástica que é um dia por semana, à quarta feira. Faço parte do coro da igreja já há muitos anos. Da igreja já faço parte... Depois da Comunhão Solene, tinha eu 12 anos, fiz a Comunhão Solene, nunca mais parei de cantar, a não ser cinco anos que fui a frança ou seis anos.</p>	<p>Não, não, que não tinha tempo para isso. Não é que não gostasse, mas não tinha disponibilidade.</p>

<p>Motivações, interesses e objetivos</p>	<p>Sim, conviver com as outras pessoas, ganhar amizades, novas amizades.</p> <p>Entrevistadora: O que pensava obter quando veio para o grupo? Desde pequena? Essas amizades?...</p> <p>Sim, sim, sempre gostei muito. De poder estar em palco...</p> <p>Entrevistadora: Ser prestável...</p> <p>Sim, é isso.</p> <p>Entrevistadora: desenvolver a voz?</p> <p>Sim, desenvolver a voz.</p>	<p>É o gostar de cantar, o gostar de cantar e depois participar. No tempo da juventude já havia as marchas, em 1970, andava eu com quinze anos.</p> <p>Quando começaram as marchas em 1970, depois, a seguir, não é? Com doze anos já tinha visto um espetáculo. E apanhei muitas cantigas dessa altura. No tempo da Bina.</p> <p>Lembro-me perfeitamente da Bina a cantar. Tinha eu doze anos. Depois, à noite, ao fazer o serão em casa, fazia os trapinhos com a minha irmã, fazia as cantigas aquelas com que eu fiquei no ouvido.</p> <p>Entrevistadora: digamos que se associou a este grupo por influência de...</p> <p>Na altura, foram pedir ao meu pai para me deixar ir, que não deixava, o meu pai não deixava, claro. Aquilo para nós, para mim e para a minha irmã foi uma... para nós sairmos</p> <p>Entrevistadora: Instante de liberdade.</p> <p>Ora. À noite tinha que vir o nosso irmão connosco e depois acabou por participar também. Tinha poucos rapazes e ele participou também. Vinhamos todos os dias. Aquilo para nós era a loucura porque nós queríamos entrar noutro mundo, noutro meio.</p> <p>Depois nós víanhamos à noite e era a aquela convivência com colegas. Com colegas que eu já tinha de escola. Havia uma diferença, que éramos diferentes, temos que dizer que éramos diferentes, portanto, éramos mais acanhadas.</p> <p>Entrevistadora: Está a referir-se às pessoas das Pedreiras (lugar de Luar)?</p> <p>Sim, e não só das Pedreiras. Havia lá pessoas que tinham outra maneira de viver. Nós éramos... As pessoas aqui achavam que nós, por sermos... Por trabalharmos no campo, que éramos diferentes. E mesmo também, eu tenho dito e é verdade, nós não nos vestíamos como se vestiam aqui no centro. Nós começamos a usar calças</p>
---	---	---

Perceções e opiniões	Muito importante, muito importante. É a coisa mais importante.	Sim, muito. Era bom aparecerem mais. Mais pessoas. Que nós até temos muitos talentos cá, dos novos, com boas vozes. Acho que devem acanhar-se, ter vergonha. Mas eu acho que devia de haver como no nosso tempo: fomos aquela geração daquelas idades... Captação destas idades. Haver aquelas idades, não tão de mais idade. Haver de mais idade e um grupo mais novo que era para aqueles mais novos se sentirem mais à vontade. Para ver se eles querem participar. O que se vê é que as universidades também prendem muito tempo. Antigamente não havia as universidades, que as pessoas não iam estudar como agora têm...
Tipo de atividades educativas	Teatro, revista... Entrevistadora: dança... É. Entrevistadora: Poesia... É sim, sr..	
Contributos		

<p>Efeitos educativos</p>	<p>Sim, aprendi a estar em palco, ver o público, ter... Entrevistadora: Ter à vontade... É isso mesmo. Entrevistadora: E no grupo, sente que criou essas amizades de que falava há um bocadinho, e foi importante? Muito importante. Entrevistadora: Ainda hoje as mantém? Ainda hoje as mantenho. São sempre as mesmas.</p> <p>Criar umas amizades. O estar em palco. Entrevistadora: Então considera essas aprendizagens... Muito importantes. A voz. Sim, cresci. Foi fundamental. Gosto muito, sempre gostei de participar nessas atividades. Entrevistadora: culturais? Tudo, tudo.</p> <p>Ajudo mais a sociedade, isso mesmo. Faço-me feliz a mim.</p> <p>Gostam, as pessoas gostam e... Precisam mesmo. E nos anos anteriores era sempre, quando se fazia alguma revista era sempre em função de alguma coisa. Ou que fosse para ajudar os bombeiros ou o salão paroquial ou a Igreja ou o futebol. Já participei, já entrei em revistas que foi para isso. Portanto, o que rendia, era para b e n e m é r i t o d a q u e l a s associações.</p> <p>Entrevistadora: E quando está no grupo a ensaiar também aprende? Sim.</p>	<p>Sim, muitas. Por exemplo, vai-se aprendendo umas com as outras. No global. Entrevistadora: Portanto, em conversa umas com as outras, uns com os outros, aprendem sempre além da dança, do canto, da representação, outras coisas também. a nível individual enriquece-se. Muito. Aprende. E estão interessadas e gostam de participar e que até é um engradecimento até para a terra.</p> <p>Sim. Acho que nunca disseram que não e estão sempre a pedir. Estão sempre prontos. Entrevistadora: parece-lhe que conseguiu aperfeiçoar alguma coisa em si? Muito. Mesmo agora, eu acho que localizo (coloco) mais a voz do que antigamente. Consigo. Vocal. Acho que se faz essa aprendizagem. E cada vez vai-se aprendendo cada vez mais. Embora agora a avoz não tem a força que tinha naquele tempo. Ao longo dos tempos, vai aperfeiçoando, umas mais que outras, mas cada um tem a sua capacidade; umas têm uma capacidade, outras têm outra, mas é normal, que nós não somos todas iguais. Quer-se dizer, aprende-se sempre, para a gente conseguir lidar com as coisas da vida, consiliar os nossos trabalhos em casa, consiliar o ensaio, consiliar outras modalidades. Temos que preparar tudo e dá-nos tempo para tudo.</p> <p>Isso (associativismo) costuma-se dizer que é uma terapia. É uma terapia. Aprender as letras, depois o ensaio, o tom da música, tudo isso, a pessoa vai começando a gostar e vai ganhando vontade. No nosso tempo era assim, a gente apontava a letra hoje, amanhã, vou dizer por mim, amanhã já sabia a letra, a letra na cabeça. Já não olhava para o papel. É a tal vontade. Umas já não aprendiam tão depressa, aí está.</p>
---------------------------	--	---

Impacto na comunidade	É importante pelo convívio e para... que me sinto feliz, sinto-me... sei lá, com vinte anos quando estou em Revista, quando estou no palco, quando estou com o micro. Sinto-me outra pessoa.	Sim. Acho que nunca disseram que não e estão sempre a pedir. Estão sempre prontos.
Avaliação crítica	Tem sido muito pouca coisa. Está um bocadinho paradinho. E há que animar mais um bocadinho.	<p>A avaliação que eu faço é a seguinte: é que umas têm um ponto mais forte do que outras, muitas vezes a própria saúde o permite e mesmo há pessoas que vão abaixo um pouco, perdem a vontade de se expandir mais. Eu acho que a pessoa se se expandisse mais e tivesse mais vontade... às vezes há pessoas que não têm aquela força, vão abaixo, dizem “Eu não consigo” e conseguem.</p> <p>Tirar força de vontade e com a ajuda dos outros tudo se resolve.mas muitas vezes deita-se assim para baixo, mas tem que se deitar para cima.</p> <p>E depois conversa-se um bocadinho, parece que dá outro ânimo. Aquele bocadinho que se vai e se conversa, parece que já... Uma diz isto outra diz aquilo. Só naquele bocadinho dá uma vontade de ao outro dia ter outro ensaio.</p> <p>Estas coisas são assim. E sai-se da rotina do trabalho e da vida de casa. Areja-se a cabeça, e é assim que se tem que fazer.</p> <p>Captação destas idades. Haver aquelas idades, não tão de mais idade. Haver de mais idade e um grupo mais novo que era para aqueles mais novos se sentirem mais à vontade.</p>

Categorias	Entrevista 9	
------------	--------------	--

<p>Perfil socio-profissional</p>	<p>Sou Igor. Tenho 31 anos e sou solteiro. Neste momento não tenho. Também já não estou no desemprego, porque é assim... Já nem estou. Nós (ele e a namorada vão emigrar dentro de um mês) já assinamos o contrato de formação. Fomos à Alemanha fazer isso. Mas também não tenho emprego. Vou agora tirar um curso de três anos e meio. A mim faltam-me duas cadeiras para acabar a licenciatura, mas não está acabado, para todos os efeitos tenho o 12.º segundo. Em Gestão de recursos Humanos. Encenador. É, sim, dois, três anos.</p>	
<p>Percurso na associação</p>		
<p>Experiências anteriores</p>	<p>Sim, eu estive ligado... Não gosto muito desta palavra ligado... Sempre estive ligado à música, e portanto continuo a produzir música eletrónica. Também estive no Conservatório. Cheguei a ter bandas, a tocar guitarra. Joguei futebol federado, toda a minha infância, e era em associações. Com amigos.</p>	

<p>Motivações, interesses e objetivos</p>	<p>O teatro. Claro. Aliás, nós tivemos no grupo exemplos gritantes. Pessoas que eram muito tímidas, como as gémeas, pessoas muito encismadas, e que no fim, depois de estarem connosco, estavam muito diferentes, mesmo. As pessoas que as conheciam notaram uma transformação. Em termos de relacionamento humano, fundamentalmente. Sim, claro. Sim, também. Eu, antes disso, para começar a fazer a encenação tive que pesquisar um bocado, de uma forma autodidata, tentar colecionar algumas ferramentas que me ajudassem para além da minha intuição. Li o manual de encenação, não me estou a lembrar do nome do escritor, Mas um manual muito... Eu li, isso ajudou-me imenso a perceber a metodologia, a perceber a erceberos timings... Sim. Sim. Não passei noites... mas portanto, fiz o meu trabalho. Não ia para lá só com a minha intuição. Sim. Quer dizer, nada é gratuito. Eu dei, recebi, é por aí... sem dinheiro envolvido.</p>	
---	--	--

<p>Perceções e opiniões</p>	<p>Percebo a pergunta, mas tenho muitas dúvidas que o teatro tenha essa função. Seria um bocado mutilador para o teatro ter... O teatro deve ter funções artísticas. Sociais é se as pessoas quiserem, mas isso está mais nas mãos das pessoas do que no teatro. Na minha opinião estão imbuídas num ambiente artístico, que é assim mesmo, é formador. Mas dizer que é formador socialmente não sei. Terias primeiro que definir o que é que socialmente queria dizer, porque é muito complicado... Prefiro dizer que o teatro tem um ambiente artístico e as pessoas ficam imbuídas nesse ambiente e isso acaba por as transformar, mais ou menos, dependendo das pessoas, mas... É isso. Elas verem-se de uma forma diferente, serem um espelho diferente. Que é isso, não é?</p> <p>Claro, como em qualquer atividade, não é? Mas no caso do teatro, especificamente, é quase impossível. Estando envolvido, recebe-se sempre. Recebe-se sempre, porque entra-se num imaginário diferente; quer dizer, psicologicamente há coisas que se passam e não se passam dessa forma no teatro se não não tinham interesse nenhum. É isso que faz o teatro especial - o facto de se estar meses e meses a preparar duas horas de espetáculo. E não é como um filme, ou uma montagem, onde faz, cola-se, recola-se. Não. O que acontece, acontece num tempo real, e isso é muito interessante. Numa época tão multimédia e tão pouco tempo real, apesar das pessoas acharem que se passa tudo em tempo real, o teatro é verdadeiramente em tempo real. O que é estranho, porque é analógico, não é digital, mas é em tempo real.</p>	
-----------------------------	--	--

Tipo de atividades educativas	<p>Eu só estive envolvido no teatro, não posso falar daquilo que... Eu não estive muito envolvido com a associação em termos de associação, é mais encenação de teatro, ponto. Era o meu caso. E isso fez-me envolver com todas as pessoas; pelo menos todas pessoas que estavam relacionadas com o teatro em si: os atores, as pessoas que vieram colaborar na encenação, como o Tino, ou na caracterização, como o João, o namorado da Joana. E é importante, porque isso depois traz outras pessoas com outros know hows, outros conhecimentos e isso é sempre bom.</p>	
Contributos		

<p>Efeitos educativos</p>	<p>Claro. Aliás, nós tivemos no grupo exemplos gritantes. Pessoas que eram muito tímidas, como as gémeas, pessoas muito encismadas, e que no fim, depois de estarem connosco, estavam muito diferentes, mesmo. As pessoas que as conheciam notaram uma transformação.</p> <p>Em termos de relacionamento humano, fundamentalmente.</p> <p>Sim, claro.</p> <p>Sim, também. Eu, antes disso, para começar a fazer a encenação tive que pesquisar um bocado, de uma forma autodidata, tentar colecionar algumas ferramentas que me ajudassem para além da minha intuição. Li o manual de encenação, não me estou a lembrar do nome do escritor, Mas um manual muito...</p> <p>Eu li, isso ajudou-me imenso a perceber a metodologia, a perceber a erceberos timings...</p> <p>Sim, eu sinto que sou uma pessoa mais crescida. É complicado dizer nisto ou naquilo, mas fiz. Fez-me amadurecer. Fez-me lidar com pessoas de faixas etárias completamente diferentes, principalmente as mais novas, gerações diferentes, e isso é sempre... E tinha uma posição, ainda que seja teatro amador, de liderança, quer dizer, elas faziam aquilo que eu lhes pedia, portanto é sempre um desafio imenso.</p> <p>Eu acho que sim, eu acho que... pelo menos consegui ver algo em mim que não teria visto se não tivesse feito teatro.</p> <p>Que é exatamente o que acontece com os atores. Eles veem-se em posições que não se veriam, se não fosse o teatro. É isso que se espera, faz com que essas pessoas cresçam e sejam mais do que antes de entrar no teatro.</p> <p>Sim, o grupo é muito diferente no início do que é agora.</p> <p>Quando acaba um peça ou as várias peças, não é?</p> <p>Sim.</p>	
---------------------------	---	--

Impacto na comunidade	<p>Claro, como em qualquer atividade, não é? Mas no caso do teatro, especificamente, é quase impossível. Estando envolvido, recebe-se sempre. Recebe-se sempre, porque entra-se num imaginário diferente; quer dizer, psicologicamente há coisas que se passam e não se passam dessa forma no teatro se não não tinham interesse nenhum. É isso que faz o teatro especial - o facto de se estar meses e meses a preparar duas horas de espetáculo. E não é como um filme, ou uma montagem, onde faz, cola-se, recola-se. Não. O que acontece, acontece num tempo real, e isso é muito interessante. Numa época tão multimédia e tão pouco tempo real, apesar das pessoas acharem que se passa tudo em tempo real, o teatro é verdadeiramente em tempo real. O que é estranho, porque é analógico, não é digital, mas é em tempo real.</p>	
-----------------------	---	--

<p>Avaliação crítica</p>	<p>Os pontos fortes eram as pessoas do próprio grupo. Não era a estrutura, não era o que se passa à nossa volta, porque isso é um ponto fraco imenso. O único ponto forte eram as pessoas e os seus interesses, como sempre. Porque em termos estrutural é tudo muito fraco aqui, muito ténue, muito rarefeito...</p> <p>Não.o país inteiro. E por maioria de razão, o norte do país. Aliás, fora dos grandes centros do porto e de Lisboa, passa-se muito pouco. É simplesmente assim.</p> <p>Os pontos fracos... Quer dizer não podemos dissociar do que se passa no país, não é? E o teatro, como todas as atividades, implica custos; e numa altura em que toda a gente só fala em dinheiro, só fala em... Não é que na altura das vacas gordas, nos anos noventa, houvesse muito teatro, não havia; quer dizer, o povo português não é um povo culturalmente muito evoluído, nem prevejo que o vá ser nos próximos tempos, enquanto as prioridades das pessoas forem associações desportivas, associações disto e daquilo e o teatro for visto, lá está...</p> <p>Aqui em Portugal, quando se fala em teatro amador é quase como teatro de segunda, é um conceito que, por exemplo, no estrangeiro não se fala muito, teatro é teatro. Muitas vezes é amador e eles não fazem questão de o dizer. Fazem teatro. Aqui existe o teatro subsidiado e o teatro amador.</p> <p>O grupo mostra, permite sempre mostrar que as pessoas têm mais talentos fo que aquilo que a maior parte das vezes não imaginam. E isso é geral.</p>	
--------------------------	--	--